



Fala Parente!

A covid-19 chegou entre nós



Este livro apresenta uma centena de relatos indígenas sobre a chegada da pandemia da covid-19 nas aldeias. Eles dizem muito sobre os sentimentos de muitas pessoas. Dúvidas, medo, apreensão, insegurança: “É sufocante não saber quando isso vai acabar”.

Nós, povos indígenas, sempre estivemos em luta, pela demarcação de nossas terras, pela proteção do meio ambiente, pela saúde e respeito aos nossos modos de vidas. Atualmente estamos lutando contra a covid-19, que já contaminou mais de 45 mil indígenas no país, atingindo mais de 165 povos. E ancestralizou mais de mil indígenas. Foram muitos anciãos que morreram e levaram muita sabedoria. Quando eles vão assim precocemente, parte da nossa cultura enfraquece, porque não deu tempo de ensinar e repassar nossos conhecimentos ancestrais. São inúmeras práticas e experiências que se perdem.

Mas não queremos perder mais nenhum parente! Para combater esse vírus é preciso imunizar todas as pessoas. E com-



Fala Parente!

A covid-19 chegou entre nós

INSTITUTO DE PESQUISA E FORMAÇÃO INDÍGENA/IEPÉ

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará. O Iepé proporciona assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

Conselho diretor

Lux Boeltiz Vidal (presidente)
Lúcia Hussak van Velthem (secretária)
Marina Kahn (tesoureira)

Conselho editorial

Denise Fajardo
Dominique Tilkin Gallois
Luis Donisete Benzi Grupioni
Lúcia Hussak Van Velthem
Lux Boeltiz Vidal

Coordenador executivo

Luis Donisete Benzi Grupioni

PROGRAMA OIAPOQUE

Coordenadora

Rita Becker Lewkowicz

Equipe

Juliana Souza Andrade Licio
Gina Marcela da Silva Feitosa
Juan Junio Morais dos Santos

Assessora antropológica

Lux Boeltiz Vidal

Para saber mais sobre o Iepé consulte
www.institutoiepe.org.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Reitor

Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira

Vice-Reitora

Prof.ª Dr.ª Simone de Almeida Delphim Leal

Pró-Reitor de Administração

Msc. Seloniel Barroso dos Reis

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Prof.ª Dr.ª Elda Gomes Araújo

Pró-Reitor de Planejamento

Prof. Msc. Erick Frank Nogueira da Paixão

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Cleidiane Facundes Monteiro Nascimento

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof.ª Dr.ª Amanda Alves Fecury

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias

Prof. Msc. Steve Wanderson Calheiros

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Madson Ralide Fonseca Gomes

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

Conselho editorial

Madson Ralide Fonseca Gomes (presidente), Ana Flávia de Albuquerque, Ana Rita Pinheiro Barcessat, Cláudia Maria Arantes de Assis Saar, Daize Fernanda Wagner, Danielle Costa Guimarães, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Janielle da Silva Melo da Cunha, João Paulo da Conceição Alves, João Wilson Savino de Carvalho, José Walter Cárdenas Sotil, Norma Iracema de Barros Ferreira, Pâmela Nunes Sá, Rodrigo Reis Lastra Cid, Romualdo Rodrigues Palhano, Rosivaldo Gomes, Tiago Luedy Silva e Tiago Silva da Costa

Organização
Elissandra Barros

Fala Parente!

A covid-19 chegou entre nós

lepê
PET-Indígena

Oiapoque, 2021

Copyright © Iepé, 2021
Copyright © Autores, 2021

O livro **Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós** é uma realização do PET-Indígena do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Organização

Elissandra Barros

Equipe PET-Indígena/UNIFAP

Airilson dos Santos Narciso
Cleisy Narciso Silva
Davi Castro Gabriel
Diogo Monteiro dos Santos
Elen Vidal de Figueiredo
Ilda Silva Pastana
Keila Felício Iaparrá
Lenise Felício Batista
Luene Anicá dos Santos
Maiara Iaparrá Muré
Matanauru Waiana Apalai
Nadilson Felipe
Elissandra Barros (tutora)

Equipe de transcrição

Danilo Rufino Cavalcante de Souza
Elissandra Barros

Equipe de tradução

Benjamin Mba Abuy Nfumu (espanhol)
Carlos Armando Reyes Flores (espanhol)
Darleine Esther Joseph (francês)
Gabriel Eudes de Amorim Lima (inglês)
Jakub Przychodzeń (inglês)
Johnson Morancy (inglês e francês)
Manuella Adèle Fifamê Chokki (francês)
Nelson Omar Arellano Parra (espanhol)
Ruth Lydie Joseph (inglês)
Ydoreh Gomes Borges (inglês)

Criação e arte nas mídias sociais

Patrícia Teixeira Azevedo Wanderley

Edição

Luís Donisete Benzi Grupioni

Projeto gráfico e editoração

Renata Alves de Souza
Tipográfico Comunicação

Realização



Apoio institucional



Parceria institucional



Sumário

Prefácio RITA BECKER LEWKOWICZ	9
A covid-19 chegou entre nós ELISSANDRA BARROS	11
Povos Indígenas, entre histórias e epidemias CARINA SANTOS DE ALMEIDA	16
Relatos	
Tenho medo que essa doença chegue aqui KEILA FELÍCIO IAPARRÁ	24
Voltamos para os nossos ninhos LUENE ANICÁ DOS SANTOS	25
Com a chegada da covid-19 tudo mudou MAIARA IAPARRÁ MURÉ	26
Não queremos adoecer na cidade MATANAURI WAIANA APALAI	27
A comunidade decidiu manter o isolamento na aldeia ELEN VIDAL DE FIGUEIREDO	29
Será que dentro das aldeias, isolados, estamos seguros? DIOGO MONTEIRO DOS SANTOS	30
Estamos sendo encurralados no nosso próprio território LENISE FELÍCIO BATISTA	31
Com o isolamento social ficou difícil para nós ARILSON DOS SANTOS NARCISO	33
O isolamento foi a melhor solução e nos livrou por um tempo GARCIELSON CHARLES DOS SANTOS	35
Temos que permanecer na aldeia ILDA SILVA PASTANA	36
Eu pensava que o vírus não chegaria até nós CLEISY NARCISO SILVA	37
Uma guerra contra um inimigo invisível JAQUELINE JEAN JACQUE	40
O Oiapoque ficou ainda mais isolado DAVI CASTRO GABRIEL	41
A maioria achava que não chegaria até nós JANINA DOS SANTOS FORTE	42
O vírus conseguiu atingir nossa aldeia NADILSON FELIPE	44
Como será nosso amanhã? MAURÍCIO GALIBIS NUNES	45
Eles foram embora e minha mãe morreu ELSON FORTE GALIBI	47
Têm pessoas que não ligam para essa doença MARIANE BARBOSA DOS SANTOS	51
Somos nada diante de um vírus invisível SÔNIA JEANJACQUE	52
Fui o primeiro indígena do Amapá a ser contaminado ODAIR JEANJACQUE	55

Decidimos sair de Belém e voltar para nossa aldeia ANDERSON SANTOS MARTINS	56
Foi impossível conter esse vírus GILVANA SANTOS MARTINS	58
Meu irmão apresentou os sintomas e se isolou CLEUNIURIA NARCISO MONTEIRO	58
Eu vi a morte por várias vezes aqui em casa DIOGO MACIEL	60
É necessário estruturar a saúde indígena PRISCILA BARBOSA DE FREITAS	62
Não sabemos quem é portador do vírus ou não KEILIANE VIDAL MUNIZ IAPARRÁ	64
Na cidade corria mais risco de me contaminar GRACILENE MONTEIRO NARCISO	66
A doença impactou nossa maneira coletiva de viver ALCIMARA ANICÁ DOS SANTOS	68
A gente não conseguiu evitar a propagação do vírus MAGNO DOS SANTOS	69
Uma mãe nunca deixa seu filho sofrer sozinho! MARIA NECY PIMENTEL FELIPE	72
É muito fácil falar “fiquem em suas aldeias” LUENE ANICÁ DOS SANTOS	73
Não há como não sentir medo DILZIANE LABONTE ORLANDO	74
Lutei contra a covid-19 e venci a batalha JULIANA ANIKÁ	75
Conforme os casos apareciam a minha ansiedade piorava DEUSIMAR MACIEL	77
Essa doença é séria, não é para brincar NILO MARTINIANO	79
Nós não queremos morrer dessa doença KURIPI WAIÁPI	81
Toda minha família pegou o vírus CLEISSON IAPARRÁ LABONTÉ	83
Vi que minha mãe estava desistindo NARA ANIKÁ DOS SANTOS	84
Meus filhos tomavam a benção de longe e iam embora ZILMA MONTEIROS DOS SANTOS	85
Sem assistência à saúde, recorremos a nossa medicina RODINALDO DOS SANTOS	87
Todos estavam tristes, recolhidos e doentes ELEN VIDAL DE FIGUEIREDO	88
Essa doença não é uma gripezinha não! SEBASTIANA VIDAL DE FIGUEIREDO	90
Todo mundo pegou e todo mundo passou mal MITORE CRISTINA TIRIYÓ KAXUYANA	91
Que nossos pajés e os cientistas encontrem uma cura YERMOLLAY CARIPOUNE	93
Ficar sem notícias é muito difícil e triste JOSILENE DA SILVA NUNES	94
Nossa medicina tradicional foi fundamental BRUNA ALMEIDA	95
Meu povo se virou como podia ELSON VIDAL DE FIGUEIREDO	96
“Morreu fulano em Oiapoque” LÍLIA RAMOS OLIVEIRA	99
Sentir medo não é tolice IRENE BATISTA FELÍCIO	101

Eu fiquei com saudades da escola JULIEN LOD MACIAL	102
Minha família pegou, não quero que a sua pegue KEILA VIDAL NUNES LAPARRA	103
Meu pai é pajé e o conhecimento dele ajudou muito JAIZINHO MONTEIRO NARCISO	105
A covid-19 está se espalhando muito rápido ILDA SILVA PASTANA	106
Quase esse vírus acabou comigo MATANAURU WAIANA APALAI	108
Devemos ficar distantes nesse momento SAYONARA NUNES MONTEIRO	109
Muita gente ainda não quer se isolar EMILIANO GABRIEL	110
A gente ainda não consegue se sentir seguro DAVI CASTRO GABRIEL	113
É sufocante a sensação de não saber quando isto irá acabar ANA MANOELA P. DOS SANTOS	114
O coronavírus está presente em todos os lugares ANILSON MARCIAL SANTOS	116
Estamos de luto por eles, por todos que se foram LUCIETE DAMASCENO BATISTA	118
Estamos passando por uma crise na Aldeia Palikur AILTON BATISTA	119
Nossas aldeias não estavam preparadas AGNALDO NARCISO MONTEIRO	121
O coronavírus veio para destruir FANI FELIPE	122
Nós fizemos o máximo possível DANILO FIGUEIREDO NARCISO	123
Essa doença só me trouxe dificuldades, tristeza e medo CLEUDIANE PIMENTEL FELIPE	125
Estamos tentando nos recuperar do coronavírus CAVIANO BENJAMIN	126
Tivemos medo de levar pessoas doentes para o hospital KEILA FELÍCIO LAPARRÁ	127
Nos víamos incapazes de proteger nossos filhos ELIÉRSOM LOIÓ BATISTA	130
Nós acreditamos que as pessoas morrem muito no hospital ALARCÍDIO FIGUEIREDO NARCISO	131
Todos da minha família pegaram DIEGO FELIPE ANIKÁ	133
Hoje são os filhos dele que choram, amanhã serão vocês JANINA DOS SANTOS FORTE	134
É horrível saber que você pode pegar essa doença e morrer GISSEIA BATISTA GOMES	137
Uns apresentaram sintomas leves e outros graves ARLISON DOS SANTOS	138
Buscamos nossa própria medicina MELISSA FELÍCIO BATISTA	140
Ainda não temos vacina para estarmos seguros NADILSON FELIPE	141
Os indígenas são mais vulneráveis ao coronavírus DIEIMISOM SFAIR	143
Continua o medo de que algum parente pegue e não resista MAIARA LAPARRÁ MURÉ	144

Na minha família adoeceu todo mundo no mesmo dia CLEISY NARCISO SILVA	145
Quando morre um parente, parte da gente morre junto SUZANA PRIMO DOS SANTOS	147
Passou um tempo e veio essa flexibilidade do isolamento DIOGO MONTEIRO DOS SANTOS	148
Tivemos bons resultados dos tratamentos feitos em casa LENISE FELÍCIO BATISTA	150
Como cacique tive que tomar medidas de prevenção CEDAEL LABONTÉ MARTINS	151
Nós seguimos o isolamento na aldeia LEANDSON ANIKÁ BATISTA	153
A gente continua se protegendo PEDRO DOS SANTOS	154
Bateu um temor pela gravidade LUCIANA SANTA ROSA	158
Meu pai não resistiu à agressão desse vírus EDERVAN FORTE DOS SANTOS	159
Essa pandemia ainda não passou ALDIERE ORLANDO	161
Tenho fé que esse susto e terror vão passar MARQUILENE NARCISO FELÍCIO	164
Sem os profissionais da saúde seria pior NAIR BATISTA FELÍCIO	165
Ficou difícil lidar com os parentes indígenas DALSON DOS SANTOS	167
Internei, transferei, tratei, dei alta e perdi pacientes YARA AYLLYN DOS SANTOS	171
A resiliência do Movimento Indígena KLEBER LUIZ SANTOS DOS SANTOS	173
Das 19 mortes no Oiapoque 14 são de indígenas PRISCILA BARBOSA DE FREITAS	176
Eu estava ciente que o primeiro contato seria conosco CLEBESOM GABRIEL SILVA	179
Tive que orientar muito meu povo JEILSO ORLANDO BATISTA	181
Passsei a dar valor para a medicação natural NILTON ROBERTO	183
Temos que contar a grande turbulência que passamos SÉRGIO DOS SANTOS SILVA	184
Os profissionais de saúde foram os que mais sofreram ROSINEIDE NARCISO	187
Estamos fazendo de tudo para ajudar nosso povo HOSANDINHO CHARLES DOS SANTOS	189
Ainda existe medo, nada voltou ao "normal" ODAIR JEANJACQUE	192

Prefácio

RITA BECKER LEWKOWICZ
COORDENADORA DO PROGRAMA OIAPOQUE DO IEPÉ

A pandemia da covid-19 vem afetando o mundo todo de formas distintas e inesperadas, trazendo incerteza, dor e luto, mas também resiliência e solidariedade. Ainda que a pandemia por definição seja global, vemos efeitos locais muito específicos e que precisam ser entendidos para além das definições e parâmetros biomédicos ou epidemiológicos. Noções de corpo e pessoa, saúde e doença, visível e invisível são somente alguns exemplos de conceitos colocados em cheque nas vivências aqui relatadas perante a chegada da covid-19: memórias de epidemias ainda vivas, ritos funerários modificados por prescrições médicas, lógicas de cuidado indígenas e os remédios da floresta, entre outras tantas situações que nos provocam a pensar sobre a multiplicidade dos impactos causados pela covid-19 entre os povos indígenas.

Os cem relatos compilados nesta publicação trazem à tona diferentes formas de vivenciar os efeitos da covid-19, a partir das experiências descritas por autores e autoras indígenas dos povos Apalai, Galibi Kalin'á, Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur-Arukwayene, Tiriyó, Kaxuyana e Waiãpi. Os relatos que seguem, de lideranças, enfermeiros, estudantes, professores, velhos e jovens indígenas, podem ser vistos como uma coleção de "testemunhos", no sentido atribuído ao termo por Veena Das¹, em que o ato de testemunhar é entendido como uma forma de sobrevivência, ao narrar situações extremas que afetam não só subjetividades, mas o tecido social como um todo. As narrativas que seguem nos convidam a um exercício de escuta atenta. São depoimentos urgentes, datados e ao mesmo tempo atuais, a cada nova onda da pandemia.

As experiências compartilhadas transportam o leitor para o cotidiano das aldeias e das cidades no interior da Amazônia, no extremo norte do país, trazendo possibilidades outras de vivenciar a pandemia, pouco difundidas nas narrativas oficiais. Lições de autonomia, mas também denúncias de violações de direitos são parte desse registro, que permi-

1 DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu* (37), julho-dezembro de 2011:9-41.

tem construir historicidade sem o enclausuramento de uma história única. A pandemia vista para além das estatísticas. Cada narrativa traz uma memória, um acontecimento, um gesto, uma voz.

Este livro é fruto de uma parceria entre os autores e autoras indígenas, o PET-Indígena do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP e o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena - Iepé. Mais que nada, é uma homenagem às vidas indígenas levadas pela covid-19. Às lideranças, jovens, mulheres, idosos e crianças que faleceram, mas que deixaram trajetórias marcantes entre seus parentes, em suas aldeias, no movimento indígena e na história.

A covid-19 chegou entre nós

ELISSANDRA BARROS
TUTORA DO PET-INDÍGENA/UNIFAP

Neste ano o PET-Indígena¹, assim como a Universidade e o mundo todo, sofreu com os impactos da pandemia provocada pelo novo coronavírus. O grupo é formado por Cleisy Narciso Silva, Davi Castro Gabriel, Ilda Silva Pastana e Arilson dos Santos Narciso do povo Galibi-Marworno; Keila Felício Iaparrá, Lenise Felício Batista e Maiara Iaparrá Muré do povo Palikur-Arukwayene; Elen Vidal de Figueiredo, Luene Anicá dos Santos, Diogo Monteiro dos Santos e Nadilson Felipe do povo Karipuna; e Matanauru Waiiana Apalai, do povo Apalai; sob tutoria da professora Elissandra Barros. Em 16 de março de 2020 o PET-Indígena teve toda sua programação presencial suspensa após a confirmação do primeiro caso de infecção por covid-19 no estado do Amapá. Imediatamente, a maior parte dos petianos retornaram às suas aldeias, a fim de cumprir o distanciamento social junto de suas famílias. Nós, do PET-Indígena, ainda tentamos, por um tempo, manter uma dinâmica de estudos dirigidos para a continuação das pesquisas iniciadas, nos utilizando do acesso mínimo à internet que alguns dos petianos possuem em suas aldeias, em outras, nem o mínimo existe. Contudo, o cenário de medo, incertezas e angústias que nos rodeava, ampliado pela dificuldade de comunicação, nos mostrou que aquela estratégia, além de ineficiente, estava incorreta, pois alheia à realidade dos petianos, de suas famílias e comunidades.

A covid-19 estava entre nós e não havia como ignorá-la, sempre onipresente em qualquer conversa que fazíamos no grupo, durante as quais sentíamos a necessidade de falar, de contar o que estávamos sentindo,

1 O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa da Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC) e foi instituído para apoiar atividades acadêmicas que integrem o tripé ensino-pesquisa-extensão, tendo sido criado em 1979. O PET-Indígena do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) foi criado 2010 e, ao longo dos anos, tem se consolidado como um espaço de visibilidade para as questões indígenas dentro da Universidade, contribuindo para a formação de pesquisadores indígenas e promovendo ações de ensino, pesquisa e extensão que buscam, efetivamente, uma maior interação entre a Universidade e as comunidades indígenas. O PET-Indígena é o único grupo PET da UNIFAP que funciona fora da sede, estamos localizados no Campus Binacional de Oiapoque, na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa.

vendo e vivendo, de relatar aquela nova realidade que, embora também estivesse sendo vivenciada em outras partes do Brasil e do mundo, era a “nossa” realidade. Surgiu assim, internamente, a ideia de fazer os relatos dos petianos e divulgar em nossa página do PET-Indígena no Facebook, através do Projeto de Extensão Fala Parentel, que já desenvolvíamos com outras ações.

Não foi fácil para nós, enquanto grupo, a divulgação dos relatos dos parentes. A carga emocional dos relatos é muito grande, não é fácil falar de um momento tão difícil pelo qual todos estavam passando e que envolve sentimentos tão fortes quanto dor e medo. A divulgação dos relatos não poderia ter sido feita sem uma relação de confiança mútua entre o PET-Indígena e as comunidades, construída ao longo dos anos e para a qual o trabalho do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena tem grande mérito. Todos os que enviaram seus relatos – através de textos, áudios e vídeos – depositaram em nós uma confiança muito maior do que o trabalho que fizemos e somos profundamente gratos.

Os relatos apresentados neste livro refletem uma multiplicidade de vozes e olhares indígenas sobre a covid-19. Sempre em primeira pessoa, é através da voz de homens, mulheres, crianças, idosos, indígenas que vivem em aldeias isoladas ou em cidades maiores, estudantes, lideranças e profissionais indígenas da saúde, que é possível constituir um importante registro histórico da presença da covid-19 entre os povos indígenas.

O PET-Indígena publicou os relatos, diariamente, em sua página no Facebook², no período compreendido entre 21 de maio e 29 de agosto de 2020. Ao todo foram 100 relatos, com foto, nome, aldeia e, principalmente, identidade! Foram 100 dias ininterruptos de publicação, durante os quais pudemos acompanhar a preparação das comunidades para o enfrentamento da covid-19, a chegada do vírus nas aldeias, o medo da doença, a dor da perda e o luto das famílias, bem como os diversos impactos da covid-19 no modo de vida das comunidades e povos indígenas.

Quando o primeiro relato foi publicado não havia no Amapá nenhum indígena com diagnóstico confirmado da covid-19, embora hoje saibamos que o vírus já estava circulando nas aldeias naquele período. O primeiro relato obteve um enorme alcance, tendo sido amplamente compartilhado nas redes sociais, com altos índices de envolvimento e grande visibilidade.

2 Para acessar todos os relatos, com as imagens, visite a página do PET-Indígena @petindigenaunifap no Facebook.

Para além das redes, a recepção dos primeiros relatos nas comunidades indígenas foi também muito favorável, o que estimulou o grupo PET-Indígena, que encontrou nos relatos uma forma de ouvir as comunidades, de visibilizar suas aflições e de ir além dos números frios e indiferentes sobre a covid-19, anunciados com frequência nos principais meios de comunicação. Os relatos reverberaram nas comunidades indígenas e atravessaram fronteiras, físicas e linguísticas. Originalmente, foram publicados no Facebook acompanhados da tradução para o francês, inglês e espanhol³, o que permitiu que circulassem em múltiplos e diversos espaços, aos quais as vozes indígenas dificilmente conseguem chegar. Eles também acabaram por se tornar uma fonte de informação das próprias comunidades indígenas sobre -a situação de suas aldeias e parentes. A covid-19 não chegou ao mesmo tempo e atingiu da mesma forma os diferentes povos e comunidades indígenas, e isso é possível perceber ao “ouvir” os relatos provenientes dos Apalai, Galibi Kalin’a, Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur-Arukwayene, Tiriyo/Kaxuyana⁴ e Waiãpi, que ecoam suas vozes a partir de 13 aldeias distintas, bem como das cidades de Oiapoque, Macapá, Belém, Brasília e Saint-Georges-de-l’Oyapock, na Guiana Francesa.

Iguais e distintos entre si, assim são os relatos que apresentamos neste livro, organizados seguindo a ordem da publicação original. Para a organização no formato de livro acrescentamos títulos - retirados dos relatos -, sempre seguidos pelo nome de seus autores. Os primeiros relatos mostram a mudanças no cotidiano dos indígenas, com o retorno para as aldeias em decorrência da suspensão das atividades que realizavam nas cidades, principalmente aquelas ligadas à educação. É possível perceber que o coronavírus é tratado como algo longínquo, mas há o medo de sua chegada, principalmente nas aldeias, embora essa possibilidade seja ainda posta em dúvida em virtude da distância e isolamento das comunidades, o que, à princípio, poderia “livrá-las” da contaminação pela covid-19. Esse período também é marcado pelas ações das lideranças indígenas, que se organizaram para o enfrentamento ao coronavírus - com a criação de barreiras para impedir o trânsito de pessoas entre as aldeias e a cidade - e o estabelecimento de regras de distanciamento social e uso de equipamentos de proteção individual, seguindo as orientações que, naquele momento, adivinham das organizações de saúde.

3 Neste livro copilamos somente os relatos em português. No futuro pretendemos organizar um E-book com todas as traduções.

4 Embora Tiriyo e Kaxuyana sejam dois povos distintos, a indígena que fez o relato se identifica como Tiriyo e Kaxuyana, dada suas origens familiares.

A “fuga” para as aldeias menores e para as ilhas mais distantes foi recorrente entre os indígenas e é citada nos relatos de muitos, que também relemoram as estratégias que os seus antepassados utilizaram para “fugir” de outras doenças contagiosas que se espalharam entre os indígenas, como o sarampo. Aliados de um adequado atendimento à saúde e com pouca infraestrutura para apoiar as ações de enfrentamento ao novo coronavírus em suas aldeias, os indígenas muniram-se de seus conhecimentos sobre plantas e ervas medicinais, utilizaram sua própria medicina, tanto na prevenção quanto na cura dos principais sintomas da covid-19. Os diversos chás e banhos são citados nos relatos como métodos eficientes para o reestabelecimento de muitos doentes, tendo contribuído para a minimização dos sintomas da covid-19 e também para que a maioria dos infectados tivessem sua recuperação acelerada e não evoluíssem para quadros mais críticos da doença.

No entanto, nenhuma das estratégias adotadas conseguiu impedir que o vírus atingisse a maior parte das aldeias e povos indígenas. No Amapá, até o momento em que escrevo esse texto, somente o povo Waiãpi permanece sem contato com o novo coronavírus, mantendo o isolamento na Terra Indígena Waiãpi, embora ameaçado pela presença do vírus no entorno de suas terras. No Oiapoque, mudanças na dinâmica de organização das comunidades indígenas e, principalmente, na alimentação, impeliram a saída das aldeias em direção à cidade do Oiapoque, para onde os indígenas se deslocaram a fim de acessar serviços bancários, vender seus produtos e adquirir os alimentos que não são produzidos por eles. Mesmo destacando que os indígenas criaram protocolos para o deslocamento das aldeias à cidade, essa movimentação contribuiu – ou foi determinante – para a entrada da covid-19 nas Terras Indígenas Juminã, Galibi e Uaçá, espalhando-se rapidamente, mesmo entre as aldeias mais distantes e isoladas.

A medida que a covid-19 se espalhava os relatos foram mudando de tom, tornando-se mais dramáticos e dolorosos. A contaminação pelo coronavírus era uma realidade e os relatos passaram a descrever os desafios cotidianos e a batalha de pessoas, famílias e aldeias contra a covid-19, algumas delas perdidas. Começaram a surgir entre os indígenas as “vítimas da covid”, com elas o sentimento de impotência e o luto compartilhado entre todos. O relato das mortes carregam, além da dor, a revolta, principalmente quando as comunidades em que estas ocorreram encontravam-se em um contexto de pouca ou nenhuma assistência

médica e/ou governamental, como tantas vezes é mencionado. Um dia a história nos dirá quantas dessas vidas poderiam ter sido poupadas.

É possível apreender muitas reflexões e aprendizados com a leitura dos relatos reunidos no livro “Fala Parente! A covid-19 chegou entre nós”. Resiliência é a palavra mais apropriada para descrever a forma como os povos indígenas estão lidando com esta pandemia que permanece entre nós e que tem demonstrado que a soberania, a liderança e os conhecimentos dos povos indígenas são uma base essencial para sua saúde e bem viver.

Povos Indígenas, entre histórias e epidemias

CARINA SANTOS DE ALMEIDA

DOCENTE DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL/UNIFAP

As memórias e reminiscências dos povos indígenas nem sempre fizeram parte da história escrita do Brasil, mas hoje os relatos autóctones estão sendo grafados como peles de papel em nossos palimpsestos contemporâneos, para não fugirem de nossas mentes. Em outra perspectiva de reflexão – mas confluindo também para a crítica realizada nas primeiras décadas do século passado por Walter Benjamim, quanto ao empobrecimento da experiência e o esmaecimento da narrativa oral na sociedade ocidental – a liderança indígena Davi Kopenawa Yanomami nos adverte que as palavras escritas, desenhadas e impressas como documentos são *utupa siki* ou “peles de imagens”, e orientam o pensamento dos brancos, cada vez mais marcado pelo esquecimento, pois “se não seguirem seu traçado, seu pensamento perde o rumo. Enche-se de esquecimento e eles ficam muito ignorantes”.¹

Desde quando as terras brasileiras foram invadidas as trocas estabelecidas foram desiguais. Enquanto os povos autóctones forneciam elementos e alimentos da terra e, em contrapartida, recebiam os badulaques europeus, silenciosamente, eram contaminados por doenças infecciosas, vírus e bactérias. As trocas estabelecidas entre os povos não ficaram restritas ao mundo visível, pois muitos patógenos foram compartilhados e, infelizmente, impactaram os corpos e as sociedades indígenas. Dentre as “armas de conquista” utilizadas nas relações entre brancos e índios no Brasil, o antropólogo Darcy Ribeiro destaca que houve um “equipamento mais eficiente de ação sobre a natureza”, que foram os “bacilos e vírus, sobretudo o vírus”.²

A História contemporânea, em sua escrita revisionista da literatura de viagem, descrições, cartas, crônicas, relatos e apontamentos, destaca

1 KOPENAWA YANOMAMI, D.; ALBERT, B.. *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami*. Kindle, 2015.

2 RIBEIRO, D.. *As convulsões ecológicas e bióticas*. In: RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.305.

as epidemias que acometeram demograficamente os povos indígenas, deixando rastros de morte e desolação, tanto no litoral quanto nos sertões. O fatídico descobrimento da América e do Brasil, ou, mais apropriadamente, a invasão europeia, provocou consideráveis mudanças na organização dos povos autóctones, desestabilizando em parte seus contextos espaciais e a ecologia humana, impondo-se em contrapartida às múltiplas reações de (re)existências. Interferiram nesse processo secular de invasões a determinação de novas dinâmicas de povoamento, como reduções, missões e catequeses religiosas, aldeamentos, escravizações, instalação de colônias, fazendas e seus sistemas produtivos, resgates, descimentos e bandeiras, formulando a adoção de outras práticas sociais e culturais.

É consenso na historiografia atual que não foram as armas e pólvoras transportadas nas caravelas dos europeus que romperam a resistência de muitos povos do Novo Mundo, conforme elucidam os estudos históricos de Warren Dean,³ Jared Dimond,⁴ Alfred Crosby,⁵ Stefan Ujvari⁶ e Cristina Gurgel⁷. A doença epidêmica ou infecciosa, os germes eurásianos ou patógenos do Velho Mundo são a chave para se compreender as transformações decorrentes e o imperialismo ecológico que se sobrepôs na América e, conseqüentemente, no Brasil. Entretanto, a dita História tradicional responsabilizou as armas e guerras pelas baixas demográficas sofridas, construindo um discurso equivocado, pautado na ideia de conquista e dominação dos índios pelos brancos. Hoje essa História está solapada porquanto narrativas indígenas são desveladas e qualificam apropriadamente estes cenários históricos permeados de resistências autóctones seculares.

A dificuldade em romper com esse discurso de que os povos indígenas foram “dizimados” principalmente pelas guerras encontra-se, sobretudo, nas noções construídas nos documentos históricos e no imaginário. Enquanto discurso, prevaleceu a perspectiva da visão do paraíso composto por novas terras, idílicas paisagens, plantas desconhecidas e animais pito-

3 DEAN, W. *A ferro e fogo. A história da devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

4 DIAMOND, J. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. 18 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

5 Crosby, A. W. *Imperialismo ecológico*. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

6 UJVARI, S. C.. *A história da humanidade contada pelos vírus, bactérias, parasitas e outros organismos*. São Paulo: Contexto, 2012. UJVARI, S. C.. *História das epidemias*. São Paulo: Contexto, 2020.

7 GURGEL, C. *Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos*. São Paulo: Contexto, 2011.

rescos que passaram a “povoar o imaginário de além-mar”, como explica Cristina Gurgel. Como mitografias, desde o primeiro século de invasão criou-se dualidades de oposições para representar o Brasil. O historiador John Monteiro⁸ exemplifica estas relações, informa que os povos indígenas foram concebidos ora como selvagens, bárbaros, inimigos, traiçoeiros, belicosos; ora como brandos, aliados, gentios, dóceis. Nessa análise, o melhor arquétipo apontado consiste na dualidade Tupi versus Tapuia, onde se concebe por um lado os povos aliados do litoral e, do outro, os povos selvagens dos sertões. Ainda que a visão do paraíso e as mitografias sejam construções históricas, em grande parte para justificar a atuação civilizatória empreendida pelos portugueses no Brasil, perduraram nos documentos de Estado, nos livros de História e na cultura brasileira.

No contexto da invasão da América, Alfred Crosby ressalta que o navegador Cristovão Colombo raptou muitos habitantes das Antilhas para “treiná-los” como intérpretes e “exibi-los” aos seus mecenas, o rei Fernando de Aragão e a rainha Isabel de Castela. Em decorrência, muitos destes ameríndios morreram durante a viagem à Europa, então, Colombo pode apresentar apenas sete nativos na Espanha, além de alguns berloques de ouro, ornamentos dos povos Arawak e uns animais, como papagaios. Um ano depois, ao retornar à América, apenas dois destes indígenas estavam vivos. Em 1495 Colombo “vendeu” 550 “escravos ameríndios”⁹ para o trabalho na Europa, que tinham entre 12 e 35 anos de idade. Desse montante, 200 morreram durante a viagem transatlântica e 350 foram vendidos para trabalhar na Espanha. Segundo Crosby, a maioria não sobreviveu.

As narrativas históricas descrevem epidemias que assolaram aldeias indígenas inteiras. Em meados do século XVI, o mercenário alemão Hans Staden relata mortes em decorrência de gripe entre os Tupinambá do litoral paulista. Também neste mesmo século, o Padre José de Anchieta descreve surtos constantes nos aldeamentos da Bahia com o “mal das bexigas”, conhecida como varíola, tendo falecido mais de 30 mil pessoas, entre índios e escravizados dos portugueses.

8 MONTEIRO, J. E.. *Tupis, Tapuias e os historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese Apresentada para o Concurso de Livre Docência Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo*. Campinas, 2001. Disponível em: <<http://www.wifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

9 Mais apropriado é falar em pessoas, indígenas, que foram escravizados, pois se trata de uma condição imposta.

Chamada em Tupi de *mareba-ayba*, a variola – ou doença maligna – seria mais bem suportada entre as “raças mistas” de negros e brancos, na concepção do naturalista teuto-brasileiro Karl von Martius,¹⁰ do que pelos nativos que tinham verdadeiro “terror” e “pânico” desta doença. De fato, a variola representou nos aldeamentos e vilas do Brasil colonial uma das maiores ameaças invisíveis, sendo que, por vezes, as roupas de variólicos tornaram-se arma biológica no Brasil para se eliminar, intencionalmente, grupos indígenas inteiros considerados hostis e empecilhos à civilização.

Alguns fatores ecológicos contribuíram para o “sucesso” das epidemias entre os povos nativos, dentre eles destacamos certo isolamento geográfico, a experiência genética e imunidade transmitida (deficiência imune), bem como o intercâmbio de micro-organismos com os animais domésticos. Os micro-organismos podem ser transmitidos por gerações na sociedade, tornando-se parte do patrimônio genético de um povo. Por outro lado, o distanciamento ou isolamento geográfico dos povos indígenas da América contribuiu para certa deficiência imune, pois quanto mais se está restrito às trocas de micro-organismos com outros animais, inclusive humanos, menor será a capacidade de resposta orgânica às infecções. Não trocamos apenas ideias, objetos, produção, nossas relações também intercambiam micro-organismos.¹¹

O imperialismo europeu no ultramar tornou-se imperialismo ecológico.¹² Crosby explica que os indígenas conheciam o *puru-puru* (moléstia parasitária cutânea),¹³ a *buba*, também conhecida como bócio (tireoidopatia), a sífilis venérea (nominada pelo missionário cavinista Jean de Léry como *pian* ou doença luxuriante), a hepatite, a encefalite, a pólio (poliomielite ou paralisia infantil), algumas variedades de tuberculose (doença tísica, não àquelas associadas a doenças pulmonares) e também parasitos

10 MARTIUS, Karl F. P. von. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios Brasileiros*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939 [1844].

11 GURCEL, 2011, op. cit. DEAN, 1996, pp. cit.

12 Imperialismo ecológico trata-se de um conceito desenvolvido por Alfred Crosby (2011), que considera outros fatores para se entender os processos de expansão e colonização difundidos pela terra, com destaque para a biota portátil (plantas e animais) e sua capacidade de modificação e transformação dos espaços.

13 A palavra *puru-puru* tem origem indígena, e segundo Guimarães e Rodrigues, significa “[...] ‘pintado’ ou ‘manchado’, peculiar à Amazonia Brasileira. Certas tribus, com alta incidência da moléstia passaram a ser chamadas também ‘Purú-purús’, o mesmo acontecendo com o rio onde habitavam – Rio Purús. 2) A doença existe na bacia do Rio Solimões e seus principais afluentes: Javari, Jurua, Purús, Içá, Japurá, e Negro.” GUIMARÃES, F. N.; Rodrigues, B. A. O *puru-puru* da Amazônia. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v.46, n.1, Rio de Janeiro, mar.1948.

intestinais. Entretanto, os ameríndios não parecem ter tido experiência com as enfermidades que acometiam o Velho Mundo, como a varíola, o sarampo, a difteria, o tracoma, a coqueluche, a catapora, a peste bubônica, a malária (paludismo), a febre tifoide, a cólera, a febre amarela, a dengue, a escarlatina, a disenteria amébrica, a gripe e uma extensa lista de manifestações helmínticas (vermes).

As trocas entre povos autóctones e alóctones na América foram absolutamente desiguais, os marinheiros e navegadores do Velho Mundo transportavam em seus corpos patógenos que garantiram o êxito dos imperialistas europeus e, segundo Crosby, foram seus germes e não os imperialistas em si, a despeito de toda ferocidade e desumanidade de relações, marcadas por guerras, mortes e genocídios, “os principais responsáveis pela devastação dos indígenas e pela abertura das Neoeuropas à dominação demográfica”.

Os relatos históricos testemunham que as doenças trazidas de fora do continente americano não encontraram resistência imunológica entre os ameríndios. Os autóctones não possuíam anticorpos que os protegessem de infecções, pois apresentavam certa homogeneidade genética, se comparada a heterogeneidade dos europeus, que percorriam o mundo através das grandes navegações.¹⁴

Ultrapassamos os tempos coloniais e alcançamos o século XX com o indigenismo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) deparando-se com episódios dramáticos de contaminação e epidemias cíclicas em muitos cantões do Brasil. O Posto Indígena de Fronteira e Vigilância Luiz Horta, instalado em 1941 na confluência do rio Marupi ou Murupi com o rio Oiapoque, que atendia os povos *Emerenhões* (Emerenhon), que hoje vivem apenas na Guiana Francesa e são reconhecidos como Teko, os Urukainos ou Waianos (Waiana) e os Oiampi (Wajäpi), sofreu constantes surtos de epidemias de malária, febre amarela e gripe. Também na região, o Posto Indígena de Educação e Nacionalização Uaçá, localizado no baixo rio Oiapoque, criado em 1942 para atender os Karipuna, Galibi (Marworno) e Palikur-Arukwayene, também enfrentou a malária, a febre amarela, a gripe, o sarampo. Por se tratar de um lugar de difícil acesso, distante e isolado no médio-alto curso do rio Oiapoque, o Posto Luiz Horta teve dificuldades em se estruturar e consolidar a assistência e pro-

14 BLACK, Francis L. *Infecção, mortalidade e populações indígenas: homogeneidade biológica como possível razão para tantas mortes*. In: SANTOS, Ricardo V.; COIMBRA JR., Carlos E. A. (Orgs.). *Saúde & povos indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p.63 - 87. DEAN, 1996, op. cit.

teção tutelar entre os autóctones, vindo simplesmente a deixar de existir na década de 1960. Os agentes do SPI na região se queixavam à agência das péssimas condições sanitárias, de saúde e de sobrevivência em que se encontravam, inclusive, denunciavam as ações “sedutoras” que os franceses promoviam na região para atrair e fixar os indígenas do outro lado da fronteira, o que incluía, na afirmação dos agentes, tratamento às epidemias de malária e gripe e farta alimentação.¹⁵

O sertanista Cotrim narrou ao jornalista Rubens Valente a tragédia decorrente do contato com o povo Kararaô em 1941. Segundo o indigenista, praticamente todo o grupo que fora contatado morreu de uma epidemia de gripe, pois não haviam levado medicamentos. Confidenciou que a gripe fora levada por um dos sertanistas que estava com sintomas. O padre salesiano de uma missão em São Marcos, Mario Ottorino Panziera, relatou que o sarampo se alastrou entre os Xavante e veio a dizimar o percentual de 20% da população da missão, que tinha aproximadamente quinhentos ou seiscentos indígenas, ou seja, cerca de 140 a 160 pessoas morreram em decorrência do sarampo. Valente destaca que a vacina do sarampo foi introduzida no Brasil no final da década de 1960 (1967-8) e que sua aplicação pelo governo junto aos indígenas foi esporádica e descontínua. As transferências de grupos indígenas inteiros eram recorrentes pelo Estado brasileiro, mas além de não resolverem os surtos epidêmicos, ainda fragilizavam os povos desterrados.¹⁶

Darcy Ribeiro expôs no ensaio etnográfico a experiência de Uirá, um indígena do povo Urubu-Kaapor, que em 1939 saiu à procura de Deus para tentar enfrentar a dor causada pela morte de seu filho em decorrência de uma epidemia de gripe que assolara a aldeia, matando muitos.¹⁷ O chefe Uirá findou sua vida lançando-se ao rio Pindaré na Vila de São Pedro, no Maranhão, depois de percorrer como um errante a região, seguido de sua esposa e filhos. Sua história de desolação e inconformidade divulgada nos jornais regionais representa a crônica das chacinas epidemiológicas, o lado mais triste das relações de contato que foram impostas ao seu povo Kaapor e aos indígenas na América e no Brasil. Muitos outros episódios de contágios e epidemias poderiam ser descritos

15 ALMEIDA, C. S. de.; OLIVEIRA, L. R.; OLIVEIRA, L. R. No tempo do SPI: proteção e indianidade entre os povos indígenas de Oiapoque. *Revista Tellus*, ano 19, jan/abr. 2019, n. 38, p.79 - 102.

16 VALENTE, R. *Fuzis e Flechas*. História de sangue e resistência na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

17 RIBEIRO, Darcy. *Uirá vai à procura de Deus*. São Paulo: Global. Kindle. 2016.

aqui, com histórias que atravessam as terras meridionais e alcançam as setentrionais do Amapá e norte do Pará.

Levou séculos e décadas para o Estado brasileiro implementar tratamentos específicos à saúde dos povos indígenas, quando muito ficavam restritos a pontuais práticas sanitárias. Antes da existência de uma agência dedicada aos povos indígenas, o SPI, havia-se certa convicção de que os indígenas paulatinamente deixariam de ser indígenas e, pacificados, seriam aculturados e assimilados à sociedade brasileira. Tardamente, os indigenistas do SPI e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) perceberam que, sem ações voltadas a combater os contágios e epidemias que afetavam comunidades inteiras, qualquer atividade de assistência e proteção tutelar seria em vão. Somente na década de 1950 que o Estado criou um serviço dedicado a esse fim, o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (SUSA), proposto pelo médico sanitarista Noel Nutels, que objetivava implementar ações de saúde aos índios e às populações rurais de difícil acesso.

Os cenários cada vez mais dramáticos de epidemias e baixas demográficas entre os autóctones extrapolaram as aldeias e passaram a ser conhecidos na imprensa nacional, transformando-se, inclusive, em denúncias internacionais. Os povos indígenas foram compulsoriamente impelidos em seus territórios ao contato com a sociedade nacional e envolvidos pelos projetos desenvolvimentistas do Estado brasileiro, que abarcavam abertura de rodovias, implantação de hidrelétricas e barragens, projetos econômicos do SPI ou da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e frentes econômicas de expansão e de povoamento sobre suas terras. Sem embargo, tornaram-se “vítimas do milagre” desenvolvimentista brasileiro entre os anos 1960 e 1980, conforme descreveu Shelton Davis.¹⁸

Apesar da instituição de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI)¹⁹ e de uma Comissão de Investigação²⁰ entre 1962 a 1967 para averiguar denúncias de genocídios e diversas formas de violência praticados con-

18 DAVIS, Shelton. *Vítimas do Milagre: O desenvolvimento e os índios no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

19 BRASIL, *Resolução n. 1 de 1963*, Comissão Parlamentar de Inquérito/CPI responsável pelas conclusões aprovadas pelo Projeto de Resolução n. 65, Diário do Congresso Nacional (Seção I), Ano XIX – n. 174, quarta-feira, 23 de setembro de 1964. BRASIL, *Resolução n. 142 de 1965*, Comissão Parlamentar de Inquérito/CPI. Conclusões publicadas pelo Diário do Congresso Nacional (Seção I), Ano XX – n. 97, quarta-feira, 14 de julho de 1965.

20 Esta Comissão de Investigação (CI) gerou em 1968 o conhecido Relatório Figueiredo, escrito pelo procurador Jader de Figueiredo Correia.

tra os povos indígenas, que envolvia a exploração dos recursos naturais das terras indígenas e a péssima gestão dos Postos Indígenas, foram expostas práticas de crueldade aos indígenas que eram tão aviltantes quanto suas mortes decorrentes das condições sanitárias e epidemias. Grupos inteiros sofriam com tuberculose, gripe, paludismo, sarampo, assim como sarna, anemia, verminoses e falta de remédios e tratamentos. Os relatórios do SPI são assombrosos.

O ano de 2020 ficará gravado na história global como também ficou 1918. Há cem anos enfrentávamos a “gripe espanhola”, no tempo presente vivemos a epidemia do novo coronavírus. A covid-19 evidencia nossa vulnerabilidade ecológica quando lidamos com um vírus ou bactéria ou uma epidemia desconhecida. Sem clara resposta imune, ainda sem maiores estudos e informações, a sociedade global enfrenta com a covid-19 experiências análogas aos surtos que muitos povos indígenas viveram desde 1492. O medo, a fragilidade, o desespero, a ansiedade, a angústia, o isolamento e a dor das perdas são sentimentos que transcendem nossa racionalidade e não encontram explicação plausível para definir este momento.

A maioria das epidemias de varíola, sarampo, gripe, peste, malária, coqueluche, entre outras, não puderam ser historicizadas, etnografadas ou mesmo descritas a partir das memórias e experiências autóctones. Mas os relatos sobre a recepção e o enfrentamento à covid-19 entre os povos indígenas do Amapá e norte do Pará rompem esses silenciamentos da História.



Tenho medo que essa doença chegue aqui

KEILA FELÍCIO IAPARRÁ

Sou Keila Felício Iaparrá, do povo Palikur-Arukwayene. Tenho 20 anos, moro na aldeia Kumenê, também moro na cidade de Oiapoque quando estou estudando na Universidade, sou da turma 2019 do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Hoje, estou na aldeia para me isolar. Em meio a essa pandemia da covid-19 tive que parar as atividades que estava fazendo na Universidade. Estou bem na minha aldeia, mas estou sempre atenta a qualquer informação sobre essa doença que me preocupa muito. Nesses dias não tenho conseguido estudar. Não temos internet e nem luz elétrica nas 24 horas do dia, então fica bem difícil me comunicar com minha tutora, pois participo do Programa de Educação Tutorial (PET) - Conexão de Saberes. A internet na aldeia, quando chove, não funciona e, como todo dia chove, ficamos sem internet. Quando a internet funciona só conseguimos acessá-la na escola da aldeia, onde muitas pessoas vêm para conversar com os seus familiares que moram longe. Com isso acaba ocorrendo aglomeração, fica bem arriscado sair e ir todo dia lá.

Tenho ido à roça e ajudado a minha família a fazer farinha, pois não podemos ficar sem. Tem sido difícil ir à cidade para sacar dinheiro para comprar mantimentos, a gente tem que fazer a farinha para não nos faltar. Tenho medo que essa doença chegue aqui, pois o Posto de Saúde não tem os equipamentos que sejam adequados caso essa doença chegue, e não tem como saber se já está em nosso meio, pois não há exames para fazermos caso alguém esteja com suspeitas. Sinto falta de poder ir à cidade e de ficar livre, aqui mesmo, na aldeia, sem esse medo de pegar essa doença. Sinto falta de poder ir à Universidade e fazer as atividades normalmente com os meus amigos e colegas do PET, sinto falta do apoio, da motivação e da cumplicidade de cada um deles. Quando isso acabar quero poder rever todos eles, que todos estejamos reunidos de novo e ter a nossa tutora e amiga junto conosco na Universidade.

Aldeia Kumenê, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil | 21 de maio de 2020



Voltamos para os nossos ninhos

LUENE ANICÁ DOS SANTOS

Sou Luene Anicá dos Santos, povo Karipuna, tenho 21 anos, moro na Aldeia Santa Izabel, no baixo médio rio Kuripi. Sou aluna do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), Turma 2019. Neste período de pandemia em que nos encontramos eu voltei para minha aldeia, para ficar de quarentena com a minha família. Me sinto como um passarinho que voa, voa, mas no fim do dia ele tem que voltar para o ninho.

É isso que aconteceu conosco, com todos nós, voltamos para os nossos ninhos de alguma maneira. Fazia tempo que eu não ficava tanto tempo assim na aldeia, por conta dos estudos e do movimento indígena, pois participo de várias atividades, tanto dentro da aldeia quanto fora, estou sempre envolvida em reuniões, cursos e viagens. Fazia tempo que eu não comia peixe fresco, fazia farinha, comia beiju, entre outras coisas que só temos a oportunidade de fazer em casa. Não tenho conseguido estudar muito, estou preocupada com toda essa situação. Os homens do nosso território estão se revezando para ficar na estrada que dá acesso às aldeias para que não entre e nem saia ninguém. Temos família lá na cidade e dá medo pensar que não temos aparelhos respiratórios caso essa doença entre em nossas aldeias. Estou sentindo falta de abraçar os meus amigos, minhas irmãs que moram na cidade. Eu tive que ir ao Oiapoque no início deste mês (maio) pois, apesar de estarmos na aldeia e ter muita comida aqui, ainda dependemos de muitos produtos industrializados, assim como o município de Oiapoque também depende de nossos produtos agrícolas. Nessa ida à cidade parei para pensar sobre essa dependência dos produtos da cidade. Também vi que, quando os carros das aldeias chegavam ali no centro, as pessoas já corriam para saber se havia farinha, tapioca, tucupi, entre outros produtos. É interessante ver o quanto somos populosos no município de Oiapoque e o quanto contribuimos, o que a pandemia tornou mais visível. Essa quarentena é muito estranha, sabe quando você fica pensando e se pergunta: o que eu estou fazendo com a minha vida? Tudo isso realmente vale a pena? Essa e outras tantas perguntas e reflexões me levam, na maioria das vezes, a ficar parada, olhando para o nada, simplesmente refletindo.

Aldeia Santa Izabel, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil | 23 de maio de 2020



Com a chegada da covid-19 tudo mudou

MAIARA IAPARRÁ MURÉ

Me chamo Maiara Iaparrá Muré, tenho 26 anos, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene, moro em Oiapoque, no Amapá. Sou aluna do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá). Antes da pandemia eu estava contente, tinha sido selecionada para integrar o Programa de Educação Tutorial (PET) e eu estava com muitas expectativas, pois nossa tutora tinha montado uma agenda cheia de trabalhos para realizarmos durante o período de março. Também tinha minha agenda pessoal: viajar para a Aldeia Kumenê, onde eu iria iniciar pesquisas relacionadas ao meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), além de visitar minha família. Era março, início do ano letivo nas escolas do Oiapoque, minhas irmãs estavam contentes para o início das aulas e meus filhos iriam para a escola pela primeira vez.

Com a chegada da covid-19 tudo mudou! Eu não sabia da propagação dessa doença e de tudo que estava acontecendo no mundo. Somente quando assisti o noticiário local, falando do primeiro caso no Amapá, é que comecei a entender... Logo recebemos uma mensagem da nossa professora para uma reunião do PET. Ela falou do vírus, de como a doença estava tirando a vida de pessoas no mundo todo e da preocupação em relação a nós, indígenas. Nesse dia toda nossa agenda de atividades ficou suspensa. Fiquei em choque pois ali eu me dei conta de tudo o que estava acontecendo.

É preocupante um vírus desconhecido, não tem tratamento, cientistas no mundo inteiro estudam como o vírus ataca e se alastra, todos buscando uma vacina, uma cura. É tudo muito perturbador... assistimos os jornais e vemos a doença chegar cada vez mais perto... Minha mãe lembrou de como meus avós faziam quando surgia alguma doença. Ela relatou que, quando eram pequenos, todas as vezes que surgia alguma doença meus avós pegavam suas canoas, suas bagagens, embarcavam toda a família e partiam. Meu avô sempre escolhia uma ilha bem distante, longe da aldeia. Ele dizia que o isolamento era o melhor remédio e ali permaneciam durante meses, até tudo acabar. Depois retornavam para a aldeia, ninguém adoecia. De imediato minha mãe disse que nós todos iríamos nos isolar, sem ter contato, para não pegarmos a doença.

Durante este período de isolamento muita coisa mudou, os familiares de perto ficaram longe... Sempre que nossos parentes se deslocavam da aldeia para a cidade de Oiapoque nos traziam frutas, farinha e peixes, passavam, geralmente, dois dias. Nesses momentos colocavam as conversas em dia, sempre contavam histórias antigas e relembavam momentos vividos, quando meus avós ainda eram vivos. Hoje, a comunicação é só por WhatsApp, isso quando há internet. Não podemos ter contato diretamente, o medo de transmitir o vírus é grande, e de que chegue à aldeia é maior ainda. Sempre comento com meus irmãos que, um dia, nossos filhos vão ouvir relatos sobre o ano de 2020, o ano em que o mundo parou!

Com a chegada da covid-19 muitos parentes que moram na cidade de Oiapoque deixaram suas casas e partiram para se isolar em suas aldeias, mas suas casas estão sendo invadidas, seus pertences roubados. Essa é mais uma problemática dos indígenas... Comecei a assistir ao noticiário todas as noites e tinham noites que nem dormia, aquelas notícias me assombavam. Hoje, só penso em nos manter afastados de todos os parentes, amigos, vizinhos... como forma de proteger minha família e a dos próximos também.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 24 de maio de 2020



Não queremos adoecer na cidade

MATANAUURU WAIANA APALAI

Meu nome é Matanauru Waiana Apalai, tenho 37 anos, sou indígena da Aldeia Bona, Terra Indígena Parque do Tumucumaque, Paru d’Leste, que fica localizada no norte do Pará. Sou estudante do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), integrante do PET-Indígena e representante das mulheres do meu povo. Tenho uma única filha e neto. Estou em Macapá, moro de aluguel no Bairro Renascer II e, junto com minha família, estamos enfrentando a pandemia, todos em casa por causa da covid-19, para evitar o vírus, não tem como sair!

Muitos dos meus parentes também estão em Macapá, somos muitas famílias Aparai, Waiana, Tirió e Kaxuyana vivendo na cidade de Macapá, mas não tem como nos visitar, para evitar a contaminação. Muitos parentes Aparai e Waiana estão com dificuldades para pagar o aluguel da moradia, nossa Associação dos Povos Indígenas Waiana e Aparai (APIWA) está nos dando apoio, junto com a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Amapá e Norte do Pará (APOIANP), que forneceu cestas básicas para nossas famílias.

Eu sou artesã e minha filha também, fazemos artesanato de miçanga para vender, como brincos, pulseiras e colares, renda que ajuda a custear meus estudos e minha família em Macapá. Participamos como artesãs indígenas da Casa do Artesão de Macapá, que se encontra fechada no momento. Em casa não tem como vender o artesanato, costume, assim como meus parentes na cidade, expor meus produtos também em feiras, mas elas não estão ocorrendo. Vendemos, às vezes, pela internet, mas nesse tempo de pandemia não podemos sair para entregar. Então, estamos preocupados. Hoje, com a covid-19, estamos passando por uma situação que muitos de nós pensavam que nunca iria acontecer.

Nosso cacique Maruanari Waiana Apalai, da Aldeia Bona, fechou o acesso à aldeia, para evitar que nós, indígenas, que estamos na cidade, levássemos o vírus para lá. Em nossa terra somente se chega de avião. Então, devo ficar na cidade. Quero deixar meu relato para todos. Nós, indígenas dos povos Waiana e Aparai, estamos com muito medo da covid-19. Não queremos morrer. Temos medo dos nossos velhos pegarem esse vírus, dos velhos que estão na aldeia, mas também medo aqui na cidade. Tememos que a covid-19 vá para lá, nas nossas aldeias. Os nossos velhos, sábios, que moram na aldeia, se pegarem o vírus, acabarão! Não será como antes. Não temos socorro para ajudar na aldeia se o vírus chegar, não tem hospital. Estamos enfrentando, novamente, o perigo com essa pandemia. Temos medo do vírus! Nós, estamos em casa, não queremos que isso chegue em nós! Eu mesma tenho muito medo, não quero pegar o vírus, por isso fico direto em casa junto com a minha família, não estamos andando nas ruas, para poder evitar a doença, não queremos adoecer na cidade.

Se pegarmos a covid-19 podemos morrer, porque nós, indígenas, não aguentamos, somos mais sensíveis para essas doenças, como gripe e covid-19. Muitos não indígenas não levaram a sério o isolamento social,

agora estamos sofrendo com a desobediência da população. É muito triste ver pessoas sofrendo com esse vírus. Então, digo, comecem a levar a sério e fiquem em casa para que mais vidas não sejam perdidas.

Macapá, Amapá, Brasil | 24 de maio de 2020



A comunidade decidiu manter o isolamento na aldeia

ELEN VIDAL DE FIGUEIREDO

Eu sou Elen Vidal de Figueiredo, sou Karipuna, moro na aldeia Kunanã, localizada na região de Oiapoque, Terra Indígena Juminã. Faço parte do cacicado da minha aldeia e estou no 5º semestre da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

No Kunanã começamos a ficar realmente preocupados quando a covid-19 começou a se espalhar pela França, chegando na Guiana Francesa, principalmente pelo fato de termos parentes que moram do outro lado da fronteira. Logo após descobrimos que o vírus já havia chegado em Macapá e também em Oiapoque, com o crescente número de casos. Todos na comunidade ficamos muito assustados, particularmente, por ser uma enfermidade que mata e ainda não tem vacina. Diante dessa situação a comunidade decidiu manter o isolamento na aldeia, diminuindo o fluxo de entrada e saída, sendo permitida a saída somente em alguns casos de emergência como, por exemplo, na área de saúde, fora disso não podemos sair.

Algumas famílias sentiram dificuldades no isolamento, especialmente pelo fato de não poderem sair da aldeia para vender os seus produtos – como farinha e frutas – no município de Oiapoque e Saint-Georges-de-l'Oyapock. Por outro lado, o isolamento tem estimulado ainda mais a coletividade e a união, pois quando alguns homens saem para caçar e mariscar e voltam com peixes, jacaré, cutia, paca, tatu, macaco, etc..., toda a comunidade é beneficiada pela partilha desses alimentos. Isso tem levado a comunidade a engrandecer o valor de cada pessoa e

também tem estimulado uma alimentação mais saudável, já que as famílias não estão consumindo produtos industrializados comprados no município de Oiapoque.

Para enfrentar essa pandemia provocada pelo novo coronavírus temos nos unido ainda mais, inclusive confeccionando placas educativas baseadas nas orientações do Ministério da Saúde, com o objetivo de conscientizar e prevenir o nosso povo. Assim, ficou definido em reunião que qualquer pessoa que chegasse à aldeia teria que descer da voadeira e tomar banho no rio com sabão, para desinfetar todo o corpo e poder entrar na aldeia. As novas regras são relacionadas à medidas de proteção e foram escritas em placas, que estão espalhadas na entrada da aldeia e no porto da comunidade. Tenho ajudado a comunidade na produção dessas placas educativas para o combate à covid-19, além de conversar e acalmar as pessoas que estão preocupadas diante do crescente número de pessoas infectadas e o aumento do número de casos de mortes em nosso Estado.

Aldeia Kunanã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 26 de maio de 2020



Será que dentro das aldeias, isolados, estamos seguros?

DIOGO MONTEIRO DOS SANTOS

Meu nome é Diogo Monteiro dos Santos, tenho 18 anos, sou do povo Karipuna e resido, atualmente, na Aldeia Manga, onde acabei de construir uma casa para mim e minha esposa. Sou aluno do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, da Turma 2020.

Neste período de pandemia em que o mundo se encontra estou na aldeia para ficar isolado com meus familiares, porque é bem mais seguro, tanto para mim quanto para as demais pessoas da aldeia, mas está sendo difícil para mim, por que eu não estou podendo ir até Oiapoque fazer compras, trabalhar, estudar, rever os amigos...

Confesso que estou com saudades do pessoal e das reuniões, pois também faço parte do Programa de Educação Tutorial (PET). Mas ficar na aldeia tem suas vantagens, por exemplo, agora estou tendo tempo para fazer farinha, pescar, capinar a roça e as demais coisas que podemos fazer aqui, só que estou um pouco triste, por que não podemos jogar futebol e nem vôlei, medida tomada para evitar aglomeração. Nossos mutirões foram cancelados por tempo indeterminado, os trabalhos comunitários também e, para comprarmos nos comércios da aldeia, temos que passar álcool em gel nas mãos para podermos entrar. Nos Postos de Saúde daqui temos que ir mascarados e com luvas para evitar contrair qualquer tipo de doença.

Quando o cacique nos permite ir até a cidade do Oiapoque temos que ter o máximo de cuidado, entrei no banco mascarado, situação que jamais pensei em passar. Participei da fiscalização junto com os homens da Aldeia Açaizal, feita para evitar a entrada de pessoas no rio Curipi e também nos outros rios da nossa Terra Indígena. Sabe, achei um pouco perigoso, porque poderíamos ter sido infectados, mas estávamos equipados para essa situação e sei que isso é para o bem de todos.

Sinceramente, fazia tempo que não ficava na Aldeia Manga, pois quando não estudava eu ia para Saint-Georges-de-l'Oyapock com meu pai, mas isso é impossível agora. Às vezes me pergunto se isso vai passar um dia. Será que dentro das aldeias, isolados, estamos seguros? E se a doença nos infectar, o que faremos? Essas e outras perguntas ficam rodeando a minha mente.

Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil | 26 de maio de 2020



Estamos sendo encurralados no nosso próprio território

LENISE FELÍCIO BATISTA

Sou Lenise Felício Batista, sou Palikur-Arukwayene, sou da Aldeia Kumenê, na Terra Indígena Uaçá. Sou da turma 2017 do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Deixei a cidade e retornei para a aldeia para fi-

car com a minha família durante a pandemia. O principal motivo de sair da cidade foi a segurança da minha filha que acabara de nascer, pois ficar na cidade seria mais arriscado, e nós sabíamos que tudo iria se complicar com a chegada da covid-19. Fiquei durante um mês na Aldeia Kumenê, mas por motivos pessoais acabei me mudando para a Aldeia Manga, aldeia do meu esposo, onde estou hoje.

Estamos vivendo uma experiência de isolamento social onde todos nós temos que ficar em casa, único meio de proteção e combate ao coronavírus. Nossos caciques tiveram que adotar medidas de proteção contra a covid-19, como usar máscaras, evitar aglomeração de pessoas, proibir a entrada de não indígenas e indígenas vindos da cidade. Muitas pessoas tiveram que deixar de vender sua farinha na cidade, visitar seus parentes, reunir os amigos e familiares no final de semana, passear pela aldeia no final do dia e tomar banho no rio com os amigos, pois o confinamento não nos permite mais a liberdade que tínhamos.

O mundo inteiro está vivendo o caos, o medo, a insegurança e, principalmente, o luto causado por essa nova ameaça chamada coronavírus. Enfrentamos um inimigo terrível que deixa seu rastro por onde passa, um inimigo que não escolhe suas vítimas, apenas destrói o que tem pelo caminho, destrói sonhos, separa famílias e tira vidas. Há dois meses estamos isolados em nossas aldeias, pois sabemos o perigo que corremos se continuarmos indo para a cidade. O fato de estarmos na aldeia não quer dizer que estamos totalmente protegidos, muito pelo contrário, mais do que nunca teremos que redobrar o cuidado para proteger nossas famílias, pois a ameaça é algo invisível.

Os moradores da Aldeia Manga vivem dias de tensão pelo fato da aldeia ser a mais próxima da cidade, algumas famílias deixaram a Aldeia Manga para ficar com famílias que moram em outras aldeias, rio abaixo, ou se isolar em sítios e terrenos longe da aldeia, afim de não ter contato com as pessoas. Quando digo que vivemos momentos de tensão quero dizer que estamos sendo encurralados no nosso próprio território. Como em todo mundo, há conflitos entre as pessoas que partilham diferentes opiniões em relação ao isolamento social, muitos tem a consciência da importância de seguir as regras do confinamento para o bem da comunidade, outros, simplesmente não entendem.

Acredito que durante essa quarentena teremos tempo para repensar nossos atos e atitudes. Começando pela nossa relação com a natureza, porque, de alguma forma, esse é o resultado dos atos dos homens con-

tra a natureza e ela achou uma maneira de chamar a nossa atenção. Ailton Krenak diz que “o que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. ‘Filho, silêncio’. A terra está falando isso para a humanidade.” De fato, o que estamos vivendo hoje é uma prova de que a Mãe Natureza sabe punir quando quer e ao fazer isso fará do jeito dela. Esse novo vírus pode ser uma pequena amostra de que tudo que o ser humano cria ou produz pode se voltar contra ele.

Nesta quarentena estamos tendo a experiência de viver como os nossos antepassados viviam antigamente, mas descobrimos que viver do jeito que eles viviam antes do contato com os paranaí (não índios) já não é mais viável. Percebi que, se for para deixar de viver como vivemos hoje e voltar a viver como os antigos viviam, muitos prefeririam viver como vivem hoje, porque já estão acostumados com as coisas básicas que a vida moderna oferece. Eu acordo todos os dias pensando que a qualquer momento esse vírus pode chegar até nós, medo de perder meus entes queridos para esse vírus. Tenho esperança que tudo irá ficar bem e que todos irão passar bem por tudo isso. Sei que muitas coisas não serão como antes, muitas famílias sentirão falta de alguém que se foi, um irmã(o), um pai, um filho(a), uma mãe ou esposo(a). Espero que depois da tempestade o sol brilhe no céu.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 26 de maio de 2020



Com o isolamento social ficou difícil para nós

ARILSON DOS SANTOS NARCISO

Eu me chamo Arilson dos Santos Narciso, tenho 23 anos, sou do povo Galibi-Marworno e moro na Aldeia Kumarumã. Tenho acompanhado pela TV e em outros meios de comunicação como o vírus da covid-19 vem agindo e matando rapidamente milhares de pessoas no Brasil e no mundo, por isso decidi me isolar com a minha família aqui na minha comunidade, evitando contrairmos o vírus.

Aqui na minha comunidade foram tomadas várias decisões em conjunto com os profissionais de saúde indígena para que o vírus não chegasse até nós. Uma delas foi a decisão de proibir a saída e a entrada de parentes vindos das cidades de Oiapoque, Saint-Georges-de-l'Oyapock e Macapá, por tempo indeterminado. Também foi interrompido diversos tipos de eventos internos que causam aglomeração de pessoas, como cultos de igrejas, reuniões da comunidade e futebol, teve também a proibição de ingerir bebidas alcóolicas. Caso alguém desobedeça será imediatamente punido, conforme foi determinado pela comunidade.

O isolamento social contribui muito para nos distanciar da covid-19, protegendo, sobretudo, as nossas crianças e nossos idosos. Mas essa situação fica difícil para muitas pessoas, porque a maioria vive da produção de farinha de mandioca, então elas precisam chegar até a cidade para vender seus produtos e comprar seus mantimentos. Na mesma situação têm funcionários que precisam tirar seu dinheiro e comprar seus alimentos, ou seja, com o isolamento social por causa da covid-19 também ficou difícil para nós.

No meu caso, como sou integrante do PET (Programa de Educação Tutorial), tem horas que preciso entrar em contato com a minha professora-tutora pela internet e não consigo, porque aqui a internet não é 24 horas, como na cidade. Quando vou acessar tenho que ficar sempre atento, usar máscara e manter distância das pessoas. Com o passar dos dias os casos de coronavírus foram aumentando no Amapá, mas muita gente da aldeia precisava ir ao Oiapoque comprar mercadorias e outras coisas, então a comunidade decidiu reabrir para ir à cidade. Nesse momento de reabertura muitas pessoas foram para o Oiapoque comprar seus mantimentos, vender produtos e fazer serviços bancários. Foi determinado entre as comunidades indígenas que era possível permanecer apenas um dia na cidade, se passasse desse período não seria possível mais entrar e haveria punição.

Tudo ocorreu em cima da regra, conforme foi determinado. Muita gente, inclusive eu, ficou preocupada com essa saída, pois alguém poderia contrair o vírus e levar até a nossa aldeia. Desde essa saída da aldeia para a cidade muita gente vem apresentado sintomas desse vírus no Kumarumã, e estamos com quatro casos confirmados na nossa aldeia. Esses casos foram identificados pela equipe de saúde que veio de Macapá e fez testes rápidos aqui no Kumarumã. Eles disseram que as pessoas que estão com covid-19 mostraram sintomas leves, felizmente.

Acredito que não é por acaso que nossos parentes apresentaram sintomas leves, pois aqui na comunidade temos conhecimentos dos nossos antigos sobre os remédios caseiros tradicionais que são usados para combater doenças. Através dos nossos Karuanãs (seres sobrenaturais) passamos a conhecer as ervas boas para curar doenças. Isso é o que nós indígenas chamamos de medicina tradicional. Gostaria de dizer aos meus parentes indígenas que fiquem em suas aldeias, porque logo isso vai passar!

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 27 de maio de 2020



O isolamento foi a melhor solução e nos livrou por um tempo

GARCIELSON CHARLES DOS SANTOS

Sou Garcielson Charles dos Santos, do povo Galibi-Marworno, tenho 23 anos, sou indígena da Aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá. Sou aluno do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Turma 2020. Antes dessa pandemia tudo estava tranquilo, mesmo sabendo que tinha surgido uma nova doença em um país muito distante do nosso... Mas com a notícia dos primeiros casos confirmados no Brasil todo mundo ficou em pânico. Nós começamos a ir buscar nossos familiares no Oiapoque e em Saint-Georges-de-l'Oyapock, na Guiana Francesa. Depois, nossas lideranças proibiram as viagens e não tínhamos como ir até a cidade para comprar mantimentos, mas não dependemos muito da cidade, pois a nossa terra é cheia de fartura.

O isolamento dentro da comunidade foi a melhor solução e nos livrou por um tempo, mas, devido as viagens para o Oiapoque, o vírus acabou chegando em nossa aldeia. A confirmação do primeiro caso na Aldeia Kumarumã amedrontou todos nós, a comunidade está isolada, não tem muita gente nas ruas... Estamos usando nossos remédios caseiros, nossa cultura, eles nos ajudarão!

Muitos Galibi-Marworno se mudaram do Kumarumã para seus sítios e para as outras aldeias menores, para se isolar ainda mais. Durante este pe-

riodo de isolamento muitas coisas mudaram, tudo ficou difícil... Eu gosto de passear na minha comunidade, visitar meus primos, conversar com os meus amigos, tomar banho no rio e também ir para a cidade vender nossos produtos, tudo isso fazemos juntos, coletivamente, mas agora não podemos conversar nem trabalhar em grupos, em mutirão, como é a nossa cultura. Isso é muito triste e muito difícil, mas eu permaneço em casa.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 26 de maio de 2020



Temos que permanecer na aldeia

ILDA SILVA PASTANA

Meu nome é Ilda Silva Pastana, sou Galibi-Marworno, tenho 27 anos, moro na Aldeia Tukay, na Terra Indígena Uaçá. Minha aldeia está localizada às margens da BR-156 e fica distante 92 Km do município de Oiapoque. Estou vivendo esse período de pandemia dentro da minha aldeia, temos tido momentos difíceis. Vejo que mudou bastante o cotidiano das pessoas da minha comunidade, da minha família, o meu cotidiano. Todos temos que permanecer na aldeia e não sair para a cidade. Eu estou com muito medo da doença chegar na aldeia e matar todo mundo, principalmente as crianças e os idosos da aldeia. Não vejo mais crianças brincando e nem os jovens conversando, muito menos os adultos passeando na aldeia. Até para ir à casa de um parente você tem que usar máscara, ninguém imaginava que ia chegar esse momento tão difícil que estamos enfrentando dentro da nossa própria aldeia, um lugar onde vivíamos sem preocupação de contaminação.

Eu, como mulher, como mãe, vejo que a doença está avançando e temo pela minha família e pelos meus parentes. Meu marido e o meu irmão trabalham na Saúde Indígena e estão à frente do combate à pandemia, por isso o meu medo é maior com todo mundo da minha família, porque eles entram em contato, diariamente, com a equipe multidisciplinar da saúde, que também tem um alto risco de contaminação.

Com toda essa situação não estou conseguindo estudar. Tudo está paralisado, não estamos tendo os encontros de orientação do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Sinto falta de muitas coisas, principalmente de conversar com os meus amigos, com minhas tias, meus primos e primas das outras aldeias, de estudar na UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), das reuniões do PET (Programa de Educação Tutorial) e da minha rotina de vida aqui mesmo, na aldeia. Sinto falta de passear na aldeia e de conversar com as pessoas da comunidade e, principalmente, de encontrar meus irmãos que moram em Macapá.

Quando tudo isso passar gostaria de continuar a minha vida normal, de conversar com todo mundo que hoje não posso conversar, de voltar a estudar, de viajar ao Oiapoque para as atividades na Universidade, enfim, de ter minha vida tranquila de novo.

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil | 27 de maio de 2020



Eu pensava que o vírus não chegaria até nós

CLEISY NARCISO SILVA

Desde quando surgiram os primeiros casos da covid-19 no Brasil, minha avó via as reportagens na televisão e os telejornais só falavam o quanto o vírus era perigoso para os idosos, o quanto os idosos eram vulneráveis.

- Ah, não quero ver mais os noticiários, tô cansada já desse negócio de vírus que só mata idoso, só ataca idoso, é idoso toda hora! Chega! Não quero ver mais isso! Muda de canal! - minha avó se fez de forte no momento, mas eu pude ver nos olhos dela a preocupação que ela tinha, eu também senti medo... o vírus se espalhava tão rápido... eu olhei para o meu filho preocupado, ele só tinha cinco meses... Por que isso agora? Você é inocente, não sabe de nada, mas vamos passar uma grande tempestade juntos.

No início eu achava que até esse vírus chegar até nós talvez já tivessem encontrado uma vacina para a covid-19. Nós estamos no norte do Brasil, em uma aldeia, esse vírus não vai chegar até nós, eu pensava...

Minha avó perguntou:

- Será que nós vamos ter que fugir de novo, como fizemos no passado, quando surgiu o sarampo na nossa aldeia? Fugimos para as ilhas, bem distante das outras pessoas, ficamos lá por um ano, sem manter contato com ninguém. Só depois saímos para ver como estava a situação e vimos que tudo já tinha passado. Será que vai ser preciso fazer isso novamente?

Ainda era março, não tinha covid-19 no município de Oiapoque, mas logo chegou a notícia do primeiro caso... Ai a preocupação aumentou, pois logo o vírus poderia chegar na nossa Aldeia Tukay, que fica na BR-156. Tomamos algumas providências para nos prevenir da doença e para não trazermos a doença para dentro da aldeia: passamos a fazer nossas próprias máscaras caseiras e toda atividade que envolve aglomeração foi cancelada. Os idosos da aldeia falaram de alguns óleos, cascas de árvores e plantas - nossos remédios tradicionais caseiros - para usarmos contra os sintomas da covid-19, pois, talvez, eles tivessem algum efeito contra esse vírus...

O segundo caso confirmado no Oiapoque nos abalou muito, era um indígena, um enfermeiro que trabalha na Casa de Saúde Indígena (CASAI), nosso amigo. Eu estava na aldeia, com meu filho e minha esposa, quando o técnico de enfermagem que trabalha aqui veio até nossa casa:

- Vocês já estão sabendo né, do caso da covid-19 que foi confirmado na CASAI? Minha preocupação é com seus pais, eles estão no Oiapoque, né?! Como vocês sabem, a irmã do teu pai trabalha na CASAI, o enfermeiro pode ter tido contato com ela... Vocês sabem como o vírus se espalha rápido... Não estou dizendo que tua tia está infectada, mas nós estamos preocupados com eles e com vocês aqui na aldeia, que moram juntos. Seus pais vão chegar mais tarde e peço que vocês mudem para a casa dos teus sogros, para que seus pais fiquem em isolamento por alguns dias.

A fala do técnico me deixou muito preocupado, baixei a cabeça e respondi que iria pensar sobre isso. O técnico se levantou e se retirou, eu olhei para minha esposa e perguntei dela o que a gente iria fazer, e ela decidiu que nós não íamos nos mudar.

Um dia depois que meus pais chegaram do Oiapoque também chegou meu tio com sua esposa e seus filhos, nós moramos todos juntos. Duas semanas depois da chegada deles da cidade, meu tio ficou com febre e dor no corpo, a febre ia e voltava nele. Depois meu pai também teve febre e diarreia, eu também tive febre, com dores no corpo e muito frio.

No primeiro dia fizemos o teste rápido para malária e deu negativo o resultado para nós três. O agente de saúde disse que faria um segundo teste para malária, dessa vez coletando nosso sangue para examinar na lâmina, e nos alertou para não sairmos de casa. Os resultados deram mais uma vez negativo, mas meu pai já tinha melhorado. Eu passei três dias com febre, meu tio também. Eu dormia junto com meu filho e minha mulher, a noite toda eu chorando com medo que fosse a covid-19, pensava que, se fosse, eu já tinha contaminado meu filho...

Não tive tosse e, no quarto dia, a febre passou, mesmo assim fiquei em casa e, assim, eu melhorei, meu tio também. Quando eu saí para dar uma volta na aldeia as pessoas falavam:

- Eil! Você não está com a covid-19 não, né?! - pareciam ter medo da nossa família, mas isso ficou para trás e voltamos a falar uns com os outros, usando máscaras.

Mas alguns da aldeia não querem usar máscara, acham desnecessário porque ainda não há casos aqui, mas nós temos que prevenir, mesmo não tendo caso suspeito de covid-19 na aldeia, pois ela está muito perto de nós, quatro casos foram confirmados em aldeias na BR-156. Tem uma aldeia que fica uns cinco quilômetros da nossa, lá está tendo um surto de febre e tosse, ninguém sabe o que é. Aqui na Aldeia Tukay nós estamos preparando remédios caseiros e já tomando. No Kumarumã, a maior aldeia do nosso povo Galibi-Marworno, onde vive a maior parte dos nossos parentes, tem um caso confirmado e outros casos suspeitos, lá também deu um surto de febre e tosse... Hoje recebi a notícia que meus avós estão doentes, com febre e tosse... Vivo angustiado e preocupado. Estaremos prontos quando a covid-19 chegar?

Aldeia Tukay, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil | 29 de maio de 2020



Uma guerra contra um inimigo invisível

JAQUELINE JEAN JACQUE

Eu sou Jaqueline Jean Jacque, indígena do povo Galibi-Kali'na, carrego nas veias também o sangue Karipuna de minha mãe. Nasci e me criei na Aldeia Galibi, às margens do rio Oiapoque, e hoje estou vivendo para ver meu povo, assim como os demais povos indígenas e o resto do mundo, passar por uma situação que, nem nos nossos mais horríveis pesadelos, podíamos imaginar: uma guerra contra um inimigo invisível.

Sou professora, moro e trabalho na aldeia e, assim como em todo o país, lá as aulas também pararam. Fiquei na aldeia durante as duas primeiras semanas da quarentena, depois tive que voltar para Oiapoque porque tenho casa aqui e, infelizmente, não podia deixá-la só. Meus filhos estavam acostumados com a liberdade da vida na aldeia e hoje são os que mais sentem o reflexo do isolamento por conta dessa pandemia. Dois meses sem sair de casa e eles já não querem mais TV, tablet, internet, eles só querem voltar para a aldeia, mas como explicar para as crianças que é melhor para todos que não voltemos agora? Um dia eles entenderão que nada neste período é porque se quer, mas porque se deve!

Como professora fiz cadernos de atividades e comprei materiais para que meus filhos estudassem em casa, como uma maneira de compensar a ausência das aulas na escola. No início estava bem rígida com eles, não admitia que eles perdessem um só conteúdo. Mais tarde, como mãe, percebi que se nós, adultos, estávamos ficando psicologicamente abalados com essa situação, imagine eles, que sequer entendem direito o que está acontecendo, daí relaxei. Quando querem, eles fazem atividades, quando não querem, também não obrigo. Sei que tudo vai passar e eles terão tempo suficiente para ir à escola, e nem por isso me sinto uma mãe relaxada e insequente, quero apenas que meus filhos estejam com saúde. Percebi que de nada vale os estudos se não se têm saúde.

Minha família foi afetada física e emocionalmente pela covid-19. Em meio a todo o pânico que o vírus espalha pelo mundo, um dos meus irmãos foi infectado, ele foi o segundo caso de Oiapoque. Foi desesperador saber que uma doença que surgiu em um lugar tão distante daqui estava ago-

ra entre nós. Nos causou um sentimento de impotência. Nesses momentos sempre buscamos uns nos outros carinho, aconchego e abraços, mas esse vírus é tão cruel que até isso ele nos tirou. Ele nos isolou da nossa família e fez com que, sequer, pudéssemos socorrer um irmão. Mas passou e hoje ele está bem.

Meu pai e meu outro irmão estão na aldeia. Mantemos contato diariamente com eles por telefone e, dessa maneira, eles nos contam como estão se prevenindo. Assim como nas outras comunidades a saída das pessoas está controlada, não entra ninguém, a não ser os que já estão lá, e estes, quando chegam, tomam banho no rio antes de descer na aldeia, tudo o que está sendo levado de Oiapoque para lá é higienizado aqui e na aldeia também. Foi posta uma placa de conscientização na entrada do porto principal.

Eu, meu marido e meus filhos continuamos seguindo à risca as medidas de isolamento e distanciamento social. Pedimos por telefone grande parte do que precisamos e só saímos quando realmente é necessário. À nós, povos indígenas, não teve floresta que nos protegesse. O vírus já chegou a algumas comunidades e espero que, de onde quer que estejam, os espíritos de nossos pajés possam nos dar sabedoria para sabermos lidar e enfrentar essa situação.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 31 de maio de 2020



O Oiapoque ficou ainda mais isolado

DAVI CASTRO GABRIEL

Escrever esse relato para mim foi muito difícil. Estou vivendo, praticamente, só, no meu quarto, com poucos metros quadrados. Aqui no Oiapoque temos poucas informações. Procuo na internet, quando consigo acessar, e as notícias me ajudam a entender esse momento pelo qual todos estamos passando. Reflito, tento ver e enxergar, é um exercício que estou fazendo...

Desde que a mídia noticiou os primeiros casos no Amapá e, em seguida, no Oiapoque, comecei a viver uma outra realidade, uma sensação de desconforto e preocupação tomou conta. Pensei que não temos nenhum tipo de preparo para lidar com situações como essa e, muito menos, estrutura para atender nossa população. Pensei na fragilidade que tem os mais vulneráveis, como nós, povos indígenas e também as comunidades tradicionais, pensei nas pessoas que pouco têm para sobreviver... Como vai ser a vida daqui pra frente? Aos poucos, tudo foi parando... as pessoas entraram em isolamento e o Oiapoque ficou ainda mais isolado...

Minha família, em sua maioria, está na aldeia. Alguns ficaram na cidade, mas nos isolamos e pouco contato temos uns com os outros. O vírus colocou todos em estado de vulnerabilidade, mas somos vulneráveis da mesma forma? Quando penso que houveram, no passado, doenças que devastaram diversos povos indígenas, muitas causadas por uma prática genocida dos colonizadores, percebo o quanto a covid-19 é assustadora para nossos povos, que já enfrentamos situações parecidas no passado, com as epidemias de gripe e sarampo, temos na memória dos mais velhos os tristes relatos desse período.

Eu durmo e acordo pensando no que estou vivendo, me sentindo sufocado. Sobram incertezas e não carrego muitas expectativas sobre aqueles que nos governam, sei que não irão atendê-las. Penso que é necessário criar ações sistemáticas para ajudar nossos parentes, é preciso construir solidariedade entre os povos, os diversos povos... Acredito na humanidade e na sabedoria de nossos ancestrais, o momento é de sentir, ouvir e de ser solidário com o outro e proteger o planeta.

Davi Castro Gabriel, Galibi-Marworno Oiapoque, Amapá, Brasil | 31 de maio de 2020



A maioria achava que não chegaria até nós

JANINA DOS SANTOS FORTE

Me chamo Janina dos Santos Forte, sou indígena Karipuna, moro na aldeia Espírito Santo, Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque.

Sou Vice-Cacique, professora, mestranda e mãe. Nossa realidade hoje, dentro da nossa comunidade, mudou muito por conta da covid-19: paramos nossas atividades comunitárias, as aulas foram suspensas, nossas idas à cidade de Oiapoque são raras, vivemos com medo. Quando chega alguém em nossa comunidade ficamos apreensivos....

A covid-19 trouxe caos ao mundo inteiro e não foi diferente em nossa comunidade. Tivemos várias reuniões para tentar explicar às pessoas da comunidade o que estava acontecendo, o que é essa doença... mas poucos entendiam e a maioria achava que não chegaria até nós, pois moramos na mata. Eles também não acreditavam que a ida até o Oiapoque para comprar mantimentos era muito perigosa.

A maioria das famílias aqui da comunidade está há dois meses sem ir à cidade. Apesar de que nós pescamos e caçamos para nos alimentar e fazemos farinha, ainda precisamos de alguns produtos industrializados que vêm da cidade. No mês passado o diretor da escola fez a compra dos kits escolares (cestas de alimentos) para os alunos, quase todas as famílias receberam e isso amenizou um pouco a falta de alguns produtos. Esta semana soubemos pelos grupos de whatsapp que a covid-19 tinha chegado a algumas aldeias, o que foi muito preocupante, pois sabíamos que nossa comunidade seria uma das próximas a ser atingida por essa doença.

Ontem, dia 29 de maio, tivemos o primeiro caso confirmado aqui na nossa aldeia, momento triste, situação angustiante, pois temos total consciência que mais pessoas estão infectadas, muitos estão com febre e apresentam outros sintomas da doença. Tivemos uma pequena reunião hoje cedo com o Conselho da Aldeia para tentar decidir o que fazer neste momento tão delicado, ficamos muito tristes com a fala da técnica de enfermagem, que nos informou que não tem praticamente nenhum medicamento no Posto de Saúde e que ela está priorizando as crianças com o pouco que têm. A equipe de saúde ficou de vir fazer mais testes na comunidade.

Pedimos as pessoas que fiquem em casa, coisa que para muitos parece simples, mas que para nós que vivemos em coletivo é um grande sacrifício, pois as famílias em nossa comunidade não se constituem apenas de pai, mãe e filho, vai muito além de laços de sangue. Pedimos que usem máscara, evitem ficar andando na aldeia sem precisar, muitos estão tomando chá caseiro, é o que estamos fazendo no momento aqui na aldeia.

Temos esperança que tudo isso logo passe, que esta doença passe por nossa comunidade sem deixar nenhum rastro de sangue, que os sintomas

sejam leves e que possamos sobreviver a tudo isso. Tenho medo por todos, não só pela minha família. Fico pensando que se em grandes cidades, que têm hospitais e estrutura de atendimento à saúde, a covid-19 matou muitos, imagine em uma comunidade de menos de 700 habitantes e 127 famílias, sem recursos médicos, prefiro nem pensar... Nossa fé é que nossa alimentação e nossa forma de viver talvez deixem nossos corpos mais resistentes e nos ajudem a enfrentar essa doença.

Aldeia Espírito Santo, Oiapoque, Amapá, Brasil | 30 de maio de 2020



O vírus conseguiu atingir nossa aldeia

NADILSON FELIPE

Me chamo Nadilson Felipe, sou da etnia Karipuna, Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque. Tenho 25 anos, moro na Aldeia Manga, na margem direita do rio Curipi. Por causa da pandemia do novo coronavírus, que vem afetando todo o mundo, minha família teve que manter o isolamento social, mesmo dentro da nossa Aldeia Manga. É uma situação muito triste, nem toda a minha família se encontra por perto, bate uma saudade enorme. Na TV não tem boa notícia sobre o fim dessa pandemia e nós, indígenas, tivemos que tomar nossas atitudes. Eu ajudo a reforçar a vigilância, ou seja, vigio a estrada que dá acesso a entrada e saída da nossa aldeia, para não entrar ou sair ninguém das aldeias, só se for por causa de emergência. Na aldeia somos orientados a usar máscaras, coisa que nós não estávamos acostumados a fazer.

Eu e minha família fazemos nossa farinha apenas para o consumo, porque nós não podemos vender na cidade. Dependemos muito de nossos alimentos, do peixe que pescamos, das caças, da farinha, tapioca, goma e tucupi que fazemos, além da coleta de frutas. É do nosso costume fazer nosso maiuhi (mutirão), onde reunimos bastante pessoas para trabalhar, tomamos nosso chibê juntos, na mesma cuia, comemos nosso peixe assado em comunidade, e as refeições costumam virar uma roda de conversa entre a gente, seja na nossa roça, carbê, centro comunitário, escola, campo

de futebol, dentre outros ambientes. Mas agora está tudo proibido por conta da covid-19. Não podemos mais reunir muita gente para realizar mutirões e reuniões, pois precisamos evitar aglomeração de pessoas. Evitamos qualquer tipo de contato, fazemos barreiras na entrada da aldeia para nos proteger, ou seja, fechamos o portão principal da nossa aldeia para evitar que a doença chegue até nós.

É lamentável, mas, infelizmente, o vírus conseguiu atingir nossa aldeia. No dia 26/05/2020 o primeiro caso deu positivo, foi um agente de saúde indígena da Aldeia Manga. Esse fato levou nosso Cacique a realizar uma reunião com seus conselheiros, a equipe da saúde e a comunidade. Nessa reunião o assunto foi o reforço do isolamento social, com o uso obrigatório de máscara, álcool em gel, distância social e a proibição de sairmos de nosso território. Ficou estabelecido que quem descumprir a regra da comunidade vai ter que passar por uma punição ou castigo, por exemplo, a faxina e o kubahi. Peço a todos os meus irmãos, parentes e amigos indígenas, para obedecer às orientações médicas. Fiquem em suas aldeias, fiquem em suas casas!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 27 de maio de 2020



Como será nosso amanhã?

MAURÍCIO GALIBIS NUNES

Meu nome é Maurício Galibis Nunes, tenho 36 anos, sou professor de Arte e indígena do povo Galibi-Marworno, TI Uaçá, residente na Aldeia Kuma-rumã, no extremo norte do Amapá. O acesso a minha aldeia é somente através de transporte fluvial e aéreo, basicamente estamos “isolados do mundo”. Constantemente, vamos ao município de Oiapoque para vender farinha e comprar mercadorias para nossos lares, uma viagem que leva em média 4 a 6 horas de voadeira (motor de popa) pelo rio Curipi. Fazemos o desembarque na Aldeia Manga e seguimos de carro para Oiapoque. Há a possibilidade de fazermos o deslocamento também pelo mar, mas a viagem dura, em média, 12 a 18 horas, dependendo da maré.

A Aldeia Kumarumã é um local onde a tecnologia e as religiões marcam presença. Onde as “modernidades” tendem a tomar espaço, enquanto os valores culturais estão sendo esquecidos. Somos, basicamente, 3.000 moradores “esquecidos” pelos governantes. Como temos acesso à internet e assistimos, diariamente, pelos jornais, os fatos ocorridos no Brasil e no mundo, pudemos acompanhar a evolução da covid-19 na China e nos países europeus, e como esse vírus levou a óbito muitas pessoas em questão de dias. Conversávamos entre nós “que isso não chegaria para cá”, pois “estamos longe”.

Quando as emissoras de televisão anunciaram os primeiros casos no Brasil isso nos preocupou, foi o assunto do momento, principalmente pelo número de mortos que ia só aumentando, o número de casos se espalhando no nosso país. Então foi confirmado alguns casos em Macapá e em Oiapoque. Com isso as lideranças locais tomaram algumas medidas de prevenção, visando o melhor para a comunidade. Mesmo assim alguns não concordavam, pois diziam que o vírus “não chegaria na nossa aldeia”. Começamos a controlar a entrada e saída das pessoas da aldeia. Algumas pessoas não quiseram cumprir as normas da comunidade e saíram de madrugada para o município de Oiapoque. Outras traziam seus familiares que moram na cidade para a aldeia. Com a liberação do pagamento da primeira parcela do auxílio emergencial, barcos, com bastante passageiros, saíram da aldeia para a cidade, aglomerando muita gente em um mesmo local. Acredito que essa foi uma das portas que se abriram para a entrada do vírus na nossa comunidade.

No mês de maio algumas pessoas já apresentavam sintomas da covid-19, mas não tínhamos certeza de nada, até que, no dia 23, um indígena foi encaminhado para a cidade com problemas respiratórios e, no mesmo dia, foi feito o teste nele e deu positivo. Isso abalou a comunidade. A preocupação nos fez refém do medo, pois já não podíamos fazer mais nada, “ela” tinha chegado na nossa aldeia. No dia 25 veio uma equipe da saúde e fizeram vários testes, o resultado foi positivo em muita gente... Foi nesse momento que minhas lágrimas desceram, pois eu conversava com as pessoas sempre sorrindo, mas quem me vê sorrindo por fora não sabe como eu choro por dentro de preocupação, pois vi parentes meus sofrendo com sintomas dessa praga.

No dia 1 de junho uma senhora foi a óbito com sintomas de covid-19. Agora o que já era preocupante se tornou ainda pior, pois não temos recursos para combater essa doença. Alguns dias antes desse ocorrido

ainda tinham pessoas na comunidade desobedecendo a lei da quarentena. Uma situação lamentável, sei que estamos correndo risco, alguns de nossos costumes acabaram: as conversas em grupos e as refeições coletivas em família; os mutirões, as brincadeiras e outras atividades em conjunto.

Diante de tudo isso me sinto impotente, não temos para onde correr, não sei como ajudar, o que será do meu povo? Temo pela minha família, meus planos, minhas metas, meus sonhos foram interrompidos. O pior de tudo é que não há previsão de quando tudo vai "voltar ao normal", será que voltará? Como será o nosso amanhã? Como nos adaptaremos ao novo "normal"? Tenho medo de não obter essas respostas. Estamos pagando um alto preço pela desobediência de alguns, corremos risco de que a covid-19 leve muitos de nossos parentes e amigos. Agora só nós resta esperar e nos isolarmos. É triste mas é a realidade.

Espero que isso passe, ainda lutamos, tomamos nossos chás de ervas medicinais para combater os sintomas dessa doença. Acredito que tem uma força maior que nos guardará e assim vamos atravessar esse mal, é o que eu desejo para todos nós.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 03 de junho de 2020



Eles foram embora e minha mãe morreu

ELSON FORTE GALIBI

Meu nome é Elson Forte Galibi, eu gostaria de compartilhar um pouco da minha história e da história da minha mãe, Edinair Galibi, que eu perdi recentemente.

Há muito tempo, quando meu avô decidiu sair daqui, da Aldeia Kumarumã, minha mãe ficou aqui, só ela. Meu avô e minha avó foram para a Guiana Francesa e minha mãe ficou aqui. Um certo dia ela saiu para ir atrás dos pais dela, e a gente foi para a Guiana Francesa, para Saint-Georges-de-l'Oyapock. Mas a gente não se acostumou com o clima de lá, começa-

mos a adoecer e minha mãe decidiu voltar para o nosso lugar, para a nossa aldeia.

Quando a gente voltou para a nossa aldeia começamos a reconstruir nossa vida. A casa onde meu avô morava a gente reconstruiu, a gente tomou conta de tudo aquilo que era dele: o terreno, as coisas dele, minha mãe tomou conta. Então, com isso, a gente vinha cuidando um do outro. A gente se apegou muito a ela, eu e meus irmãos, porque ela não era como qualquer pessoa, ela tinha um amor muito grande no coração dela. O amor que ela tinha para as outras pessoas era de ajudar. E nós fomos criados nesse costume que ela tinha, o costume que o pai dela tinha dado à ela.

Eu e meu irmão Cleber somos os caçadores da família e quando a gente sai para caçar às vezes a gente chega em casa de madrugada, três horas, quatro horas da madrugada, e ela já está acordada esperando por nós, buscando saber se a gente está bem, preocupada a noite inteira, se perguntando porque seus filhos ainda não chegaram. Quando a gente chega tem alguém esperando, quando a gente bate na porta ela já sai.

Eu me lembro quando eu tinha uns quinze anos. A gente foi para a roça e ela estava conosco. Era eu, meu pai e ela. Nesse dia meu pai quis me deixar, só porque eu esqueci o meu facão na roça, era para eu voltar e buscar, sozinho, mas já eram cinco horas, estava anoitecendo. Eu voltei, chorando, para buscar o facão na roça. Era uns dois quilômetros até chegar na roça, era verão e o campo estava seco. Quando eu subi a montanha um pouco e olhei para trás lá vinha minha mãe correndo atrás de mim, para que eu não fosse sozinho para a roça. Ela vinha chorando e me disse:

- Meu filho, você não vai sozinho, deixa que eu vou contigo.

Quando eu vi minha mãe vindo chorando, eu chorei também. Perguntei:

- Mamãe, o que você veio fazer?

- Meu filho, eu vou contigo, não vou deixar você ir sozinho, você nunca estará sozinho!

Quando eu lembro isso dói muito, dói muito em mim, isso está doendo muito! Ficou como uma lembrança para mim, marcou a minha vida. Minha mãe foi uma pessoa que sempre fez o bem, sempre queria o bem para as outras pessoas.

Agente se apegou muito uns aos outros. Meus irmãos, a minha irmã, a minha mãe, eu, meu pai. Quando começou essa pandemia a gente sempre assistia pela televisão que as pessoas morriam no mundo inteiro. Quando chegou no estado do Amapá eu disse que não era para a gente sair da aldeia. Eu sou Vice-Cacique da comunidade e a gente colocou uma norma para que ninguém saísse. Eu me preocupava com os meus pais, com a minha mãe, principalmente, mas as pessoas não obedeciam. Outros vieram para dentro da comunidade e trouxeram essa doença.

Quando minha mãe teve os primeiros sintomas ela começou com uma febre... Ela mandou chamar todos nós e nós chegamos na casa dela, irmãos, nora... A gente conversou com ela e ela disse que se sentia com febre. Aí a gente viu que ela estava um pouco febril. Ela era diabética. Quando essa doença chegou nela alterou a diabetes dela, então ela ficou fraca, começou a passar mal. Eu via no rosto dela que ela estava passando mal. Então ela chamou todos nós, todos, e ela disse que não era para a gente brigar um com o outro, que era para a gente ficar sempre unido, que era para a gente nunca abandonar aquilo que era dela, a casa dela, ela disse:

- Por favor, não saiam daqui! Nunca deixem o que é nosso para ninguém tomar conta. Uma coisa digo a vocês, nunca briguem um com o outro.

Quando eu acabei de ouvir isso olhei para ela e disse:

- Mamãe, não fale assim! Porque que a senhora está falando assim? Você não vai morrer, essa doença não vai te matar!

Aí ela disse:

- Não, eu não sei. Mas o que estou deixando para vocês é uma lembrança para vocês nunca esquecerem na vida.

Então eu fui chamar as pessoas. Havia um grupo de médicos que tinha vindo de helicóptero para coletar sangue dessa doença. Eu fui chamar eles e eles disseram que tinham o bastante. Eu disse:

- Venham, a minha mãe está precisando que vocês examinem, pelo menos colem o sangue dela para ver se é essa doença ou não.

Eu fui chamar duas vezes, ninguém veio, eles foram embora. Aí passou dois dias e ela começou a se sentir mal. Foi rápido, foi de uma hora para outra. Ela começou a se sentir mal, teve febre, mas depois passou... Quando deu na segunda-feira, pela manhã, ela começou a se sentir sem ar. Falta-va o ar dela. Eu disse assim:

- Porque a senhora está assim? Deixa eu chamar os médicos!

Aí eu chamei os médicos:

- Venha, vem ver minha mãe, ela está passando mal - mas ninguém veio, nem para examiná-la.

A gente ficou só, eu e meus irmãos, minha cunhada, minha esposa. A gente começou a cuidar dela e aí ela disse:

- Agora eu quero que vocês cuidem do irmão de vocês.

A gente tem um irmão deficiente. Aí ela disse:

- Nunca deixem ele só aqui em casa.

Aí eu chorei, eu chorei porque ela estava falando algo, parece que ela estava se despedindo da gente. Eu nunca vi ela assim.

Quando ela ainda estava falando minha esposa pegou ela por trás e levantou para ela beber um pouco de água, mas ela não podia, faltava força.

Ela ainda falava com a gente quando, de repente, algo aconteceu, que eu nunca esperava ver, eu nunca esperava sentir isso, como eu senti naquele momento e até hoje estou sentindo. Quando ela ainda falava, ela estendeu a mão para o meu pai, falando para ele cuidar bem dos filhos dela. Ela ainda falando... quando, de repente, ela se foi...

A gente ficou desesperado, um olhava para o outro, a gente sacudia ela, levantou ela, a gente fez tudo o que podia, mas já era tarde. Isso ficou como um trauma na minha vida, porque eu não consigo chegar em casa e não ver ela. Quando eu olho, parece que eu estou procurando algo. Até agora eu não consigo me recuperar porque, quando eu percebo, eu estou em outro lugar. Quando eu percebo já estou fazendo o que não devia... Eu preciso me recuperar, eu preciso que Deus me dê força para conseguir superar tudo isso. O que ela deixou para nós foi uma lição de vida.

Os enfermeiros vieram, depois dela morta, já era de manhã e eles vieram para coletar o sangue dela para ver se ela morreu da covid-19. Aí o meu pai não deixou, meu pai não deixou que ninguém tocasse mais nela, porque quando ela estava viva a gente mandou buscar eles e eles não vieram!

Quando chegou a hora do enterro da minha mãe eu sentei perto do caixão dela e comecei a chorar, segurando o caixão. Olhei para ela dizendo:

- Porque você está tão fria? Porque você está tão gelada? Você não era assim! Hoje você vai embora, eu nunca mais vou ver você, nunca mais vou ver seu rosto, nunca mais vou sentir a sua voz nos meus ouvidos. Hoje você está me deixando mamãe...

Aí eu comecei a chorar, eles a levaram de mim, a única coisa que eu guardava no meu coração, que era minha mãe, eu nunca mais vou ver ela. É por isso que eu digo, não visite parentes, não é hora de visitar o seu parente, de dar passeio pela cidade, porque isso é uma coisa muito séria. O vírus não brinca com a gente, se a gente brincar, ele não brinca, o vírus veio para matar, para destruir famílias. Por isso que eu digo, fiquem em casa, cuidem-se por favor.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 05 de junho de 2020
Relato feito em áudio e transcrito por Elissandra Barros



Têm pessoas que não ligam para essa doença

MARIANE BARBOSA DOS SANTOS

Meu nome é Mariane Barbosa dos Santos, sou do povo Karipuna, da região do Oiapoque, tenho 8 anos e eu vou falar para vocês como está sendo a vida na minha casa. Eu e minha mãe somos do grupo de risco, a gente tem asma e ficar em casa é legal, mas a gente tem que ficar em casa toda hora, respeitando regras, e a gente não pode sair de casa, a gente não pode passar um tempo com as pessoas que a gente gosta.

Têm pessoas que não ligam para essa doença, tipo nosso presidente Jair Bolsonaro, que só pensa em dinheiro e poder. Ele quer acabar com a vida da gente e ele pensa que essa doença não é grave, mas essa doença mata, ela ataca os nossos pulmões, faz a gente ficar com asma, pneumonia e, cada vez mais, o número das mortes vai aumentando e a gente se preocupa com as pessoas idosas, nossos avós e a nossa família.

Minha mãe, antes dela ficar doente com essa doença, eu e ela ficávamos entregando cestas básicas pelas aldeias e pelas casas do Oiapoque.

Mas ela pegou essa doença e a gente está se preocupando muito com a nossa mãe. Eu quero que todas as pessoas que estejam com essa doença se protejam. Eu, minha mãe e minha irmã fizemos uma horta com plantas medicinais, como folha de mastruz, boldo e hortelã. Tomara que tenha logo uma cura para essa doença nos postos e que nossa vida possa voltar ao normal para a gente poder estudar, trabalhar, voltar a brincar com os amigos que a gente gosta, e que a gente volte a ficar juntos outra vez, com a nossa família.

Peço a todos que fiquem nas suas casas e que se protejam. Eu agradeço a todos os técnicos de enfermagem, os enfermeiros, os médicos... Eu agradeço por eles estarem ajudando a salvar as vidas das pessoas como a minha mãe. Também peço a todos que se protejam dessa doença, ela não é brincadeira, ela mata e a gente fica muito preocupada com as pessoas.

Nessa pandemia estou cuidando da minha mãe, a gente já aprendeu a fazer chá com as plantas medicinais, a gente está fazendo chá com gengibre, limão, alho. A gente aprendeu a fazer muitas coisas, como comida, a gente faz caribé. Eu e minha irmã estamos cuidando da minha mãe. A gente tem saudades de ficar brincando com nossos amigos, eu estou com saudades do meu irmão, do meu pai, da minha tia e das pessoas que eu gosto.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 06 de junho de 2020

Relato recebido em áudio, transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza

A publicação foi autorizada pela mãe, Priscila Barbosa de Freitas



Somos nada diante de um vírus invisível

SÔNIA JEANJACQUE

Me chamo Sônia Jeanjacque, indígena do povo Galibi Kali'na e Karipuna, pertencço a aldeia Galibi, região do Rio Oiapoque, porém, devido aos estudos, moro no município de Oiapoque com meu companheiro e meus filhos: Marcela de 15, Manuela de 12, Samilly de 10 e o Pietã, de 03 anos. No início do isolamento avaliei a possibilidade de ir para minha comunidade, porém cheguei a conclusão que deveria me manter na cidade

para evitar um possível contágio com a minha participação, já que não sabíamos se estávamos ou não infectados. Logo após este período de reflexão percebi que era o certo, assim como seguir as recomendações das lideranças e representações indígenas que estavam pedindo e conscientizando as pessoas (indígenas e parceiros) para não adentrarem nas aldeias, como forma de tardar e até mesmo barrar a entrada do vírus nas comunidades indígenas, já que no Amapá havia casos confirmados e sabemos que estamos lidando com um inimigo invisível.

O momento que senti mais medo foi quando soubemos do primeiro caso no Oiapoque e, logo depois, meu irmão, que é enfermeiro, começou a apresentar os sintomas da covid-19. Bateu o desespero porque não sabíamos o que podíamos fazer por ele, logo nos primeiros sintomas meu irmão se isolou, ficou longe de nós. O caso dele foi confirmado e nosso medo era que ele, em um momento que precisasse de nós, de sua família, nós não estaríamos ao lado dele para ajudar. Também tive medo da reação do nosso pai com essa situação. Meu pai já perdeu nossa mãe, teve uma série de mortes recentes na nossa família, e isso tudo deixou ele mais vulnerável a essas situações.

Nos isolamos em casa, procuramos evitar ao máximo o contágio, sair de casa somente quando necessário e, no retorno, sempre tomar logo banho e deixar as roupas de molho (em água com sabão e água sanitária). Nas compras lavamos tudo o que pode ser lavado e nas outras passamos álcool, pois a preocupação é grande para quem é mãe, principalmente quando pensamos nos nossos filhos. Ficava imaginando se eles viessem a ficar doentes e precisassem ir ao hospital e eu não pudesse acompanhá-los, isso é angustiante!

Foram noites sem poder dormir por saber que meu irmão estava doente e que ninguém podia fazer nada para ajudá-lo, a não ser pedir a Deus e para nossos grandes espíritos para que o ajudassem a ficar bem o mais rápido possível.

Essa última semana meu esposo foi diagnosticado com covid-19, depois eu e minha cunhada também fomos. Todos vivemos na mesma casa, ou seja, bem provável que meus filhos também estejam contaminados. Mas quando o resultado do exame saiu nós já tínhamos passado pelo pior, os sintomas já estão passando e nos recuperamos bem. No entanto, por se tratar de uma doença desconhecida, não sabemos quais as sequelas que iremos ter.

Não temos mais avós, então a nossa preocupação é com meu pai e uma tia, que já passou por várias cirurgias e têm problemas de pressão alta. Também me preocupo com os parentes e amigos, até mesmo com quem não conheço, não queremos que eles sejam contagiados. Quando meu pai soube que estávamos com os sintomas da doença ficou muito preocupado, mas soube manter a calma, é preciso ter calma, isso é muito importante. Acho que ele estava mais calmo porque meu irmão já tinha se curado, então ele sabia que podíamos nos curar também. Nosso medo é porque tenho problemas respiratórios e, para pessoas como eu, essa doença é muito mais difícil, não sabemos como o organismo reage.

Desde o início da quarentena estamos fazendo chá para tomarmos (receita da minha avó Kali'na) e, talvez, isso possa ter ajudado a não evoluir para sintomas mais fortes. Há outro ponto importante nessa situação, como lidar com as crianças e adolescentes que ficam em casa, presos, sem poder sair? É muito difícil! Minha filha de 15 anos, no começo, chorava muito, dizia que não estava aguentando ficar presa. Agora ela está mais calma, mas os outros também pedem para sair, embora eu não permita.

Meus filhos assistem jornal, os mais velhos conseguem entender, ficam preocupados com as notícias, com as mortes e com o aumento de números de casos aqui no Oiapoque. Durante todo esse período procuro manter o contato com a minha família que se encontra na aldeia, visto que meu pai e meu irmão estão lá, então, para evitar que venham aqui na cidade, busco fazer o possível para ajudá-los com as coisas que posso fazer daqui.

Esse período é de muita reflexão, pelo menos para mim. Quem somos? Quanto vale uma vida? O que realmente importa? Somos nada diante de um vírus invisível, capaz de parar o mundo, separar famílias, parar a vida corrida que muitos têm, tirar a dignidade de um ser humano mesmo depois de morto.

Durante esse período sombrio nunca perdi a esperança em dias melhores e nessas últimas semanas notei em pequenos detalhes da natureza, nos dias de verão, no céu azul e nos ventos que sopram com uma delicadeza que é como se os nossos grandes espíritos falassem através deles: "está passando, estamos aqui guiando vocês para que tudo dê certo, já passamos por muitas guerras no passado e vocês vão passar por esta no presente".

Oiapoque, Amapá, Brasil | 07 de junho de 2020



Fui o primeiro indígena do Amapá a ser contaminado

ODAIR JEANJACQUE

Me chamo Odaír Jeanjacque, indígena da etnia Galibi Kalin'ia e Kari-puna, enfermeiro da saúde indígena do DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Amapá e Norte do Pará. Moro na zona urbana de Oiapoque. No início do isolamento social segui todas as recomendações da OMS (Organização Mundial de Saúde), porém, no final de março, tive que me deslocar para a capital do Estado e, no retorno para Oiapoque, eu e minha namorada acabamos nos contaminando com a covid-19. Fui o primeiro indígena do Estado do Amapá a ser contaminado com o vírus. Desde os primeiros sintomas já sabíamos do que se tratava. Mas só tive a confirmação após 12 dias, através do teste rápido.

Foram dias difíceis, passamos 21 dias em quarentena. Não precisamos ser hospitalizados, mas fizemos todo o acompanhamento necessário. Após reavaliação médica, dia 02/05, fui liberado para retornar ao trabalho. Lotado na CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque, voltei gradativamente, pois as sequelas do vírus ficaram: cansaço, dispneia... Mesmo assim o trabalho não pode parar!

Sempre preocupado com a entrada do vírus na área indígena, me mantinha atento a qualquer informação vinda de lá. Assim que houve o primeiro indício de caso suspeito na área indígena fui convocado pelo DSEI para fazer parte da Equipe de Intervenção à covid-19. O primeiro relato foi de uma gripe forte na Aldeia Lençol. Fomos lá e coletamos material biológico para a realização do teste rápido. E o que mais temíamos aconteceu: o vírus chegou nas aldeias! Logo aconteceu reação em cadeia, constatei que já haviam casos nas aldeias Kumarumã e Manga, depois Kumenê, Santa Izabel, Espírito Santo e, logo depois, nas aldeias da BR-156. Na primeira ação, que foi realizada na Aldeia Kumarumã, detectamos que não se tratava de um caso isolado, mas sim de transmissão comunitária, que já haviam inúmeros casos em todas as aldeias.

Ao retornar, através da Portaria DSEI/AMP N° 11 de 03 de junho de 2020, fui nomeado Responsável Técnico do Distrito Sanitário Especial Indígena - Amapá e Norte do Pará, no município de Oiapoque. A responsabilidade

aumentou, mas minha dedicação e o amor pelo que faço continuam os mesmos. Continuei fazendo a busca ativa dos casos de covid-19 nas áreas indígenas da região do rio Oiapoque e, mais uma vez, encontrei o cenário de transmissão comunitária, inclusive na minha Aldeia Galiby. Então veio a confirmação dos primeiros casos nas aldeias do Parque do Tumucumaque e, por fazer parte da Equipe de Intervenção, hoje estou aqui, na Aldeia Missão Nova, onde vivem os parentes da etnia Tiriyo. O cenário é bem parecido com o das outras aldeias, transmissão comunitária.

Estou há mais de um mês que não sei o que é dormir tranquilo. Dormindo tarde e acordando às 5 horas da manhã para dar continuidade à missão. Subindo e descendo rios e cachoeiras para chegar aos destinos. A missão é desgastante e cansativa, mas saber que estou ajudando os meus parentes é gratificante. Sou índio, sou enfermeiro e estou na linha de frente na luta contra a covid-19.

Aldeia Missão Nova, Parque do Tumucumaque, Amazônia, Brasil | 10 de junho de 2020



Decidimos sair de Belém e voltar para nossa aldeia

ANDERSON SANTOS MARTINS

Sou Anderson Santos Martins, indígena Karipuna, moro em Belém do Pará, onde curso Direito na Universidade Federal do Pará. Entrei através das Políticas de Ações Afirmativas, das quais me orgulho muito, pois sei o quanto é importante estarmos dentro dos espaços de debate nas Universidades.

Tudo estava bem até alguns meses atrás. Minha faculdade estava funcionando normalmente, meus planos de terminar no tempo previsto e os demais assuntos comuns da vida de um jovem sonhador. Comecei a ver os assuntos mudarem do dia para a noite, quando o mundo ficou com os olhos para a China, não se sabia ao certo o que estava acontecendo, nos telejornais não existia outro assunto, aos poucos, pessoas começaram a morrer naquele país, medidas de distanciamento social foram sendo adotadas, faltavam alimentos em alguns supermercados chineses e, com

rapidez, a doença se propagou de tal maneira que nem mesmo o país com a maior economia mundial (Estados Unidos) conseguiu evitar a chegada do novo coronavírus.

Pronunciamentos de autoridades eram diários, foi quando o primeiro paciente testou positivo para a covid-19 no Brasil. Foi desesperador para a população, todavia, o pior estava por vir. Nossas autoridades sanitárias começaram a articular planos, fazendo os papéis que lhes são conferidos, e o vírus se espalhando em todo o território brasileiro, mortes aumentando, números de casos crescendo diariamente e o medo tomou conta do povo.

Nesse momento estava na cidade de Belém com minha família, já não sabia o que fazer, as UPA's (Unidades de Pronto Atendimento) estavam com corpos empilhados, pessoas morrendo dentro dos veículos, lamentações de famílias com a dor de não poder, nem sequer, retirar o corpo de dentro de suas residências. Tivemos de ser fortes para ver e viver tudo isso!

Comecei a pensar em sair de Belém, já não aguentava tanta notícia negativa, queria proteger minha família. Compramos nossas passagens e viemos para o Amapá com o intuito de ir para a aldeia. Contudo, nossas comunidades estavam em estado de controle total de pessoas, impondo algumas medidas que não poderiam ser violadas. Permanecemos em Oiapoque, sem poder sair para qualquer lugar, e assistimos os casos ficarem fora de controle, mas nada foi pior do que saber que o vírus estava entre os parentes da aldeia.

O medo e o desespero bateram na minha vida pois, naquele momento, me veio a mente as imagens já vividas em Belém, e o medo de que o mesmo pudesse acontecer no Oiapoque. Passamos a orientar os parentes a tomarem remédios caseiros e, logo, uma equipe da Secretaria Especial de Saúde Indígena foi até minha aldeia e realizou alguns testes rápidos, entre eles, o da minha mãe, que testou positivo. O medo, a angústia, o desespero e a preocupação tomaram conta da minha vida naquele momento, não quis falar com ninguém, só queria ficar sozinho. Minha mãe, apesar de estar no grupo de risco como muitos outros parentes na aldeia, superou a covid-19 e isso gerou em mim um sentimento de felicidade, pois sei que, assim como ela superou esta doença, muitos outros parentes irão superar!

Oiapoque, Amapá, Amazônia, Brasil | 10 de junho de 2020



Foi impossível conter esse vírus

GILVANA SANTOS MARTINS

Para quem não me conhece, me chamo Gilvana Santos Martins, indígena da etnia Karipuna, residente na Aldeia Santa Izabel, situada às margens do rio Curipi, Terra Indígena Uaçá, sou estudante do ensino médio. No início deste ano de 2020 fui para Belém, Pará, com a intenção de terminar os estudos e também aprender junto com os acadêmicos e calouros indígenas da UFPA (Universidade Federal do Pará) todo o processo de convivência e aprendizado dentro da Universidade.

Atualmente estou na cidade de Oiapoque, pois em Belém os casos da covid-19 só aumentam cada dia. Assim como em todo o Brasil, as aulas foram suspensas devido a essa doença, que se alastrou de maneira assustadora por todo o mundo. Não estamos falando de uma simples febre ou dor de cabeça, mas sim de uma doença que já acabou com a alegria de muitos pelo mundo.

Temíamos que esse vírus chegasse nas aldeias, mas foi impossível conter, o desespero e a dor de ver nossos parentes e famílias sendo infectados nos abala, e muito! Não sei vocês, mas quando soube que o exame de minha mãe tinha testado positivo e que ela estava com covid-19 eu fiquei sem chão, sem poder fazer nada. Mas, com a ajuda de Deus e graças aos nossos remédios caseiros, ela conseguiu superar, foi um alívio enorme, pois tanto ela quanto muitos outros parentes nossos estão no grupo de risco.

Fico mais tranquila em saber que nossa cultura prevalece, nossos remédios estão sendo resgatados, nossas crenças, saberes e tradições de muitos anos estão, literalmente, nos salvando. Temos mais é que nos utilizar dos meios que nos são oferecidos em abundância, vindos da NATUREZA, pois se formos depender dos órgãos responsáveis pela saúde indígena, como diz o dito popular da minha aldeia, "estamos no mato sem cachorro". Não está fácil para ninguém!

Na verdade nós, indígenas, minoria na visão política, temos mais é que ensinar para eles como nossa força, garra e determinação tem ajudado a diminuir o número de óbitos em relação a outras regiões do Brasil. Um exemplo do descaso conosco, povos indígenas, é a montagem da sen-

tinela para os indígenas. Somente após nossas aldeias estarem quase todas infectadas isso ocorreu, sendo que tiveram bastante tempo para elaborar um plano de combate ao coronavírus.

Pelos relatos de alguns dos nossos parentes percebemos que a situação da saúde indígena é precária. O Brasil todo está sofrendo com essa pandemia, famílias não têm o que comer, o que beber, hospitais não têm leitos, nem medicamentos. O nosso povo indígena só não sofreu mais porque temos nosso modo de vida diferenciado quanto ao modo de se alimentar, vivendo da caça e pesca. Contamos também com a ajuda de alguns parceiros que doaram cestas básicas para as aldeias, como aconteceu agora no início dessa semana, nos dias três e quatro do mês de junho.

Estamos passando por um período muito complicado, durante o qual não resta muito o que fazer a não ser lutar para que não aconteça o pior em nossas comunidades. Acredito que tudo vai passar e ainda vamos viver como antes da pandemia, sorrindo, brincando, nos divertindo muito em nossas aldeias, e podendo ir para nossas roças.

Oiapoque, Amapá, Amazônia, Brasil | 10 de junho de 2020



Meu irmão apresentou os sintomas e se isolou

CLEUNIURIA NARCISO MONTEIRO

Eu sou Cleuniuria Narciso Monteiro, da etnia Galibi-Marworno, sou professora, mãe e acadêmica do curso de Direito. Devido ao estudo moro na cidade de Oiapoque. Somos cinco irmãos. Quando iniciou a pandemia os meus pais estavam aqui na cidade, mas quando começaram a aparecer os primeiros casos da covid-19 no Amapá eles foram para a aldeia, juntamente com minhas duas irmãs e meu sobrinho. Ficamos aqui na cidade eu, meu filho, meu irmão e minha outra irmã. Meu irmão é técnico de enfermagem e trabalha na CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque. Tomávamos todos os cuidados necessários para não nos infectar, quando ele chegava do plantão tomava todo o cuidado antes de entrar em casa.

Quando surgiu o segundo caso aqui no Oiapoque foi de um enfermeiro da CASAI, o meu irmão tinha tido contato com ele. Imediatamente meu irmão separou as coisas pessoais dele das nossas e se isolou. Quando começaram a aparecer casos de covid-19 na Aldeia Kumarumã e vieram pacientes de lá para a CASAI minha preocupação aumentou muito, e os cuidados também. Mas, infelizmente, no dia 31 de maio meu irmão apresentou os sintomas da covid-19 e se isolou da gente. Tive que ter todo cuidado para cuidar dele, mas não adiantou, no dia 3 de junho eu amanheci sentindo os sintomas da covid-19 e, na noite do mesmo dia, minha irmã também apresentou os sintomas.

A minha preocupação era com meu filho. Mas quem iria cuidar de nós três doentes? Não sabia como o nosso organismo iria reagir diante dessa doença, e eu sei que não podíamos pedir para nossos pais virem cuidar da gente. Mas, graças a Deus, o meu irmão já estava se recuperando e eu, como eu já me prevenia, não me deu sintomas muito fortes. Mas, mesmo assim, senti muita dor no corpo e dor de cabeça. Eu conseguia levantar para fazer alguma coisa para nós comermos, mas o restante eu pedia em delivery. É muito ruim não saber como esse vírus age, o que vai causar no seu organismo e não poder pedir para outras pessoas chegarem perto para cuidar de você.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 11 de junho de 2020



Eu vi a morte por várias vezes aqui em casa

DIOGO MACIEL

Sou Diogo, da etnia Galibi-Marworno, servidor da FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Eu vou contar um pouco sobre a minha história com relação a pandemia. Eu contrái o vírus no dia 17 de maio, praticamente, eu fiz os testes e deu positivo. Eu fiquei muito preocupado, na verdade, de contaminar à minha família, porque eu tenho minha esposa, Cássia, e os meus dois filhinhos, todos são asmáticos. Então minha preocupação era com eles.

Eu fiquei muito preocupado, por sinal, com essa situação, só que foi o contrário. A cada dia agravava mais a minha situação. Eu fiquei muito mal, muito mal mesmo, e eu pensei que já era hora de partir e morrer, porque essa doença é muito difícil, não é possível as pessoas virem te visitar, aquela coisa toda...

Eu tenho uma irmã que trabalha no hospital, graças a Deus, e a todo momento ela estava comigo, me dando força e tudo mais, e passou todos os medicamentos que os médicos receitaram, eu também conversava com os médicos e tomei todos os remédios, mas não passava! Cada vez agravava mais! Eu fiquei com falta de ar, peguei uma pneumonia logo em seguida e foi agravando, fui parar no hospital, minha família muito preocupada, os meus filhos também. E a Cássia também contraiu o vírus, os meus dois filhos contraíram, e isso me preocupou mais ainda.

Eu perdi vários quilos, muita febre, muita tosse, falta de ar, eu estava vendo a hora de morrer, sério mesmo, muito preocupado. As comunidades indígenas ficaram sabendo, as organizações, enfim, todos os meus amigos ficaram sabendo e me mandavam muitas mensagens de incentivo, de coragem... Eu agradeço muito a todas as pessoas que me entenderam nesse momento e me fortaleceram espiritualmente. Mas, graças a Deus, eu me recuperei aos poucos, com muitos antibióticos, muitas vitaminas. Minha irmã que cuidou de mim direto aqui em casa, e não tive mais que ir ao hospital pois estava difícil lá. Tomei muito chá, muitas ervas. Foi muito difícil, foi muito duro. Hoje eu estou com 27 dias me recuperando, ainda sinto um pouco de fraqueza nas pernas, mas é só a recuperação mesmo, graças a Deus. É muita força nesse momento, viu? E a gente está aí lutando.

Eu quero deixar essa mensagem para todo mundo, todos os colegas, todas as pessoas: SE CUIDEM, SE PROTEJAM, porque não é fácil, é bem difícil. Tem pessoas que pegam muito leve e têm outras que pegam com bastante força, e se a pessoa não se cuidar, se não tiver um bom acompanhamento médico, a pessoa morre! Não é fácil não, morre mesmo, entendeu?

Eu vi a morte por várias vezes aqui em casa, mas em nome de Jesus, graças a Deus, a gente se recuperou! Eu e toda a minha família! Agora estamos só nos recuperando, bem por sinal, eu estou muito feliz. E na minha família o vírus não foi muito forte, eu estava muito preocupado com eles, mas, felizmente, foi bem fraquinho e está todo mundo bem, se recuperando bem, e agora só a gente continuar se cuidando. Trocamos toda a alimentação, muita água! Então é isso meus amigos, eu queria deixar esse

vídeo para vocês como uma reflexão, sobre o que nós passamos nesses praticamente 30 dias de luta aqui em casa.

A gente viu também vários comentários, vários áudios, de várias pessoas indígenas, e a gente também está contribuindo para as populações indígenas porque, afinal de contas, a gente faz parte dessa sociedade indígena que merece, que a gente está à frente, trabalhando, lutando em defesa dessas questões, dessas causas, que são de muita importância para o nosso povo. Também quero agradecer a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram, rezando, para a minha saúde. Um abraço a todos, tudo de bom, se cuidem e fiquem em casa se puderem. Um abraço.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 11 de junho de 2020

Relato recebido em vídeo e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



É necessário estruturar a saúde indígena

PRISCILA BARBOSA DE FREITAS

Saudações a todos! Me chamo Priscila Barbosa de Freitas, sou do povo Karipuna, da Região do Rio Oiapoque. Venho compartilhar com vocês um pouco sobre o momento da pandemia causada pela covid-19. Logo quando começou a surgir os primeiros casos da covid-19 no Amapá, no início do isolamento social, eu pensei em retornar para a aldeia e ficar ao lado de minha mãe, junto com meus filhos. Mas, a pedido de algumas lideranças indígenas - e também atendendo meu coração - resolvi ficar na cidade para ajudar nas batalhas que estavam por vir. Mandeí para a aldeia apenas minha filha Emanuelle, de 09 anos, e meu filho Marcos, de 14 anos, aos cuidados de minha mãe, e fiquei com Mariane, de 08 anos.

Hoje já se passaram 3 meses e continuamos na batalha, nada é fácil para os povos indígenas, sempre que conquistamos algo é por meio de muitas lutas e ações movidas no âmbito jurídico. Essa pandemia veio mostrar descaradamente a necessidade de algo que nossas lideranças viviam pedindo em nossas assembleias, ESTRUTURAR A SAÚDE INDÍGENA, MELHORIA DO ATENDIMENTO À SAÚDE INDÍGENA DENTRO DAS COMUNIDADES.

O CCPIO (Conselho de Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque), a APOIANP (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Amapá e Norte do Pará) e demais organizações indígenas vêm tentando cobrar o melhor atendimento dentro das comunidades indígenas, que os Postos Centrais e Pólos Base sejam abastecidos com medicamentos e tenham profissionais de saúde, que tenham estrutura adequada para atender aos paciente da covid-19 e outras patologias. Ainda tentamos garantir mantimentos, por meio de cestas básicas, para atender todas as aldeias. Paralelo a isso, buscamos atendimento de qualidade, se caso fosse necessário, dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), solicitando apoio de parceiros e cobrando do Estado uma melhor estrutura no atendimento dentro e fora das comunidades.

Infelizmente, a situação é delicada. Mas o nosso povo indígena vem mostrando sua sabedoria e seus vasto conhecimento sobre o manuseio das plantas medicinais e tem usado nossa medicina tradicional para o tratamento da covid-19. Gratidão aos nossos pajês, as pessoas detentoras dos conhecimentos tradicionais, gratidão a sabedoria dos ancestrais dos povos indígenas!

Têm momentos que me sinto impotente por não conseguir ajudar muito mais, pois há situações que não dependem de nós. Muito me entristece o aumento de casos da covid-19 nas aldeias e na sede do Município, me entristece saber de pessoas que perderam a batalha para a covid-19. Nesse momento é pedir a Deus e aos nossos Karuãnas saúde e sabedoria para que possamos ajudar da melhor forma o nosso povo. Eu estou me recuperando, passei por momentos delicados, mas sei que meus amigos e familiares sempre estiveram em oração comigo, são pessoas que passaram a ter um lugar especial em meu coração. Me preocupo bastante com o bem estar das comunidades indígenas e com minha família. Em nossas equipes, montadas para o enfrentamento da covid-19, a maioria contraiu a doença, mas não foi suficiente para nos parar, continuamos com uma equipe reduzida em prol de nossas comunidades.

Ainda temos muito a caminhar. Nesse momento estou me recuperando e espero logo estar ativa para ajudar nosso povo da melhor forma possível. Peço a todos que sigam o isolamento social, pois a situação é muito delicada. Meus agradecimentos a todos os parceiros, ao Ministério Público Federal e ao Iepê (Instituto de Pesquisa e Formação Indígena) que estão conosco nessa batalha.



Não sabemos quem é portador do vírus ou não

KEILIANE VIDAL MUNIZ IAPARRÁ

Eu me chamo Keiliane Vidal Muniz Iaparrá, tenho 16 anos e sou indígena Palikur, da Aldeia Kumenê, mas eu moro no Oiapoque com a minha família. Até alguns meses atrás eu não fazia ideia da existência desse vírus. A primeira vez que ouvi falar foi na escola, a segunda foi a minha irmã, que faz Licenciatura Intercultural Indígena. Ela falou sobre os cuidados preventivos da covid-19 e, para mim, foi uma grande surpresa. Foi uma bomba mundial! É muito chocante saber que em menos de 90 dias a covid-19 já atingiu milhares de vítimas aqui no Brasil, a taxa de mortalidade tem sido muito alta e eu tenho plena consciência do medo das pessoas. Eu conheço amigos que já perderam seus familiares para a covid-19, pessoas que não conseguiram resistir. Os hospitais, alguns oferecem suporte e outros não, as pessoas chegam a morrer antes mesmo de entrar dentro de um.

O meu cotidiano, como o de todas as pessoas, mudou completamente. Eu sou estudante e ainda estamos de quarentena, sei que o uso de máscara e álcool gel, entre outros mínimos cuidados, é o que vai nos salvar, mas mesmo assim eu ainda tenho medo de contrair o vírus, porque eu tenho a minha mãe, que é hipertensa, e ela se encaixa no grupo de risco. A gente não vê um suporte do governo, os meus familiares que moram nas aldeias, os meus parentes, muitos já contraíram a covid-19. Felizmente, com o tratamento certo, com a medicação da farmácia e com remédios caseiros, eles conseguiram fortalecer o seu sistema imunológico e conseguiram amenizar os sintomas.

Aqui no Oiapoque já ouvi o lockdown, que durou semanas, e a quarentena tem sido muito eficaz. É interessante eu citar aqui que eu passei por uma situação muito constrangedora. Uma vez eu sai com a minha irmã, a gente foi fazer compras e a minha irmã estava no centro do Oiapoque me esperando para fazer algumas compras e, na correria, eu acabei saindo sem a minha máscara. Quando eu estava indo encontrar com ela as pessoas se afastavam e muitos me olhavam com indiferença. Algumas faziam gestos que me deixaram mal, me senti diferente, então percebi que eu estava sem máscara e eu era a única que estava sem máscara! Eu via o medo nos olhos das pessoas, eu via que elas queriam me dizer alguma

coisa, eu vi que elas queriam me avisar, mas que me evitavam, é claro, né? Eu não estava me protegendo e, para mim, o habitual é não usar máscara, para todos nós, né? Mas hoje o que vai nos salvar é o não habitual. O que eu quero dizer é que usar máscara, usar álcool em gel e lavar as mãos é uma grande necessidade e não fazer isso é causar medo em muitas pessoas, medo de contrair o vírus e repassar. Não temos mais confiança, não sabemos quem é o portador do vírus ou não, e isso tudo, para mim, têm sido muito diferente e assustador!

As vivências e os modos das pessoas mudaram completamente, e o meu também! E mesmo que eu não more na aldeia tenho a preocupação com os meus parentes e o meu bisavô, ele já é muito idoso, e eu tenho um medo enorme dele contrair o vírus, medo da resistência dele, que talvez seja pouca. Mesmo que tenha sido interditada a passagem para a aldeia, a covid-19 já chegou lá, então é uma situação catastrófica porque até mesmo lá já há casos. Dentro da aldeia é ainda mais difícil de conseguir um tratamento eficaz se a pessoa precisar. Mas apesar do distanciamento das pessoas, eu sei que existem pessoas aqui no Oiapoque que se mobilizam para ajudar quem necessita e eu já vi muito isso, eu fui uma das pessoas que foi ajudada aqui!

As pessoas estão dando um suporte aqui a quem necessita, pois alguns perderam seus empregos, então é uma situação realmente difícil, muito difícil o que estamos passando nesse ano e talvez demore para o vírus passar, então todos os cuidados que nós temos são pouco. Então, seja nas aldeias ou nas cidades, cuidem-se, não esqueçam das máscaras e do álcool em gel, que é o que irá nos resguardar nesse período de pandemia. Onde quer que você esteja utilize máscara e não esqueça dos cuidados, porque mesmo que você seja um único infectado, talvez você possa passar para os seus familiares e sempre vai ter alguém que esteja no grupo de risco e que possa sofrer mais com essa doença. O corona-vírus não escolhe as vítimas dele.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 13 de junho de 2020



Na cidade corria mais risco de me contaminar

GRACILENE MONTEIRO NARCISO

Me chamo Gracilene Monteiro Narciso, tenho 24 anos, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, da Aldeia Kumarumã, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, no Amapá. Sou acadêmica do Curso de Ciências Biológicas e, devido aos estudos, passei a morar no Oiapoque.

Antes da pandemia chegar ao Brasil eu estava muito feliz e satisfeita, mas quando foi confirmado o primeiro caso no Brasil fiquei triste, muito pensativa. Como esse vírus circula muito rápido, sabia que cedo ou tarde iria chegar no estado do Amapá também. Quando assisti o noticiário local e foi anunciado o primeiro caso confirmado no Amapá caiu a minha ficha, fiquei muito preocupada, algumas noites eu não conseguia dormir direito de tanta preocupação.

Eu tinha acabado de iniciar o quarto semestre do curso, tinha muitas expectativas de adquirir novos conhecimentos e somar com as minhas amigas da minha turma, como sempre fizemos em outros semestres. Também tinha planejado viajar com a minha amiga para conhecer a cidade dela, no mês de julho, nossas férias. Mas, infelizmente, as atividades acadêmicas foram suspensas devido a chegada da covid-19 no Amapá. Fiquei muito preocupada com o semestre mas, principalmente, com minha família, meu povo e os demais povos indígenas da região do Oiapoque. Nós, indígenas, possuímos imunidade baixa para gripes e fazemos parte do grupo de risco. Ficou muito difícil para mim, pensava nas consequências dessa doença e na ausência de estrutura adequada nos hospitais do Estado do Amapá.

Já que não tinha aula para mim, entrei em contato com o meu pai, foi quando ele me pediu para ir para a aldeia me isolar junto com eles. Falei que sim, aí, no dia seguinte, uma tia minha me ligou para me avisar que ela tinha conseguido uma passagem para mim, seguimos para a aldeia.

Logo em nossa chegada à aldeia, o Cacique, junto com as lideranças e os profissionais de saúde, tomou a decisão de proibir a saída e a entrada de pessoas, mesmo parentes, vindas da cidade. Com a graça de Deus cheguei a tempo na aldeia, antes dessa decisão ser tomada. Tenho

acompanhado as notícias sobre essa doença pela TV. Quando deu o primeiro caso confirmado no Oiapoque, aí a preocupação aumentou, pois logo o vírus poderia chegar nas áreas indígenas. Tomamos as possíveis providências de prevenção da doença para não chegar na aldeia, preparamos os nossos remédios caseiros para usarmos contra os sintomas da covid-19.

O segundo caso confirmado no Oiapoque nos abalou muito, porque era um indígena, um enfermeiro da saúde indígena, do DSEI (Departamento Sanitário Especial Indígena) Amapá e Norte do Pará. Minha tia é técnica de enfermagem e teve contato com ele, porque ela estava na CASAI (Casa de Saúde Indígena), tinha ido para trabalhar na aldeia Kunanã mas, como ela tem filho pequeno e não pode ficar longe, pois tem que amamentar o bichinho, o chefe dela a escalou para ir trabalhar na nossa aldeia mesmo. Então ela voltou para a comunidade do Kumarumã, mas quando os profissionais da saúde souberam que ela teve contato com o enfermeiro que atestou positivo para covid-19, os profissionais da saúde foram até nossa casa pedir para ela ficar de isolamento durante 14 dias, se não apresentasse sintomas durante os 14 dias voltaria ao trabalho. Ela ficou até completar os 14 dias e não apresentou nada de sintoma, mas, durante esses 14 dias, as pessoas estavam com muito medo da gente, porque minha tia poderia estar infectada. Nós também estávamos com medo, pois moramos na mesma casa, mas com a graça de Deus ela não estava infectada.

Depois, com um mês e meio na aldeia, eu recebi uma mensagem para vir ao Oiapoque resolver um problema pessoal. Infelizmente, tive que sair da aldeia uma hora da madrugada, debaixo de chuva, eu sofri muito, esse dia foi muito difícil para mim e ainda carregava muita preocupação, pois indo para a cidade corria mais risco de me contaminar com o vírus.

Passados alguns dias encaminharam um homem da aldeia para a cidade, pois ele sentia alguns sintomas da covid-19 há 12 dias. Na cidade fizeram o teste rápido e deu positivo! Quando recebi essa notícia foi muito difícil para mim, não conseguia acreditar, chorei muito de preocupação com a minha família, pois poderiam estar infectados também, porque minha tia trabalha no posto de saúde na aldeia e teve contato com esse senhor que atestou positivo. Minha tia não ficou online por um bom tempo, esses momentos sem informação da minha família foram muito difíceis para mim. Em uma segunda-feira bem cedo minha prima ficou online e me mandou mensagem avisando que, infelizmente, minha família estava com a

covid-19: meu avô, minha avó, meu irmão e meu pai. Nesse dia fiquei muito para baixo, sem força, chorei muito de preocupação e medo de perder eles para esse vírus, porque são pessoas que eu amo muito.

Depois, minha tia ficou online e me mandou mensagens. Perguntei se meus parentes estavam melhorando e ela me disse que sim, que meu avô, minha avó e meu irmão estavam melhorando. Meu pai não, ele estava um pouco mal. Isso me deixou muito preocupada com o meu pai, eu o amo muito, ele é o único que tenho, que me restou. Com o tempo ele melhorou também, com a graça de Deus minha família venceu esse vírus! Mas fiquei triste pela perda de uma senhora na minha aldeia, ela é mãe de uma amiga minha. Semana passada recebi outra notícia triste sobre o meu tio, que estava muito mal, lutando contra o vírus. Para piorar, minha bisavó, de 102 anos, está lutando contra a covid-19. Estou muito preocupada, pois ela é muito frágil, mas creio que ela vai sair dessa, sempre penso positivo, minha bisavó é mais forte que esse vírus e vai vencer...!

Oiapoque, Amapá, Brasil | 14 de junho de 2020



A doença impactou nossa maneira coletiva de viver

ALCIMARA ANICÁ DOS SANTOS

Meu nome é Alcimara Anicá dos Santos, tenho 25 anos, sou do povo Karipuna, moro na aldeia Santa Izabel, sou vice-coordenadora da Associação do Povo Indígena Karipuna (AIKA) e acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Esse momento que estamos vivenciando está sendo bem difícil para todos nós, está sendo de muitas perdas, essa pandemia mudou nosso modo de vida, nos deixando assustados, sem poder sair de casa para visitar nossos parentes e amigos. Não podemos ir à cidade para fazer nossas compras, sei que tudo isso é para nos prevenir desse vírus, esse inimigo invisível que está levando nossos parentes queridos, pessoas que amamos, pessoas que ainda poderiam estar aqui em nosso meio.

Mesmo estando na aldeia me sinto presa, sem sair de casa. Sinto falta dos meus amigos e fico preocupada com meus parentes que vivem na cidade,

principalmente os que vivem na cidade de Macapá e Oiapoque, os que não conseguiram ir para suas aldeias. Muitos deles dependem da venda de seus artesanatos e agora não podem vender, devido essa doença.

Nós, indígenas do Oiapoque, querendo ou não, dependemos de alguns produtos industrializados. Agradeço ao nosso parceiro Iepé (Instituto de Pesquisa e Formação Indígena) pela preocupação de distribuir cestas básicas em nossas aldeias, e as nossas organizações, a todos que estão na linha de frente. Fico preocupada com minha mãe, com nossos mais velhos, pessoas que são do grupo de risco, quem tem diabetes, os que são hipertensos e os que têm problemas de coração. Todos os dias rezo para que eles não contraiam essa doença.

O que é muito estranho e difícil nesta pandemia é manter a distância. Aqui na aldeia temos o costume de visitar as pessoas que estão doentes, levar remédios, fazer comida, mas neste momento fica difícil fazer isso. Aqui na minha aldeia os nossos vizinhos pegaram covid-19, um deles é compadre da minha mãe, ele é técnico em enfermagem. Nosso avô, que é uma das pessoas mais velhas aqui da aldeia, mora do lado da casa dele. É bem difícil ter que lidar com esses novos hábitos para não propagar o vírus, porque para nós, indígenas, é como se fosse uma falta de respeito não ir lá visitar os idosos e doentes, ou ir usando máscara. A doença não impactou apenas as pessoas, impactou também a nossa maneira coletiva de viver na aldeia.

Aldeia Santa Izabel, Oiapoque, Amapá, Brasil | 14 de junho de 2020



A gente não conseguiu evitar a propagação do vírus

MAGNO DOS SANTOS

Me chamo Magno dos Santos, sou indígena da etnia Karipuna, da Aldeia Manga, região Curipi, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque. Tenho 22 anos, sou representante regional e faço parte do grupo de conselheiros da minha comunidade. Hoje, dia 16 de junho de 2020, vou falar como a pandemia atingiu a minha comunidade. Quando a pandemia surgiu a gente já se sentiu preocupado, porque a gente viu como ela teve efeito nos

países vizinhos. A nossa preocupação maior foi quando a gente viu que os grupos de risco eram os nossos idosos, porque os nossos idosos guardam as nossas histórias, que até hoje a gente preserva, eles também são nossos dicionários vivos, mas antes disso não tinha aquele medo grande.

A gente veio a se preocupar quando apareceram os primeiros casos, tanto na Guiana Francesa quanto no Oiapoque. Então o nosso grupo de caciques, reunidos no Conselho de Caciques (CCPIO), se mobilizou e pediu de imediato uma barreira sanitária que iria acontecer no Km-18, a entrada da nossa Terra Indígena Uaçá. O objetivo principal dessa barreira era para que não houvesse nem saída e nem entrada de pessoas, para que não chegasse a contaminação dentro da comunidade, para que pessoas não trouxessem a contaminação para nossas aldeias.

No início surtiu efeito, todos nós vimos que estava sendo uma barreira boa e todos nós estávamos respeitando. Mas aconteceu que membros das nossas comunidades já estavam ficando sem os seus produtos essenciais e sem os seus produtos de higiene. Então o Cacique, juntamente com a comunidade, fez uma reunião interna para ver uma estratégia sobre como as pessoas iriam se movimentar da aldeia até o Oiapoque e como seria essa medida de prevenção para que não houvesse o contágio dentro da comunidade. Eles pensaram em estratégias, mas sabemos que a gente trabalha com várias regiões e sabemos que são várias comunidades...

Na primeira vez que foi aberta a barreira o pessoal foi até o Oiapoque, fizeram suas compras e teve todo um controle do quantitativo de pessoas que poderia ir, até aquele momento estava tudo bem e pensávamos que a gente estava fazendo a coisa certa, a gente não sabia que iria enfrentar a covid-19 tão rápido...

Depois que o pessoal saiu da sua comunidade e foi até o Oiapoque, logo tinha sintomas dentro da comunidade, mas as pessoas não procuraram um Posto de Saúde, nem nada. E só quando foi confirmado o primeiro caso da covid-19 dentro da aldeia é que o Cacique e o Conselho tomaram a atitude de fazer o isolamento de todos os membros da comunidade, que só saíssem das suas casas se fosse realmente necessário, se fosse para algo de extrema importância, mas, infelizmente, mesmo com todas as medidas que a gente tentou tomar dentro da comunidade, a gente não conseguiu evitar a propagação do vírus, e várias pessoas foram contaminadas, incluindo idosos e crianças, mas a gente não teve nenhum óbito dentro da nossa comunidade, tivemos alguns casos graves, mas foram poucos.

Na maioria dos casos a gente teve pessoas que sentiram sintomas leves, eu tenho para mim que eu contrai o vírus, mas eu não apresentei quase nenhum tipo de sintoma, a única coisa foi que eu perdi o paladar, eu não sentia gosto de nada. Não tive febre, não tive dor de cabeça, não tive problemas com hipertensão, minha pressão nem subiu. Mas outras pessoas na aldeia sentiram muita febre, muita dor de cabeça, mal estar, dor no corpo.

Nosso isolamento domiciliar na aldeia passou a ser mais rígido e as pessoas deveriam ficar em suas casas por, pelo menos, 14 dias, e houve o fechamento de tudo, dos comércios, do campo de futebol, de todos os lugares onde poderia haver aglomeração. Os trabalhos comunitários tiveram que parar, e também as reuniões. Acontecia as reuniões, mas era somente com o Cacique e o seu Conselho, a comunidade não participava.

A covid-19 é uma doença grave, a gente tem que ter preocupação mesmo! Hoje a gente vê relatos de pessoas que ainda não estão bem, mas, por necessidade, continuam trabalhando nas suas roças, continuam fazendo seus trabalhos! Mas, graças a Deus, a gente tem nossos chás, foi algo que ajudou muito a gente aqui na aldeia, os nossos chás. O povo aqui fazia muito chá e o pessoal tomava. Teve pessoas que reagiram super bem com o chá e eu posso dizer que muitas pessoas foram levantadas através desses chás, eu sou uma delas e estou contando aqui como foi passar pela doença.

Eu vi meu pai, eu vi minha mãe, eu vi a situação deles... Não foi uma coisa tão grave, mas foi preocupante. A gente via na televisão como que estava acontecendo, mas a gente acreditava que tudo iria passar e que a gente iria conseguir superar, e foi o que aconteceu, a gente conseguiu superar e estamos nos recuperando. Mas o isolamento e o distanciamento ainda continuam porque ninguém sabe como que funciona a recaída da covid-19 para as outras pessoas, porque uma pessoa que já contraiu o vírus a gente não sabe como que funciona, então a gente continua com esse medo e com esse receio de contrair novamente.

Uma coisa que a gente tem que colocar na cabeça é que a gente precisa mesmo zelar pela nossa vida, e não só pela nossa, pela dos outros, porque se a nossa vida não foi prejudicada, a vida de outra pessoa pode ser prejudicada. Então é isso, muito obrigado!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 16 de junho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Sousa



Uma mãe nunca deixa seu filho sofrer sozinho!

MARIA NECY PIMENTEL FELIPE

Me chamo Maria Nécya Pimentel Felipe, tenho 51 anos, sou Karipuna e moro na Aldeia Manga. Vou falar um pouco para vocês da angústia que tive quando meus dois filhos foram infectados pelo coronavírus.

Quando eu fiquei sabendo que apareceu essa doença e que estava matando muita gente, que se espalhava muito rápido, eu fiquei apavorada porque eu sabia que ela iria chegar até nós. No jornal dizia que a doença matava mais as pessoas que sofriam de alguma doença, como diabetes, hipertensão e outras doenças, como eu sou de hipertensão e colesterol alto eu fiquei com muito medo.

Quando a doença chegou na Aldeia Manga eu fiquei mais apavorada ainda, eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser nessa doença. E quando minha filha chegou dizendo que estava passando mal, com febre, logo pensei em isolar minha filha, disse para ela ficar no quarto e não sair de lá. Foi nesse momento que eu comecei a pensar o que eu ia fazer: eu deixava minha filha enfrentar isso sozinha ou eu me arriscava para ajudar ela?

Meu coração de mãe falou mais alto e escolhi me arriscar para cuidar da minha filha e do meu filho, que também pegou a doença. Eu disse para os meus filhos que eu não ia deixar eles sozinhos nessa luta. Aconteça o que tiver para acontecer vou sempre estar do lado deles. No começo eu fiquei com muito medo porque eu já não estava muito bem de saúde e faço parte do grupo de risco, não seria bom se a covid-19 me pegasse. Mas, pelos meus filhos, eu sou capaz de enfrentar tudo, até essa doença! Uma mãe nunca deixa seu filho sofrer sozinho! Eu cuidei da minha filha e do meu filho e, graças a Deus, e aos remédios caseiros, meus filhos melhoraram. Por isso que eu digo que nós temos que nos unir e cuidar uns dos outros. Eu acredito que todos nós iremos vencer essa guerra!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 14 de junho de 2020



É muito fácil falar “fiquem em suas aldeias”

LUENE ANICÃ DOS SANTOS

Eu sou Luene Karipuna, tenho 21 anos, moro na Aldeia Santa Izabel, às margens do rio Kuripi, Terra Indígena Uaçá, e este é o meu segundo relato. Já são praticamente quatro meses em quarentena, durante esse tempo todo pudemos perceber quão vulneráveis somos. Temos recebido contribuições de cestas básicas dos nossos parceiros para o nosso povo permanecer nas aldeias, sei que foi feito o possível para ajudar, mas há algo a se destacar, essas cestas não suprem todas as nossas necessidades, infelizmente.

Nossas famílias nas aldeias são grandes, há famílias que têm algum membro com necessidades especiais e estes precisam de uma alimentação diferente, nossas crianças precisam de leite para que suas mães façam seus mingaus, elas estão acostumadas com esses produtos. É muito fácil falar “fiquem em suas aldeias” quando você tem onde e como comprar o leite das suas crianças. No dia 18 deste mês uma amiga entrou em contato, ela faz parte da Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi (OPIAJ), eles lançaram uma vaquinha online para ajudar os bebês recém-nascidos nesse período de isolamento social. Ela relatou um pouco sobre esse trabalho, nas redes sociais estou vendo vários parentes pedindo ajuda para manter seu povo na aldeia bem alimentado, então, a situação não é fácil.

Na aldeia onde moro temos dois técnicos em enfermagem, mas um deles pegou covid-19 e teve que se afastar desde o início de maio, não lembro ao certo, foi o primeiro caso confirmado aqui na aldeia. Desde então ficamos apenas com um técnico em enfermagem trabalhando, enquanto os sintomas foram começando a aparecer bastante na aldeia, mas não havia teste rápido para afirmar se era covid-19 ou não, e então o técnico remanescente continuou trabalhando e atendendo as pessoas, mesmo sem saber se era ou não covid-19, e com praticamente nada de medicamentos no Posto de Saúde.

Nessa época do ano é bastante chuvoso aqui, fica difícil para sair pois o chão fica muito encharcado e acaba virando um pequeno lameiro,

mas o técnico atendeu noite e dia, não tinha horário para ele fazer seu trabalho. Isso é importante, por isso gostaria de destacar o trabalho do técnico em enfermagem Luiz César Rezende em meu relato. Outra pessoa que também trabalhou incansavelmente para fazer com que as cestas básicas distribuídas pelos parceiros chegassem a nossa aldeia, mesmo sem poder reunir muitas pessoas por causa da aglomeração, foi nosso cacique Jackson Paixão, que trabalhou junto com seus filhos, sobrinhos e genros para trazer as cestas da Aldeia Manga e distribuir para a nossa aldeia. Nosso modo de vida coletiva foi muito abalado, mas estamos usando nossos remédios tradicionais no combate ao vírus. Espero e acredito que dê certo.

Aldeia Santa Izabel, Oiapoque, Amapá, Brasil | 21 de junho de 2020



Não há como não sentir medo

DILZIANE LABONTE ORLANDO

Meu nome é Dilziane Labonte Orlando, sou do povo Palikur-Arukwayene, moro em Macapá, sou acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP), também sou mãe de um menino de três meses.

Os primeiros casos da covid-19 chegaram em Macapá algumas semanas após o nascimento do meu filho, ou seja, nós já estávamos isolados por conta do período de licença-maternidade e, próximo ao fim desse período, começou o isolamento na cidade, motivado pelo crescente número de casos de covid-19. Nesse momento vi a saúde das pessoas da minha família ser ameaçada por esse vírus, do qual até então pouco se sabia a respeito. Apesar do meu bebê e eu estarmos isolados, meu marido trabalhava com público em um órgão da Polícia Estadual e, hoje, trabalha ainda mais próximo ao público, como Agente de Saúde na parte educativa da comunidade. Nos adequamos às medidas rígidas de prevenção dentro e fora de casa.

As aulas presenciais das escolas e universidades foram suspensas na cidade. Entretanto, para não haver atrasos no calendário acadêmico, o IESAP, assim como outras faculdades privadas, adequou plataformas para aulas virtuais. Talvez seja essa a única coisa boa no meio dessa calamidade mundial pois, com essas medidas, eu pude estudar e ficar com meu bebê que, nessa idade, precisa muito que eu esteja próxima.

Mas eu penso na família... Além de ter que lidar com a saudade de estar há tanto tempo distante, veio também a preocupação, o medo e o sentimento de incapacidade por não poder ajudar imediatamente caso fosse necessário. Meus pais são do grupo de risco pela idade, e nós, indígenas, de maneira geral, temos uma fragilidade em relação à esse tipo de doença. Não há como não sentir medo, a família do meu marido perdeu pessoas próximas, amigos e familiares. Cada notícia desse tipo que ele me contava fazia vir em minha cabeça a memória da minha família. Penso em meus pais e em meus familiares que moram em Cayena, principalmente agora, que a covid-19 já se manifestou no meio deles. Penso nos meus amigos e parentes da minha Aldeia Kumenê, penso nas outras etnias e tenho medo porque sei que no passado muitos indígenas morreram vítimas de pandemias e doenças virais.

Macapá, Amapá, Brasil | 21 de junho de 2020



Lutei contra a covid-19 e venci a batalha

JULIANA ANIKÁ

Sou Juliana Aniká, sou indígena da etnia Karipuna, moro na Aldeia Manga, sou professora e também acadêmica da Pós-Graduação em Cultura e Políticas Públicas na Universidade Federal do Amapá, estou aqui para contar um pouco da minha história nessa grande pandemia que chocou o Brasil e o mundo.

Durante o isolamento deixei de fazer muitas coisas que eu costumava fazer, como visitar meus parentes, tomar banho de rio, pescar com meu

esposo e, principalmente, me afastei do meu trabalho, que é dar aula, e estou sentindo muita falta. Apesar de tudo isso durante o isolamento eu pude dar mais atenção à minha família, esposo e filhos.

Por ser indígena e morar isolada da cidade eu imaginei que estava segura, protegida desse vírus, o tal coronavírus, conhecido como covid-19. No entanto, em um certo dia, sentada em frente à TV, eu senti um calafrio e uma sensação de mal estar, dor de cabeça, corpo mole, mas achei que fosse apenas uma gripe comum, cheguei a espirrar muito e a comentar com minha mãe, que me disse que seria apenas uma gripe, que não era para eu me preocupar.

Mas com o passar dos dias a dor de cabeça começou a aumentar, comecei a sentir dor no corpo, tive febre, diarreia, falta de apetite, boca amarga e não sentia o cheiro das coisas. Ai pude perceber que não seria apenas uma gripe comum, mas que se tratava da covid-19. Em nenhum momento entrei em desespero, fui ao médico e ele indicou o que eu deveria fazer, mas mesmo indo ao médico ficou uma sensação de medo, medo de passar mal e não ser socorrida à tempo, nós sabemos a realidade da nossa saúde indígena, a falta de medicamento e de um bom atendimento médico. Mas nós, povos indígenas, com nossos costumes e saberes, buscamos em nossos ancestrais a sabedoria da medicina tradicional, nossos remédios caseiros.

Hoje digo que lutei contra a covid-19 e venci a batalha, estou aqui, curada. Agradeço a Deus por ter vencido essa doença, é muito triste ver milhares de pessoas perdendo suas vidas, milhares de famílias sendo destruídas, pessoas passando necessidades. Agradeço a Deus por estar na minha aldeia e me alimentar dos peixes do rio Kuripi, comer com água e farinha, que nunca falte em minha mesa, em nossas mesas. Deixo aqui uma mensagem para os amigos e parentes que fiquem em casa e só saiam se for necessário, esse vírus não é uma simples gripe, esse vírus mata, use máscara e proteja sua família, não deixe esse vírus acabar com sua vida e com sua família.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 21 de junho de 2020



Conforme os casos apareciam a minha ansiedade piorava

DEUSIMAR MACIEL

Me chamo Deusimar Maciel dos Santos, tenho um filho, sou pedagoga da Escola Indígena João Batista Macial, sou do povo Galibi-Marworno, da Aldeia Tukay. Quando começou a surgir os casos de covid-19 no Amapá nós estávamos iniciando o ano letivo e tivemos que paralisar as aulas. Nós reunimos a comunidade e, juntamente com a coordenadora da escola, informamos o porquê de ser paralisada as aulas, informamos também que a gente não sabia quando voltaria novamente, devido ao vírus que já estava no estado do Amapá, nós tínhamos que nos prevenir e manter a nossa segurança, manter a segurança da comunidade. Desde então recebemos orientações de como nos prevenir, que tínhamos que permanecer aqui na aldeia e não ir para a cidade para não nos infectar.

A preocupação mais desesperadora foi quando os casos começaram a surgir em Oiapoque. Eu, recentemente, tive uma perda e, com isso, acabei por desenvolver uma certa ansiedade. Conforme os casos apareciam a minha ansiedade piorava e o medo, a angústia e o desespero tomavam conta. Minha preocupação, a minha angústia, era sempre com os meus parentes, meu filho, minha mãe que é diabética, o meu pai, a minha avó e também com todas os parentes indígenas. Eu ficava desesperada em saber que a gente não conhecia o vírus e a gente não conhecia como o nosso organismo iria reagir diante dessa doença, caso alguém se infectasse.

Quando começou a aparecer os casos lá na Aldeia Kumarumã todos nós ficamos preocupados, porque todos nós aqui da aldeia temos parentes no Kumarumã e a minha mãe ficou mais preocupada com meu irmão, que mora lá. Ela estava sem notícias dele, nós mandávamos mensagem no whatsapp querendo saber notícias dele, de como ele estava, ele e a família dele, se ele estava se prevenindo, se eles estavam bem. Então, depois de uns dias, ele respondeu dizendo que estavam bem, mas que a doença já tinha chegado lá e tinha muitos parentes nossos que haviam sido infectados, que estavam bem ruins, mas que a comunidade estava tratando com remédio caseiro e alguns já estavam com sintomas leves. Ele

disse que minha avó, já bem idosa, também tinha sido infectada e que ela estava muito fraca, que ela não se alimentava direito e, devido a isso e a doença, ela ficou muito, muito fraca. Meu irmão disse que a minha avó pedia para que o meu pai – que mora aqui na Aldeia Tukay – visitasse ela, pois ela estava sentindo falta dele, porque fazia um tempão que ele não a visitava. Tudo isso acontecendo e minha avó estava pedindo para meu pai ir visitá-la na aldeia! Então a gente ficou preocupado com a saída dele para lá, mas com a graça de Deus ele está bem, ele não foi infectado ainda, é muito preocupante para nós, filhos, com os nossos pais idosos, com risco de serem infectados, porque eles são mais fracos diante dessa doença.

Quando começou a pandemia da covid-19 quem sempre fazia as compras em Oiapoque era eu e o meu irmão mais novo, nós fazíamos as compras sempre nos higienizando, tomando todos os cuidados, mas esse meu irmão começou a apresentar sintomas de dor de cabeça, febre, dor no corpo, frio. Nós pensávamos que era uma gripe normal, que ele não tinha sido infectado, só que ninguém fez o teste para saber se era ou não a covid-19. Mas a gente tomava remédio caseiro, chá, a gente recebeu orientações dos nossos parentes mais idosos, a gente fazia chá e tomava. Meus pais também tomavam, minha mãe e meu pai não apresentaram sintomas mais graves.

No dia 14 de junho eu comecei a sentir os sintomas, com uma enorme dor no corpo inteiro, fraqueza, dor de cabeça, frio... Dois dias depois fui me consultar no Sentinela, fui medicada e tomei todos os remédios e os sintomas foram desaparecendo, mas a minha preocupação maior era com meu filho que dormia comigo e vivia comigo o dia inteiro. Como iria ficar se ele pegasse? Como iria cuidar dele, ele doente e eu doente? Como a minha preocupação era com ele, comecei a me afastar dele. Comecei a dormir sozinha em um quarto e ele ficou sozinho no outro, fiquei mais distante dele. Ele me perguntava porque eu não queria mais abraçar ele, e eu tinha que explicar para ele porquê que eu não podia. Ele entendia o porquê, mas depois perguntava se depois eu iria voltar a abraçar ele. Eu dizia que sim, quando eu melhorasse eu iria voltar a abraçar ele e a gente teria a vida normal.

Eu fiz o teste, só que eu não peguei o resultado ainda, mas com os remédios que me passaram, além dos remédios caseiros, eu fui melhorando, começou a sumir a dor no corpo, as fraquezas, só as vezes que tenho leves dores de cabeça, uma dor de cabeça não muito forte mas que

incomoda, senti que eu tinha perdido o paladar e o olfato, não conseguia sentir o cheiro de nada, nem sentir o gosto de nada. Passei uns dias lá no Oiapoque e, como eu já estava bem melhor, me recuperando, resolvi voltar para a aldeia. Quando eu cheguei na Aldeia Tukay vi que a maioria das pessoas estavam sentindo esses mesmos sintomas que eu tive, sintomas leves e febre, dor de cabeça. Percebi que minha mãe também estava com esses sintomas e eu fiquei muito preocupada com ela, porque ela é diabética, mas ela também já estava tomando os remédios caseiros muito antes dela sentir os sintomas. Eu creio que devido a esses remédios caseiros nós só sentimos esses sintomas leves, que não nos ocasionaram coisas piores, e o meu filho, graças a Deus, até agora está bem e não tem nenhum sintoma. Hoje eu percebo o quanto o conhecimento tradicional indígena é importante para nós, o quanto a medicina indígena fez a diferença!

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil | 23 de junho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Essa doença é séria, não é para brincar

NILO MARTINIANO

Boa tarde, eu sou Nilo Martiniano, da etnia Palikur-Arukwayene, funcionário da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), morando na cidade do Oiapoque há quase 10 anos. O povo Palikur é um povo que já enfrentou grandes problemas durante muito tempo atrás, com algumas doenças altamente contagiosas e sua disseminação dentro das comunidades e aldeias menores. Na época era o Pajé, como também o Cacique (Capitão), que organizavam tudo e tomavam as decisões sobre qualquer situação que poderia trazer danos à saúde da população. Eram eles que ordenavam se podia ou não o isolamento das pessoas acometidas por certas doenças contagiosas. Talvez, por causa disso, o povo prevaleceu até os dias de hoje.

Quando os Palikur enfrentavam grandes pandemias de doenças con

tagiosas, os líderes de grupos familiares podiam tomar as suas próprias decisões de isolamento social das pessoas com suspeita desse tipo de doença contagiosa, sendo que essa pessoa era membro do grupo. Esse grupo podia isolar a vítima em outro local afastado. E se essa pessoa fosse adulta e tivesse companheiro (a) – e a sua situação de saúde não fosse grave –, essa pessoa ficava de quarentena com o seu parceiro em local separado até o tempo em que estivessem curados, o que era confirmado pelos anciões, que diziam se essas pessoas estavam sãs.

Quando acontecia a chegada de uma enfermidade de alto contágio as próprias famílias se afastavam de suas casas, indo para os seus carbês, onde passavam meses, até que as doenças se afastassem. Alguns casais se afastavam, indo morar nas pedras por alguns meses, e o contato com as outras pessoas era restrito a obter informações das situações de outros familiares e parentes, afim de saber se doença já havia passado ou não. Nessa época as doenças em que se fazia isolamento das pessoas eram coqueluche, sarampo, tuberculose e cólera.

Hoje tem a covid-19, nova doença que surgiu e que está fazendo muitas vítimas. Ela causou preocupação à minha pessoa em relação aos meus parentes, aos meus filhos, aos meus netos. Logo quando essa notícia começou a espalhar eu nunca pensei que iria chegar aqui. A gente via, assistia o jornal, a gente via o pessoal usando máscara, e eu nunca pensei que chegaria a usar esse tipo de máscara também, nunca! Mas não foi bem como eu pensava, e em alguns meses, bem poucos, essa doença se alastrou e chegou aqui no Oiapoque e nas aldeias, o que me preocupou bastante, mas eu sempre peço a proteção de Deus e deixo tudo nas mãos de Deus.

Pensando na minha família e nos meus parentes Palikur, a gente sabe que eles sabem usar remédios caseiros. Quando essa doença chegou o pessoal fez vários tipos de orientação, mas, infelizmente, hoje os indígenas também consomem outros produtos, eles têm que comprar sal, café, leite. Então, quando esses produtos acabaram lá na aldeia, eles tiveram que vir na cidade, mesmo procurando evitar ao máximo. Na cidade não souberam se prevenir e acabaram pegando essa doença e levaram para lá, para a aldeia. Depois que descobriram isso, começaram a fazer remédios que eles conhecem, e teve a orientação dos outros não indígenas também, e está dando certo, mesmo que eles tenham sofrido com a doença, por ela ser muito forte, mas a maioria está escapando.

Ontem, dia 15 de junho, pela parte da tarde, às dezoito horas, faleceu uma senhora de 70 anos, que mora em uma ilha perto da Aldeia Kumenê. As pessoas lá da aldeia estavam achando que essa senhora faleceu por não ter ajuda de outras pessoas para fazer remédios para ela, apesar dela ter o esposo mas, talvez, os dois adoeceram, porque moravam só os dois.

Os primeiros que pegaram essa gripe passaram ruim, quase que morrem, mas as pessoas que pegaram depois só sentiam febre uma noite e, no segundo dia, já é mais leve, no terceiro dia já não dá mais febre e basta só repouso. Mas as pessoas que não souberem respeitar, não souberem prevenir-se para essa doença, essas pegaram muito forte mesmo. Essa doença é séria, não é para brincar, e o que temos a fazer é continuar avisando e conscientizando as pessoas para continuar usando máscaras, lavando sempre as mãos com sabão e depois álcool, tanto na cidade quanto na aldeia, porque a pessoa não estará evitando a doença só para ela, e sim evitando para várias outras pessoas também, e por isso é muito importante seguir as orientações que diversas organizações mandam a gente seguir.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 14 de junho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Nós não queremos morrer dessa doença

KURIPI WAIÄPI

Owaril Meu nome é Kuripi Waiäpi, eu sou do povo Waiäpi, eu moro na Terra Indígena Waiäpi, que fica no município de Pedra Branca do Amapari. Eu moro na Aldeia Ivyraveta. Então, a nossa preocupação é com a doença coronavírus. Nós não queremos morrer dessa doença, então pensamos em como fazer para controlar. A articulação das comunidades orientou para não ir para as cidades, que é para evitar essa doença, a pandemia da covid-19. Também resolvemos que as famílias waiäpi devem fazer isolamento na Terra Indígena Waiäpi e nas aldeias. A maioria das famílias waiäpi está isolada nas aldeias dos limites, porque cada vez mais a

doença coronavírus está se espalhando e está se aproximando da nossa Terra Indígena. Muitas das comunidades de assentados se contaminaram pelo coronavírus, fica bem próximo da Terra Indígena Waiãpi, por isso não pode sair, nenhuma família waiãpi pode sair para fora da aldeia. Somente os apoiadores podem fazer os atendimentos das comunidades waiãpi, como a equipe de saúde e a Funai (Fundação Nacional do Índio).

É a hora da gente decidir, nós não queremos pegar essa doença. Nós, Waiãpi, estamos muito preocupados por causa dessa doença. Então, nós nos organizamos aqui dentro da aldeia para a gente continuar fazendo o isolamento dentro da aldeia. E, também, nós resolvemos fechar a estrada de entrada da Terra Indígena, porque nós não queremos mais que qualquer carro entre aqui dentro da nossa Terra Indígena.

Somente quem pode entrar para fazer trabalho é o pessoal da equipe da saúde, que pode fazer atendimento, mas nem todos da equipe de saúde podem entrar para fazer o trabalho. A gente tem que controlar para os profissionais não entrarem de qualquer jeito. Nós pedimos para o coordenador do DSEI (Departamento Sanitário Especial Indígena) para que, antes dos profissionais entrarem na área indígena, façam os exames. E não é para os profissionais andarem muito dentro da nossa Terra Indígena. Nós fizemos uma proposta que era para menos profissionais entrarem em nossa Terra Indígena, mas era também para permanecer um pouco mais de tempo dentro da nossa Terra Indígena, para não ficar mudando.

Nós pensamos muito, porque se a gente não solucionar, não fizer barreira para não entrar essa doença, vai ser fácil dela entrar e não vai ser muito fácil para a gente, nosso povo Waiãpi, porque essa doença é muito complicada e não tem vacina, e não tem remédio para curar essa doença. Então, por causa disso, estamos muito preocupados, estamos cada vez mais preocupados. Nós, como Waiãpi, estamos pensando em como a gente vai resolver essa doença para não entrar. Nós vemos outros parentes, em outros povos indígenas, que já pegaram essa doença e nós ficamos muito tristes por causa disso. Muitos parentes sofreram por causa da covid-19 e estão morrendo muitos parentes. Então nós ficamos muito preocupados mesmo, muito, muito preocupados. Nós não queremos morrer dessa doença.

Aldeia Iyrvaveta, Terra Indígena Waiãpi, Amapá, Brasil | 25 de junho de 2020
Relato enviado em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Toda minha família pegou o vírus

CLEISSON IAPARRÁ LABONTÊ

Me chamo Cleisson Iaparrá Labontê, tenho 23 anos, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene, moro na Aldeia Kumenê, região de Oiapoque, no estado do Amapá. Vou falar um pouco sobre meus momentos com a chegada da covid-19 e de como contrai o vírus. Logo quando o coronavírus surgiu e começamos a ver como ele estava matando as pessoas sentimos muita preocupação com os nossos idosos, com nossas crianças, famílias, nossos avós. O coronavírus é uma doença muito grave, sabemos que não tem uma vacina para nos proteger e, principalmente, o mais preocupante para nós, povos indígenas, é que costumamos ter uma imunidade baixa para esse tipo de vírus e não temos equipamentos médicos nas aldeias para ajudar no combate ao coronavírus. Para fortalecer nossa imunidade começamos a fazer chás e banhos caseiros, isso tem nos ajudado aqui na Aldeia Kumenê.

Eu contrai o vírus porque fui até a casa do meu tio visitá-lo, mas o meu tio já estava doente. Entrei, sentei, ele me ofereceu café e ficamos conversando. Depois voltei para casa, mas eu não sabia que eu já tinha contraído o vírus. Após sete dias comecei a apresentar os sintomas: dores no corpo, fraqueza, perda de apetite, não sentia cheiro... A covid-19 é uma doença diferente, não pode ficar no frio, nem comer nada gelado que faz passar mais mal! Até meu banho era com água morna! Toda minha família pegou o vírus, todos ficamos doentes e começamos a fazer o tratamento com remédios químicos da farmácia, mas também fizemos o uso de remédios caseiros, banhos e chás. O chá de gengibre ajudou bastante na tosse e na inflamação da garganta, isso nos ajudou bastante a nos recuperar logo, a comunidade está fazendo o uso também e estão se recuperando.

Hoje a aldeia está recebendo uma equipe de médicos que vieram fazer uma ação, estão fazendo testes rápidos, de sangue, e assim é melhor para sabemos quem tem a doença e quem não tem. Tem muita gente que está doente mas não sabe, às vezes é gripe, mas ficam com medo e pensando: será que é gripe mesmo ou é covid? É muito bom para nós na aldeia quando tem médicos, eles estão fazendo palestras, passando de casa em casa conscientizando todos sobre a doença, reforçando

que, mesmo estando na aldeia, é necessário o uso de máscaras, manter a distância entre as pessoas.

Aqui na aldeia o único lugar onde se vê muitas pessoas juntas é na escola, que é o lugar onde se tem a internet. As pessoas vem acessar, falar com os parentes. Eu acho que tem que reforçar os cuidados e lavar as mãos com frequência, não visitar parentes, mesmo estando na aldeia, por que não se sabe quem está doente. Falaram que quem pegou covid-19 pode voltar a pegar, por isso não devemos sair de casa, cada um com sua família, na sua casa.

Aldeia Kumênê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 24 de junho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Maiara Iaparrá Mure



Vi que minha mãe estava desistindo

NARA ANIKÁ DOS SANTOS

Meu nome é Nara Aniká dos Santos, sou indígena da etnia Karipuna, mãe da Renata, de 4 anos, e do Pietro, de 11 anos, trabalho como professora na Escola Estadual Jorge Iaparrá, na Aldeia Manga, onde nasci e moro com minha família. Gostaria de compartilhar com todos como estamos vivendo e aprendendo com a pandemia do coronavírus. Estamos em isolamento social desde a metade do mês de março, quando foram confirmados os primeiros casos de coronavírus aqui no estado do Amapá e na Guiana Francesa. Logo vieram a paralisação das aulas escolares, o fechamento das igrejas, reuniões e trabalhos comunitários foram suspensos, quaisquer atividades com aglomeração foram proibidas na aldeia. Imaginem como segurar dentro de casa as crianças que estavam acostumadas a viver livres dentro da aldeia: e os banhos de rios? E as idas na casa da vovó? As subidas em árvores, onde comiam frutos direto das árvores? Enfim, nossa rotina mudaria completamente.

Apesar de ficar isolada em casa com os meus filhos meus dias eram preocupantes porque meu marido continuou trabalhando, fazendo frete, levando e trazendo os indígenas que precisavam ir até o Oiapoque

comprar os alimentos e produtos. Então, de qualquer jeito, corríamos o risco, mas, graças a Deus, nenhum de nós apresentou os sintomas da covid-19. Muitos da minha família contrairam o vírus mas já estão recuperados, inclusive a minha mãe, que era a que eu mais temia, por ela ser do grupo de risco. Foram três longas semanas de medo e de angústia... Minha mãe é uma senhora forte, mas vi que esse vírus é tão forte que eu pude ver, nas lágrimas de minha mãe, que ela estava desistindo, que ela estava se entregando, e isso me fez pensar o pior... mas graças a Deus, com a ajuda dos meus irmãos e a assistência no posto da aldeia, ela foi logo medicada e seguiu todas as orientações médicas e, hoje, ela está bem, recuperada e curada desse vírus.

Diante de tudo isso tiramos algumas lições, entre elas a valorização do conhecimento tradicional dos mais velhos pois, depois do surgimento dos primeiros casos positivos na aldeia, muitos recorreram a medicina tradicional – que estava tão esquecida ultimamente – para amenizar os efeitos da doença, fizeram o chá de raízes e frutos de plantas encontradas em nossa região. Outra lição é que nós devemos nos manter unidos enquanto indígenas, enquanto seres humanos, unidos e esperançosos para que a história não se repita, pois há mais de 500 anos nossos antepassados foram dizimados por doenças trazidas pelos colonizadores. Obrigada, saúde para todos!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 25 de junho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Meus filhos tomavam a benção de longe e iam embora

ZILMA MONTEIROS DOS SANTOS

Meu nome é Zilma Monteiro dos Santos, tenho 55 anos e moro na Aldeia Manga, sou Karipuna e quero explicar um pouco da doença que surgiu aqui no Manga. Antes de vir a doença nós ficamos com um pouco de medo porque víamos muito na televisão como que acontecia, muita morte lá para fora e nós

ficamos com medo. Agora, quando chegou aqui, aí eu percebi que a doença não era muito perigosa aqui, também nós nos cuidamos logo cedo, com remédios caseiros aqui da nossa aldeia e, com isso, nós ficamos mais confiantes.

Depois começou a chegar mais a doença aqui, cada vez mais a chegar nas pessoas, começou a dar na minha família também e, com isso, fiquei com medo. Meus filhos tiveram que ficar distante de mim um pouco e – como eu era muito unida com eles – foi difícil. Todo dia meus filhos vinham aqui em casa, mas, depois, não podiam vir mais e começaram a ficar só para lá, na casa deles, e eu só, na minha casa, e eu fiquei muito triste.

Nós começamos a usar máscara e quando meus filhos vinham aqui tinha que ser de máscara, e eu também ficava de máscara, e lavava as mãos com sabão, tinha o álcool em gel que a gente passava, tudo isso nós fazíamos. Meus filhos tomavam a benção de longe, tomavam benção de longe e iam embora, passavam para lá, para outro lugar, para a outra casa. Quando eles faziam assim eu ficava um pouco triste.

Daí, depois, foi, foi, foi e passou uns 10 dias, 15 dias, e eles começaram a vir aqui em casa de novo, e ficamos unidos de novo, e eu gostei disso. Nós ficamos mais satisfeitos, daí eu deixei de ficar triste e pude ficar unida com a minha família, meus filhos, minhas filhas, e eu fiquei satisfeita. Mas sempre vinham com a máscara, e eu recebia eles com máscara também, e lavava as mãos, pegava em alguma coisa e já ia logo lavar as mãos, e quando bebia água já ia lavar o copo logo, porque como eu sou mais idosa, eles ficaram com medo de que eu pegasse a doença, mas, graças a Deus, até agora não peguei ainda.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 24 de junho de 2020



Sem assistência à saúde, recorremos à nossa medicina

RODINALDO DOS SANTOS

Meu nome é Rodinaldo dos Santos, tenho 30 anos, sou casado, tenho dois filhos, sou do povo Karipuna, moro na Aldeia Espírito Santo, na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque, atualmente faço Pós-Graduação em Estudos Culturais e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá e sou professor de Matemática na aldeia. Minha vida aqui na aldeia teve muitas reviravoltas por conta da covid-19, está doença chegou em nossa comunidade há um mês, apesar dos nossos esforços em mantê-la afastada, fazendo todas as medidas que estavam ao nosso alcance. Fizemos isolamento social, fechamos o ramal que dá acesso às aldeias mas, mesmo assim, ela chegou. Inicialmente foram 4 casos, que logo aumentaram rapidamente, em menos de um mês quase 100% da população da aldeia foi infectada. Sem assistência à saúde, nós recorremos a nossa medicina tradicional, que foi o que nos salvou, por que se dependesse do poder público todos estaríamos mortos, pois para a visita de um médico demorou um mês.

Nossa rotina hoje é cuidar dos nossos parentes, correr atrás de apoio para as famílias e tentar levar a vida da melhor forma possível. Todas as pessoas da comunidade tiveram e têm febre, dores musculares, dor de garganta, tosse, entre outros sintomas. Fiquei muito preocupado quando as famílias começaram a ficar doentes, principalmente a minha família. Meus pais são idosos e minha maior preocupação eram eles, fomos no mato tirar plantas medicinais para fazer chá, banho, mesmo assim muitos passaram mal, entre eles o nosso pajé, que é idoso. Ele contraiu a doença e ainda está lutando contra ela. Conversando com as pessoas mais velhas, elas disseram que a história vem se repetindo, pois há um tempo atrás também tivemos outras doenças que mataram muitos de nós e quase nos exterminaram, e que isso só não aconteceu graças aos nossos conhecimentos da medicina tradicional, aos nossos pajés que nos protegeram.

Além de estarmos enfrentando esta doença, também lutamos contra o retrocesso dos nossos direitos, pois é lamentável ver que em momentos tão difíceis os governos tentam nos dar golpes, com leis que querem tirar nos-

sa autonomia. É triste ver governantes sendo presos, cassados por tirar do povo o que é seu de direito. Fico pensando até onde vai a ganância humana, os governantes vendo o caos em que se encontram os Estados e ainda assim têm coragem de roubar do povo, pessoas morrendo por falta de oxigênio enquanto outras estão indo às praias, fazendo protesto, comemorando futebol. É triste ver como a sociedade envolvente se comporta frente à situações como essas, sendo que em nossas comunidades dividimos com todos o pouco que temos e lutamos em prol de todos.

Todas as nossas atividades pararam, este ano ainda não tivemos nenhum evento, tudo foi suspenso. Nossos trabalhos na roça continuam, mas de forma moderada por causa da sequela que essa doença deixa no corpo/organismo da pessoa, que é o cansaço, dores musculares e nas articulações, entre outros. Nosso dia-a-dia na comunidade mudou radicalmente, muita gente ainda está com medo por causa da recaída da covid-19, por isso ainda se encontram em isolamento e repouso, fazendo tratamentos e tomando remédios caseiros.

Aldeia Espírito Santo, Oiapoque, Amapá, Brasil | 27 de junho de 2020



Todos estavam tristes, recolhidos e doentes

ELEN VIDAL DE FIGUEIREDO

Eu sou Elen Vidal, indígena Karipuna, moro na Aldeia Kunanã. Na minha aldeia, provavelmente, as pessoas adquiriram o novo coronavírus no final do mês de maio, e os seus sintomas começaram a se manifestar de maneira mais forte durante todo esse mês de junho. Foi uma situação que nunca tínhamos vivenciado, todos da aldeia adoecerem ao mesmo tempo, com febre, inflamação na garganta, perda do paladar, perda do olfato, dores no corpo e até mesmo com confusão mental, algo que não tínhamos conhecimento que poderia acontecer. Tudo isso deixou a aldeia apreensiva pois, apesar de estarmos sentindo os sintomas, não acreditávamos que fosse a covid-19, já que na aldeia não tinha teste rápido, remédios e nem profissionais de saúde para nos orientar sobre o que fazer e que medicamentos eram necessários para combater essa enfermidade.

Eu, junto com a minha mãe, meu tio e sua esposa, fomos os primeiros a adoecer com os sintomas mais graves, e também fomos os únicos a fazer o exame, que testou positivo para covid-19. As outras pessoas doentes da minha aldeia não fizeram o teste porque os representantes do Estado e da CASAI (Casa de Saúde Indígena) afirmaram que não tinham mais testes disponíveis para atender a todos que estavam apresentando os sintomas ao mesmo tempo. Ficaram de voltar para realizar novos testes, coisa que nunca aconteceu!

Quero esclarecer que, na nossa aldeia, durante todo esse período que as pessoas foram adoecendo, não tinha ninguém na enfermaria, nenhum profissional de saúde para nos orientar. Ficamos duas semanas sem saber o que fazer, só tomando remédio caseiro e remédio para febre, mas não obtivemos melhoras... Meu tio, Manoel Biratã, um senhor de idade, e minha tia, dona Maria, foram piorando... ao ponto de eles terem que ser levados para Macapá. Meu tio está entubado, respirando com a ajuda de aparelhos. Minha tia também foi levada para Macapá devido ao seu frágil estado de saúde, que a impedia de respirar normalmente.

No decorrer desse período vivenciei algo na minha aldeia que nunca tinha visto antes, parecia que não havia ninguém na aldeia, nas casas... também não se escutava muito barulho, como de costume, pois todos estavam tristes, recolhidos e doentes, muitos não tinham nem forças para levantar da cama ou da rede. Pararam todas as atividades, inclusive as reuniões, os mutirões de limpeza e os trabalhos de roça. Tudo parou de uma vez só! Sofremos muito, sozinhos, até a agente indígena de saúde da aldeia adoecer!

Somente semana passada, no dia 22 do mês de junho, é que foi uma equipe de enfermeiros até a aldeia para iniciar o tratamento contra a covid-19. No entanto, essa equipe não tinha medicamentos suficientes para atender as duas aldeias localizadas na Terra Indígena Juminã. Tivemos que contar com nossos parceiros no Rio de Janeiro, a igreja Vila Valqueira, que nos enviou medicamentos para o tratamento da covid-19. Foram esses remédios que atenderam a minha Aldeia Kunanã e a aldeia vizinha, Uahá.

Aldeia Kunanã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 30 de junho de 2020



Essa doença não é uma gripezinha não!

SEBASTIANA VIDAL DE FIGUEIREDO

Essa doença quase me mata minha filha. Essa doença não é uma gripezinha não! Isso quase me enterra! Se não fosse o soro que eu peguei na veia, acho que eu nem existia mais! Eu já estava quase entregue, só queria ficar deitada, estava sem forças, não tinha nem um médico para nós! Olha, nós tava igual a um filho sem mãe, igual um pintinho sem a mãe.

Parece que todo mundo ficou com medo de nós, ninguém vem na minha casa, minha filha. Minha casa, que era acostumada de ter muita gente, não vem ninguém! A aldeia está triste, não vi ninguém na rua, todo mundo triste, todo mundo doente em casa. Ninguém pode visitar ninguém, como vamos sair para ajudar se tá todo mundo doente? Só Deus mesmo para nos ajudar, porque os médicos iam deixar a gente morrer, aí eles vinham arrastar o nosso cadáver daqui da aldeia. A gente tava muito mal, muito mal mesmo. Minha filha, eu não podia nem levantar a minha perna pra andar, ela tremia igual vara na correnteza.

Os médicos minha filha, eles chegaram só agora, muito tarde! Agora não quero mais remédio, já estou me recuperando. Se tivesse alguém antes, que conhecia essa doença, alguém pra nós olhar, o Bira, o teu tio, não tinha ido bem mal pro hospital. Fiquei sabendo também, minha filha, que tão comentando na aldeia que no jornal tá passando que vai ter a segunda leva (segunda onda) da doença, que vai vir mais forte do que essa daí que eu peguei... Minha filha, se eu pegar de novo a doença vai me levar, porque não vou mais aguentar de novo! A primeira quase me derruba, imagina essa daí que vem mais forte! Só Deus mesmo minha filha. Minha filha tô te lembrando, tô falando de novo, se não fosse o soro que aquele enfermeiro me deu na veia, eu tinha ido igual ao teu tio pro hospital, sabe lá se eu ia resistir essa doença...

Minha filha, eu não tenho nada a ver com essa doença, ela é do outro lado do mundo, sabe lá o que eles tão mexendo, trazendo doença pra gente. A gente tava vivendo tão bem na aldeia, comendo nossa farinha, nosso peixinho... e agora essa doença veio me achar dentro da minha casa! Eu, que nem saía pro Oiapoque com medo de pegar essa doença

que os brancos tão achando pra lá. A gente tá bem, e aí a doença chega e te joga no chão, tu treme igual um gato que tá com doença.

Aldeia Kunanã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 30 de junho de 2020
Registros realizados por Elen Vidal de Figueiredo em conversa com sua mãe,
Sebastiana Vidal de Figueiredo



Todo mundo pegou e todo mundo passou mal

MITORE CRISTINA TIRIYÓ KAXUYANA

Aqui é a Mitore Tiriyo Kaxuyana, indígena daqui do Parque do Tumucu-maque, do Leste. Eu moro aqui na Aldeia Missão Tiriyo, e eu vou relatar um pouco sobre o que a gente está passando nesse momento de pandemia. Aqui na nossa aldeia já tem pessoas contaminadas, inclusive eu passei muito mal, me deu falta de ar, me deu febre, me deu falta de respiração mesmo! Não é só eu que passei por isso! Muita gente pensava que a gente estava só com a gripe, todo mundo passando mal mas ninguém desconfiou que a gente estivesse com o coronavírus, só depois, quando algumas pessoas se recuperaram.

Uma aldeia foi toda atingida, todo mundo pegou e todo mundo passou mal! Nessa aldeia o cacique pediu para fazer um teste e não tinha teste para fazer. E com esse pedido foi enviado um teste, mas mandaram poucos testes, lá na aldeia todos deram positivos! Lá na Aldeia Taratarafê tinha uma grávida e ela quase chegou a falecer porque não tinha respirador para respirar! Graças a Deus tinha um no exército, e aí eles entregaram para ajudar ela respirar, com isso ela foi encaminhada para a cidade. Lá na cidade ela fez teste e deu positivo, depois ela melhorou.

Hoje o coronavírus está sendo controlado pelos próprios indígenas. Aqui na nossa aldeia a gente tem um remédio caseiro, um remédio natural que é tirado da natureza mesmo, a gente toma como se fosse chá e a gente toma um banho com a casca, e a gente toma sempre, independente se estamos com coronavírus ou não. A gente toma e tem ajudado muita

gente a se recuperar. Muitos indígenas aqui do parque estão se tratando com esse medicamento, medicação natural mesmo, que é nossa!

Até agora a gente está utilizando nossos remédios e muitos a gente vê melhorar. Meus parentes estão melhorando e a gente controla a transmissão aqui na nossa aldeia. Nós paramos de fazer mutirões, por enquanto, porque se a gente fizer aglomeração, a gente pode estar contribuindo para contaminar mais pessoas. As lideranças pediram para que a gente pudesse aguardar um pouquinho para a gente poder fazer o trabalho de mutirões.

Aqui na aldeia a orientação que recebemos é que não é para compartilhar as cuias, copos e canecos. Nesse momento de pandemia, apesar da gente correr para nossa medicina natural, na nossa aldeia falta muita coisa como, por exemplo, não tem oxigênio, não tem posto adequado para pessoas infectadas, não tem estrutura no Posto de Saúde e não tem medicação, falta muita coisa.

Recebemos apoio de alguns parceiros nossos – que fizeram doação – e está ajudando a gente aqui na nossa aldeia. Eu estou falando isso só aqui na nossa aldeia, que é central, mas tem outras aldeias que preocupam mais a gente, como as aldeias que estão muito longe das pessoas, e isso está preocupando muito a gente, porque pessoas lá na aldeia não têm posto, não tem medicação, não tem máscara, não tem nada. Isso deixa a gente muito preocupado em relação à questão de saúde da nossa comunidade, e é isso que eu queria relatar aqui, eu estou falando aqui da minha aldeia mesmo, Missão Tiriyo. Muitas pessoas ainda estão sendo contaminadas só que, como eu falei, a gente está controlando com o remédio natural, mas ainda continua com pessoas se infectando.

É isso que eu queria colocar aqui para vocês ouvirem um pouquinho. Para vocês saberem como a gente está passando aqui na nossa aldeia, como a gente está enfrentando a covid-19. A gente se sente um pouco abandonado, mesmo a gente lutando, a gente não vê respostas, e isso deixa a gente um pouco triste. É isso, obrigada!

Aldeia Missão Tiriyo, Parque do Tumucumaque, Amazônia, Brasil | 28 de junho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Que nossos pajés e os cientistas encontrem uma cura

YERMOLLAY CARIPOUNE

Sou Yermollay Caripoune, artista, acadêmico e liderança indígena Karipuna. Vivo na Terra Indígena Uaçá, minha região é o médio rio Kuripí. Quando nós, indígenas, ouvimos no Jornal Nacional que na China tinha uma nova doença, um novo vírus, nós jamais pensamos que essa doença iria chegar entre nós, pensando na parte geográfica, é uma distância absurda. Logo nós ouvimos sobre os primeiros casos de coronavírus na Guiana Francesa, nossos vizinhos, e não demorou muito, logo chegou no Oiapoque e, depois, nas aldeias. Nós passamos logo a nos isolar. As famílias foram logo para os seus terrenos e se isolaram para não se contaminar. Os homens da minha aldeia foram para a mata tirar várias espécies de ervas, raízes e cascas e as mulheres começaram a fazer as trocas de conhecimentos e a cozinhar as plantas amargas, de um dia para o outro nós bebemos muito chá.

Hoje a covid-19 chegou na minha Aldeia Santa Izabel. Como nós fizemos nossas próprias medicações, a covid-19 não pegou muito forte os indígenas da minha região. Os chás foram muito bons, foram importantes para nós ficarmos com nossa imunidade bem forte perante essa covid-19. Esperamos que nossos pajés e os cientistas encontrem logo uma cura. Fica um alerta para estes que adoram prejudicar e mudar o ecossistema, vamos cuidar mais das nossas florestas!

Aldeia Santa Izabel, Oiapoque, Amapá, Brasil | 27 de junho de 2020



Ficar sem notícias é muito difícil e triste

JOSILENE DA SILVA NUNES

Me chamo Josilene da Silva Nunes, da etnia Galibi-Marworno, moro na Aldeia Uahá, Terra Indígena Juminã, localizada na margem do rio Oiapoque, município de Oiapoque, que faz fronteira com a Guiana Francesa. Tenho 25 anos, sou acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pará (UFPA), sou vice-coordenadora da Articulação do Rio Oiapoque (AIRO), onde trabalho com duas terras indígenas - Galibi e Juminã -, cinco aldeias e os povos Galibi-Marworno, Karipuna e Galibi Kalinã.

Para mim, falar sobre a pandemia da covid-19 é uma tristeza, perdi amigos, tios e irmão que moram em outros lugares. É triste chegar em minha aldeia e ver o isolamento social, cada um dentro de suas casas, visitas minimizadas dos parentes na aldeia, tudo isso são coisas com as quais não acostumamos, é difícil para nós fazermos. Quando soubemos dos primeiros casos da covid-19 da Aldeia Kunanã, que é uma aldeia vizinha, realizamos uma reunião com as lideranças para dar apoio às aldeias do rio Oiapoque. Nossa maior dificuldade é não ter acesso à internet dentro das aldeias e nem a outros meios de comunicação que nos permitam saber informações dos nossos parentes que se encontram internados. Ficar sem notícias é muito difícil e triste.

Aqui nós mesmos fazemos coleta de gasolina para visitar outras aldeias, como a Aldeia Ariramba, que também precisa de apoio devido aos idosos que sofrem de diabetes e hipertensão. Minha saída da aldeia é sempre devido a necessidade de nos articular junto às outras lideranças. Temos uma guerreira Karipuna, a Priscila Barbosa, que é uma pessoa que sempre está ativa e nos alerta para não termos medo, que precisamos sermos fortes para enfrentar essa doença.

No momento, na minha aldeia, não há casos confirmados da covid-19 devido ao nosso isolamento. Dias 24 e 25 de junho acompanhei a primeira ação realizada na nossa comunidade, com casos suspeitos de covid-19. Porém, antes de terminar, tive que sair da aldeia para acompanhar minha mãe, que se encontra com a pressão arterial e a diabetes muito altas,

minha tia também está com os mesmos problemas e não temos medicação no Posto de Saúde da aldeia. Fico feliz pela ação das equipes de saúde nas aldeias e peço a Deus para cuidar e proteger a todos que estão na linha de frente por nós.

Aldeia Uahá, Oiapoque, Amapá, Brasil | 26 de junho de 2020



Nossa medicina tradicional foi fundamental

BRUNA ALMEIDA

Sou Bruna Almeida, indígena Karipuna da Aldeia Manga, mãe de seis filhos, discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá). Nestas poucas linhas escrevo para todos o que foi viver um momento de grande tensão, quando a covid-19 adentrou nas nossas terras indígenas.

Nossas lideranças tomaram as primeiras medidas necessárias para retardar a entrada do vírus em nossas aldeias, medidas que afetaram diretamente o nosso modo de vida, pois vivemos em mutirão. Foi um choque muito grande deixar de ver meus pais, avós e redobrar os cuidados com meus filhos. Sempre alertava meus parentes próximos sobre os cuidados que deveríamos ter.

Passaram-se dois meses e eu não conseguia me concentrar nos estudos, minha cabeça estava voltada para a televisão, diariamente, afim de acompanhar as notícias e medidas que o Brasil adotava para enfrentar a covid-19, ao mesmo tempo em que acompanhava as medidas de prevenção das lideranças pelas redes sociais. Meus filhos já não podiam mais sair de casa, tive que fazer uma rotina de atividades para eles mas, conforme passavam os meses, eu já me via muito estressada, meu psicológico estava abalado, sentia vários sintomas, não conseguia dar atenção para meus filhos, já não exigia que eles fizessem as atividades de rotina.

Comecei a tomar nossos remédios tradicionais. Meu esposo falava que estava tomando remédio sem necessidade, que tudo que eu estava sen-

tindo era psicológico, eu tomava o remédio e dava para todos tomarem. Tudo que comprávamos era higienizado, no entanto, não consegui segurar meus filhos em casa... Quando cedi para eles saírem um pouco de casa cometi meu grande erro! Semanas depois todos começaram a sentir sintomas leves da covid-19, foi um desespero muito grande para mim ver meus filhos doentes. Não tinha remédio no Posto de Saúde, não tinha testes, foram momentos em que a fé e a esperança falaram mais alto.

Rezei e rezo por dias melhores, espero que tudo passe, que as vacinas sejam eficazes. De tudo isso que estamos passando trago muitas reflexões, o amor ao próximo e a valorização da nossa medicina tradicional que, acredito, foi fundamental para nossa recuperação. Grata aos nossos sábios por todos os ensinamentos, grata a minha querida avó Edite, por todo ensinamento sobre minha cultura e nossa medicina tradicional.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 01 de julho de 2020



Meu povo se virou como podia

ELSON VIDAL DE FIGUEIREDO

Olá parentes e todos que tiverem acesso a esse relato, sou Elson Vidal de Figueiredo, indígena da etnia Karipuna, Terra Indígena Juminã, Aldeia Kunanã, município de Oiapoque-AP, estudante do Curso de Direito na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). É com muita preocupação que escrevo a vocês, pois é delicado o atual momento que nosso município está vivendo, com números crescentes de casos de coronavírus, com mais de 1.500 casos confirmados, 10 óbitos e os doentes não param de procurar o hospital. Sabemos que o número de infectados é muito maior do que as estimativas governamentais mostram, pois não há testes suficientes para as pessoas que apresentam sintomas de covid-19.

É lamentável lembrar que tudo isso começou há quase três meses, quando começamos a “combater um inimigo invisível”, o novo coronavírus. Em nosso amado Brasil o vírus foi negligenciado pelo nosso governo que via tudo,

lamentavelmente, como uma simples “gripezinha”, não sendo encarado com a devida responsabilidade e seriedade.

Não demorou muito para que esse vírus chegasse até o município de Oiapoque e, conseqüentemente, até as aldeias da região. Lembro-me, claramente, quando a covid-19 chegou na minha Aldeia Kunanã, pois quando liguei pela manhã para falar com minha mãe, entre o final de maio e início de junho, ela me informou que a minha irmã estava tendo febre há quase uma semana, além de outras pessoas da comunidade. Sim pessoal, há uma antena rural na casa da minha mãe, mas que nem sempre funciona devido a distância e ao mau tempo. Então, quando liguei novamente, no outro dia, a minha mãe estava com febre, dor de cabeça, dor de garganta, sintomas típicos da covid-19. Não demorou para que todos os integrantes da minha família, incluindo crianças e idosos, comesçassem a apresentar os mesmos sintomas.

Claro que fiquei preocupado e angustiado, principalmente quando liguei e minha mãe não pode atender pois estava chorando, não estava aguentando a dor de cabeça forte, febre e ânsia de vômito, por esse motivo não conseguia falar. Depois disso quase todos da minha comunidade, ao mesmo tempo, apresentaram os sintomas do coronavírus.

Todos ficaram assustados e apreensivos, principalmente por estarem longe da cidade, já que a Aldeia Kunanã fica há mais de duas horas do município de Oiapoque, sendo o transporte via fluvial, feito em voadeiras, e que depende da maré para que seja possível o deslocamento. Durante esse período em que várias pessoas adoeceram ao mesmo tempo não havia no Posto de Saúde nenhum profissional da saúde, não tínhamos remédios e nenhuma informação sobre como esse vírus age no corpo e quais cuidados deveríamos ter.

A minha mãe, a minha irmã e a minha tia foram as primeiras pessoas que tiveram os exames confirmados para a covid-19 na minha aldeia. Nunca tínhamos visto nada parecido com isso, e aquilo que parecia tão distante se tornou real. Sem os devidos cuidados, medicações e orientações, meu povo se virou como podia: faziam chá de plantas medicinais, bebiam caldo quente, repousavam e apegavam-se cada um às suas crenças, no intuito de ficarem curados desse enfermidade.

No entanto, isso tudo não impediu que algumas pessoas tivessem o seu estado de saúde agravado pela covid-19, como por exemplo, meu tio, Manoel Ubiratã, senhor de idade que, muito fraco, não conseguia levar

tar da rede e não tinha força nem para se alimentar e andar. Ele teve que ser removido, foi carregado dentro de uma rede até a lancha que o levaria ao município de Oiapoque, direto para o hospital.

O estado de saúde do meu tio foi se agravando ainda mais, a ponto de ser entubado, conseguia respirar apenas com ajuda de um respirador. Como no hospital de Oiapoque não tem estrutura e ele necessitava de uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) tentamos sua remoção até Macapá, mas tivemos inúmeras solicitações de um avião negadas pelos governantes. São 600 km entre Oiapoque e Macapá, com estrada de chão, um doente grave que sai de ambulância, por terra, pode morrer na viagem. Nós não desistimos e conseguimos o traslado em um avião até a UTI de Macapá, no hospital recém inaugurado da UNIFAP.

O meu tio chegou quase a falecer nesse deslocamento do hospital de Oiapoque para Macapá, mas como ele é um Karipuna muito forte, ele está reagindo aos medicamentos e, a cada dia, vem melhorando, pouco a pouco. Além do meu tio, a dona Maria, minha tia, também precisou ser removida para Macapá, para um atendimento especializado de covid-19.

Minha experiência é que somos muito vulneráveis à infecção pela covid-19, principalmente por sermos povos que vivem em coletividade, não sabemos viver isolados uns dos outros. Nossas casas não são separadas por muros e cercas, gostamos de andar livremente pela aldeia, de nos reunirmos no casarão, nos mutirões que são feitos tanto na limpeza da comunidade como nas plantações das nossas roças. É necessário um olhar mais cuidadoso para com os povos tradicionais, levando em consideração a sua cultura, seu modo de viver e tradição.

Quero externar minha insatisfação com as agências bancárias em relação aos atendimentos voltados para os indígenas nesse cenário de pandemia. Levando em consideração que grande parte das comunidades indígenas não possuem cobertura das linhas telefônicas, não possuem sinal de telefone, internet e a energia elétrica não é disponibilizada 24 horas nas aldeias, dificulta o atendimentos dos povos indígenas o fato de que os bancos estão fazendo o agendamento do atendimento por meio de ligação telefônica ou via whatsapp. São longas as distâncias até a sede do município, sendo o transporte realizado por via terrestre e fluvial, levando de 2 a 24 horas, dependendo da aldeia. Diante disso, é lamentável a postura das agências, que não levam em consideração as especificidades e particularidades dos povos indígenas, que saem da

sua aldeia com muita dificuldade na tentativa de terem seus problemas resolvidos nas agências, principalmente na Caixa Econômica, no que diz respeito ao saque do auxílio emergencial, cartão, manutenção de contas, entre outras questões.

Também gostaria de destacar que o Decreto Municipal feito para os atendimentos nas agências bancárias do Oiapoque não levou em conta a realidade das populações indígenas, e nem considerou a Constituição Federal de 1988, que reconhece aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e seu modo de viver.

Infelizmente, nós, povos indígenas, somos lembrados somente no período eleitoral, mas não podemos aceitar esses descasos. Agradeço a todos os parceiros que doaram para as comunidades indígenas cestas básicas, álcool em gel e combustível, e também a Igreja VIVA de Vila Valqueira/RJ que doou medicamentos para as aldeias Kunanã e Uahá para o enfrentamento do novo coronavírus.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 28 de junho de 2020



“Morreu fulano em Oiapoque”

LÍLIA RAMOS OLIVEIRA

Olá parentes, me chamo Lilia Ramos Oliveira, moro na Aldeia Manga, sou indígena da etnia Karipuna, tenho 29 anos, sou acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atualmente trabalho na Associação de Mulheres Indígenas em Mutirão (AMIM) como coordenadora financeira da associação. Gostaria de compartilhar com todos os parentes indígenas e não indígenas este momento tão difícil que estamos vivendo com a chegada da covid-19 dentro das comunidades indígenas.

No início todos temiam e, como em um piscar de olhos, o mundo parou. O vírus não escolhia classe social, não distinguia rico, pobre, branco, negro e índio, só tínhamos uma certeza: todos estávamos no mesmo barco,

lutando contra o invisível. A tomada de decisão da comunidade para fechar o portão da entrada de nossa Terra Indígena Uaçá, no Km 18, foi imediata e muito eficaz. Foram feitas reuniões e as normas ficaram mais rígidas, o portão foi fechado e ninguém saía e ninguém entrava, mas o medo nos assolava a cada noite...

Todo dia escutávamos “morreu fulano em Oiapoque”! Nós não sabíamos que, desde o dia 5 de abril, já tínhamos, dentro da Aldeia Manga, os primeiros casos suspeitos. Com o passar dos dias só iam aumentando os casos, em uma velocidade enorme. Após os primeiros casos confirmados na Aldeia Manga tudo parou: os movimentos de roça, cultos, futebol e outras atividades.

Minha família trabalha com comércio e foi muito difícil para continuar, pois não podíamos ir na cidade fazer as compras, tivemos que nos reinventar... a comunicação facilita. Respeitando todas as regras da saúde do DSEI (Departamento Sanitário Especial Indígena) fazíamos os pedidos online e vinham deixar até a entrada do KM-18, dessa forma abastecíamos o comércio, ainda estamos trabalhando dessa forma.

No dia 8 de maio o meu pai começou a apresentar sintomas, ficou dois dias acamado e com fortes dores, febre e tosse. A partir daí, a cada dia um da família apresentava sintomas, era horrível. Chegou um momento onde um já não conseguia cuidar do outro. Fui diagnosticada dia 22 de maio e hoje estou com 41 dias, recuperando aos poucos, mas durante nove dias tive falta de ar. Minha mãe foi a que passou mais mal, pois ela é hipertensa e tem outros problemas de saúde. Foram noites sem dormir e dias que pareciam não passar. Depois que fui diagnosticada tivemos que fechar as portas do comércio para não transmitir o vírus para outras pessoas.

Tenho certeza de que nossos remédios tradicionais foram muito eficazes nesse momento, por isso quero pedir aos parentes para valorizar os nossos conhecimentos tradicionais. Fico feliz em saber que já temos muitos parentes recuperados, principalmente por causa dos remédios caseiros, como o chá que tomamos. Quero aqui agradecer a todos os enfermeiros indígenas e não indígenas que lutam na linha de frente por mim, por você e por todos, meu muito obrigada! Para as mulheres da AMIM quero dizer que as nossas oficinas de plantas medicinais estão dando resultado positivo, que podem ser vistos nesse momento tão difícil em que vivemos!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 01 de julho de 2020



Sentir medo não é tolice

IRENE BATISTA FELÍCIO

Eu me chamo Irene Batista Felício, sou indígena do povo Palikur-Arukwaye-ne, tenho 37 anos e moro na Aldeia Kumenê. Hoje quero compartilhar com todos vocês como estamos vivendo nessa pandemia da covid-19. Quando saiu a notícia dessa doença no jornal todas as famílias sentiram angústia e medo de que essa doença chegasse em nossa aldeia, como sou mãe, fiquei preocupada que minha família se contaminasse com esse vírus e, mais ainda, com a minha mãe, que é diabética e é uma das que estão em grupo de risco.

Logo começamos a nos isolar em nossa aldeia, para evitar a contaminação desse vírus. Foram suspensas todas as atividades na aldeia, como as aulas, afim de evitar aglomeração. No entanto, apesar da nossa angústia, continuamos trabalhando na roça e fazendo farinha, pois precisávamos nos manter aqui na aldeia, porque ir à cidade para sacar dinheiro seria difícil... Nossos parentes fecharam o ramal da Aldeia Manga, por onde nós passamos para ir à cidade comprar mantimentos, mas sabemos que essa medida que eles tomaram foi para nos proteger, para que o vírus não chegasse às aldeias.

Porém, com a necessidade de ter mantimentos para sustentar as nossas famílias, tivemos que ir ao Oiapoque no período em que foi liberada a passagem das pessoas para a cidade. Com isso muitas pessoas saíram da aldeia e foram comprar seus alimentos, e acabou havendo contaminação. Os mais velhos começaram a ficar com febre, os idosos são os que mais sofreram, uma idosa veio a óbito em minha aldeia. Felizmente, depois disso nenhuma pessoa mais morreu.

Nossos remédios tradicionais nos ajudaram muito a enfrentar essa doença, tomamos chás de folhas que nos fizeram melhorar da febre. Passamos dias difíceis, mas sempre tivemos um Deus olhando por nós! Isso tudo vai passar e esses dias que estamos vivendo serão um passado triste, que servirá para nos lembrar que somos fracos quando deixamos de pensar no próximo, quando não colaboramos com as medidas de prevenção, quando achamos que sentir medo é tolice, mas não é! A morte não é

nada agradável!! Não podemos esquecer que unidos temos mais força para enfrentar essa pandemia, que temos que fazer a nossa parte! Espero que, depois disso, tudo volte ao normal, que as aulas retornem para que nossas crianças possam voltar a estudar e a aprender para lutar junto com o nosso povo.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 06 de julho de 2020



Eu fiquei com saudades da escola

JULIEN LOD MACIEL, INDÍGENA GALIBI-KALINÃ, 08 ANOS

Fala, parentes! Eu vou refletir aqui um pouco sobre a minha história na pandemia, eu vou contar a vocês. Tudo começou quando a gente estava saindo das férias e a gente estava voltando para as aulas, mas logo quando a gente começou passou no jornal sobre “casos de morte”, depois a gente ficou desesperado, a gente foi ficando nervoso. Depois chegou essa pandemia no Brasil e aí parou tudo, parou minha escola.

Eu fiquei com saudade da escola, mas não me afetou em quase nada. A gente ficou aqui em casa se distraindo, fazendo coisas, eu me distraia e não me batia muito com isso. Eu gostava de desenhar, de estudar, fazer brinquedinho de papel e também assistir TV e ver vídeo no “tube, tube” (Youtube).

Depois o papai pegou o coronavírus, ele estava vivendo com o coronavírus mas sem saber, uma pessoa contaminada aqui em casa mas sem saber. Então a gente começou a se cuidar melhor, dando a máscara para o papai e se cuidando. Depois a gente ficou trabalhando, se divertindo... O papai já está bem melhor, inclusive ele mandou até um áudio para vocês, então agora é a minha vez, incentivando o papai a mandar mais áudios para vocês, beijos... Tchau...

Oiapoque, Amapá, Brasil | 29 de junho de 2020

Relato publicado originalmente em vídeo, transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Minha família pegou, não quero que a sua pegue

KEILA VIDAL NUNES IAPARRA

Me chamo Keila Vidal Nunes Iaparrá, tenho 18 anos, moro em Oiapoque e sou indígena do povo Palikur-Arukwayene. Quando ouvi falar sobre a covid-19 fiquei em estado de choque, sem nenhuma reação, via o quanto essa pandemia se tornava preocupante, principalmente quando passavam em jornais as reportagens mostrando que várias pessoas já tinham se contaminado e que as taxas de contaminação e mortalidade cresciam. Quando vi isso já pensei, em questão de segundos, em como ficariam as pessoas idosas, grávidas, crianças ou pessoas que sofrem com alguma doença. Minha mãe se desesperou, disse que quando tivesse um bom dinheiro nos levaria para a aldeia, para ficarmos isolados, que ficaríamos em uma ilha na aldeia. Com calma, sem expressar o medo que naquela hora estava sentindo, disse:

– Mãe, vai dar certo! Não se preocupa com a gente, vamos ficar bem, basta termos cuidado, nos prevenir lavando as mãos frequentemente, usando máscaras e utilizando o álcool em gel.

Minha irmã que é da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá) e faz o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena falava, diariamente, que nós tínhamos que manter a calma e nos prevenir. Ela dizia que não seria fácil, mas que nós íamos ter que manter distância de amigos, colegas e até mesmo parentes, tínhamos que dizer a eles o quanto a distância iria ajudar a salvar nossas vidas, sabíamos que seria difícil convencer, mas não custava tentar. Minhas tias, rapidamente, entraram em contato com a gente e disseram:

– Não vão sair de casa sem ter um bom motivo! Tenham cuidado!

As nossas condições financeiras não estavam muito boas, então minha mãe nos disse:

– Vamos para a roça arrancar mandioca para fazer farinha, tapioca e goma. É isso que vai ajudar a gente por alguns dias!

Naquele período eu já percebia a mudança: escolas fechadas, menor número de pessoas nas ruas, sem aglomerações... a covid-19 havia im-

pactado a todos, não esperávamos. De repente os casos começaram a aumentar e, quando a gente menos esperava, o meu irmão, de 15 anos, pegou o vírus! Ele apresentou alguns sintomas, como tosse seca, vômito e diarreia. Quando ele ficou um pouco melhor minha mãe o levou para o Posto de Saúde para fazer o exame, que deu positivo. Mesmo tendo contato com ele a gente não pegou a covid-19, ou somos assintomáticos.

Minhas tias pegaram na aldeia, só que elas ficaram melhor, tomaram vários remédios de farmácia e remédios caseiros que ajudaram a amenizar os sintomas. Os meus tios pegaram também, eles sentiram falta de ar, mas o pior foi o meu tio mais novo, chamado Samuel laparrá, que tem 30 anos. Ele testou positivo para a covid-19 e começou a apresentar febre, dor de cabeça, mas mesmo assim continuou a trabalhar na roça.

No oitavo dia que apresentou os sintomas deu falta de ar, depois disso chamaram os enfermeiros da aldeia, que fizeram o acompanhamento na casa do meu tio. Ele já estava com dificuldade de respirar, sentia muito cansaço, deram remédios de farmácia para o tratamento da covid-19, meu tio chegou a ter uma parada respiratória, ele estava em um estado muito preocupante, fizeram quatro vezes reanimação nele. Meu tio ficou muito inchado, trataram ele com compressas mas, nesses dois meses, ele apresentou pouca melhora, ainda sente dores no peito, fraqueza e tonturas, ainda está em repouso e não pode fazer suas atividades cotidianas, como caçar e pescar.

Não sabemos o que pode acontecer, hoje você está bem mas amanhã não sabemos se ainda estaremos bem. O coronavírus pode passar para idosos, crianças, jovens e adultos, não importa a idade, então vamos respeitar as regras básicas, usar máscaras e sair somente se for necessário. Minha família pegou, não quero que a sua também pegue, tome cuidado com a sua saúde e com a dos outros porque a gente só se preocupa quando é alguém conhecido. Não acho que deveria ser assim, esse vírus é perigoso, não devemos duvidar. Proteja-se!

Oiapoque, Amapá, Amazônia, Brasil | 07 de julho de 2020



Meu pai é pajé e o conhecimento dele ajudou muito

JAIZINHO MONTEIRO NARCISO

Olá parentes, companheiros e parceiros que lutam em prol das comunidades indígenas, aqui apresento um pequeno relato sobre como a pandemia surpreendeu a minha Aldeia Anawera. Eu me chamo Jaizinho Mauricio Monteiro, professor de Matemática, Graduado na Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá e Pós-Graduado em Matemática na mesma Universidade.

A covid-19 é um vírus assassino e assustador que surpreendeu a minha aldeia e as outras aldeias também. Quando começou a pandemia a gente já sabia que ela ia chegar em nossa comunidade, porque minha aldeia fica às margens da BR-156, no Km-100, essa BR liga Macapá ao Oiapoque. Por causa da BR o acesso de pessoas na aldeia é constante, mas a comunidade se reuniu para fechar a entrada de pessoas desconhecidas dentro da aldeia nesse período de pandemia.

Nossa comunidade não tem internet, o que dificulta mais ainda a comunicação com nossas famílias e parentes de outras comunidades. A gente ficava só vendo na televisão as pessoas morrendo, o que dava mais medo e ficava todo mundo tenso, mas nossa aldeia não parou de agir, um aconselhando o outro, sempre clamando a Deus que ele nos protegesse.

Alguns dias depois do dia das mães tive que me deslocar com o Sérgio dos Santos até a Aldeia Tukay, de noite, para usar a internet e saber informações e notícias de nossas famílias e parentes que moram em outras aldeias. Esse dia me marcou porque não sabíamos de nada e o vírus já estava nas aldeias indígenas do Oiapoque. A primeira notícia que recebemos foi da Aldeia Kumarumã, a maior aldeia do meu povo e onde estão muitos parentes. Essa notícia chocou minha Aldeia Anawera, eram 23 horas quando voltamos e avisei a comunidade, todo mundo ficou desesperado, era como se fosse todo mundo morrer, porque sabiam que não tinha medicamento e que as comunidades não estavam preparadas.

Mas Deus deu a natureza e a sabedoria para sabermos usá-la e protegê-la. Meu pai é o Pajé Levê, o conhecimento dele das plantas ajudou muito, conhecimento dos remédios tradicionais. Quando senti os primeiros sintomas pensei nos meus filhos e nos meus pais, porque são bem idosos, minha mãe tem 88 anos e meu pai tem 91 anos, pensei que eles não iam aguentar, eu pensei que ia perder meus pais. Cada pessoa, cada idoso que morria, ninguém podia contar para os meus pais, porque não podia deixar eles sem esperança de sobreviver, porque eles também pegaram a covid-19. Mas o meu pai tem a visão dele de pajé, ele sabia o que estava acontecendo, ele enxerga essa maldade do outro mundo, ninguém consegue esconder nada dele.

Na casa do meu pai era só remédio para combater várias doenças, eu, meus irmãos, sobrinhos, cunhados, todos estavam sem esperança, mas ele é um guerreiro. Usamos nossos remédios tradicionais para combater esse vírus, porque não adianta a gente ir para a cidade, lá não tem medicamento, ninguém pode te visitar e socorrer, é diferente da nossa aldeia. Através desses remédios tradicionais meu pai está se recuperando, na aldeia todos estão ficando curados. Por isso temos que preservar e dar valor aos nossos conhecimentos tradicionais da natureza.

Aldeia Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil | 08 de julho de 2020



A covid-19 está se espalhando muito rápido

ILDA SILVA PASTANA

Meu nome é Ilda Silva Pastana, moro na Aldeia Tukay, localizada às margens da BR-156, na Terra Indígena Uaçá, esse é o meu segundo relato. Quando fiz meu primeiro relato tudo estava bem dentro da nossa comunidade, as pessoas estavam bem de saúde, todas estavam dentro das suas casas, ficavam isoladas, parecia que não havia ninguém na aldeia. O cacique e seus conselheiros não deixavam pessoas de fora entrar na aldeia, nem pessoa das outras comunidades, até fizeram um portão bem em frente da aldeia. Todas as pessoas da Aldeia Tukay tinham que usar máscara, até para nós termos acesso à internet da comunidade tivemos

que usar máscara, sempre o pessoal da saúde que trabalha dentro da aldeia passava algumas orientações sobre a prevenção da covid-19.

Desde o começo do mês de março que a rotina na aldeia tinha mudado, não havia mais pessoas passeando na aldeia, paramos os trabalhos da comunidade e até mesmo os trabalhos na roça as pessoas não faziam, a gente também não podia sair da aldeia para ir para a cidade de Oiapoque. Mas tinha algumas pessoas da comunidade que não respeitavam as regras que foram decididas na reunião da comunidade, junto com o cacique e a FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

Hoje a minha comunidade está passando por situações bem difíceis porque a covid-19 está se espalhando muito rápido dentro da comunidade, quase todo dia aparecem pessoas doentes, apresentando sintomas de covid-19. Nós não temos um Posto de Saúde de qualidade e nem remédio que possa atender as pessoas que estão em uma situação mais grave. Sabemos que não há remédio e nem vacina para essa doença, mas quando teve o primeiro caso confirmado aqui na comunidade as pessoas começaram a fazer chá (de jambu, alho e limão) para tomar, e preparar ervas (caferão, santohê, limão e folha de limão) para dar banho nos filhos e nos parentes que já estão com essa doença, principalmente pessoas idosas. Na minha aldeia algumas pessoas tiveram sintomas leves e outras passaram até quinze dias sofrendo com a doença.

Teve uma criança de 6 anos que já estava doente, ela tinha sido diagnosticada com leucemia, por esse motivo teve que sair da aldeia para ir para a cidade procurar tratamento, mas quando ficou internada no hospital foi infectada pela covid-19, passou uma semana e ele, um menino, não resistiu à doença, acabou falecendo no mês passado. No mês de julho perdemos o meu sogro, o senhor Estevão dos Santos, de 72 anos, que também não resistiu à covid-19.

Nós tivemos o apoio da FUNAI e IEPÉ, que doaram algumas cestas básicas para cada família, mas essas cestas não foram suficientes para suprir a necessidade de cada família. Eu penso que não é só de cestas básicas que precisamos dentro da nossa comunidade, precisamos ir além disso, principalmente em relação à saúde indígena. Precisamos de mais suporte nas aldeias em relação a disponibilidade de remédios nas bases de saúde das comunidades, precisamos de profissionais de saúde, queremos mais atenção das autoridades, do governo e das pessoas que trabalham com os povos indígenas da região do Amapá e norte do Pará. Elas precisam olhar para nós, indígenas, precisamos ser visíveis na sociedade brasileira!



Quase esse vírus acabou comigo

MATANAUURU WAIANA APALAI

Me chamo Matanauru Waiana Apalai, sou da etnia Apalai, estou em Macapá mas venho da Terra Indígena Parque do Tumucumaque, do lado do leste, da Aldeia Bona. Eu tenho 37 anos, cheguei aqui na cidade de Macapá para estudar, junto com minha família, e agora estou morando aqui na cidade, enfrentando de tudo com minha filha. Bom, vou falar um pouco da covid-19, nós temos medo dessa doença pois tem muita gente morrendo, todo dia morrendo gente. Nós, indígenas, ficamos vendo essa doença se aproximando, até que chegou aqui, aconteceu com a gente.

Na minha família pegou todo mundo, primeiro eu peguei e me deu febre, tosse, dor de cabeça, dor no corpo, falta de ar, tudo isso aconteceu comigo. Depois de três dias minha filha pegou, meu genro pegou, meu netinho pegou, fiquei muito preocupada com meu netinho por ele ser muito pequenino, mas ele se curou por aqui mesmo, nós fizemos tratamento aqui em casa e a gente ajudou com medicamentos. Tomamos muitos remédios caseiros, remédios tradicionais, tudo a gente fez, nós batalhamos muito aqui! Cada um ficava no seu aluguel, não podíamos ter visitas de outras pessoas, nem meus parentes me visitavam e nem eu podia ir nas casas dos meus parentes.

Eu estava grávida de dois meses quando esse vírus me pegou, e eu não tomei medicação, eu tomei só remédios medicinais, mas eu tomava só um pouco para não abortar, porque eu tenho problema de gravidez de risco e eu fiquei muito mal, quase esse vírus acabou comigo, fiquei um mês tossindo e com falta de ar, mesmo assim eu fiquei em casa tomando remédios, tomando banho com água morna, tudo eu fiz aqui no meu kit-net, tudo para ser curada dessa doença e não abortar meu filho. Eu não fiquei dependente do remédio, não precisei ir ao hospital fazer consultas e nem exame, fizemos tudo em casa, mas a nossa associação batalhou para fazer o teste rápido em nós, para conseguir fazer os exames nos parentes que estavam com sintomas aqui em Macapá.

No dia 31 de maio eu fui na casa de apoio fazer a coleta de sangue para o teste rápido e deu positivo para mim e para toda a minha família.

É muita tristeza a gente ficar com essa doença, dá muito medo, ficamos com falta de ar, comemos sem gosto e sem vontade, a gente não sente cheiro, tudo isso perdemos, eu perdi muito a minha respiração, quase eu fiquei pior, mas eu estava me ajudando ao fazer meus remédios medicinais. Graças a Deus ficamos todos curados, e muito dessa cura vem dos remédios medicinais tradicionais, “remédio do mato” como dizem, foi isso que ajudou a gente.

Até agora estamos em isolamento, eu nunca saí para a cidade para passear na casa dos meus parentes, na casa das minhas vizinhas, visitar outras pessoas. Eu sei que não pode sair, então eu fico aqui, no meu kit-net, respeitando essa regra.

Macapá, Amapá, Brasil | 07 de julho de 2020



Devemos ficar distantes nesse momento

SAYONARA NUNES MONTEIRO

Olá! Eu me chamo Sayonara Nunes Monteiro, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, moro na Aldeia Anawera, sou estudante do 3º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Joaquim Nabuco, tenho 18 anos. Essa pandemia do coronavírus fez com que as aulas fossem suspensas, assim como outros tipos de atividades cotidianas. Minha aldeia é a última da BR-156, há muita dificuldade de transporte até lá. Com todos os noticiários de casos confirmados e mortes ficamos com bastante medo, principalmente quando soubemos que o vírus já estava na Aldeia Kumarumã. No dia em que tivemos essa notícia eu senti uma angústia muito grande, pois quase todos os nossos parentes e familiares moram lá, pensei que iríamos todos morrer, porque se a Aldeia Kumarumã, que é a mais distante, já tinha casos confirmados, imagine a nossa que chega por estrada de chão e, frequentemente, têm gente entrando e saindo da aldeia.

Mesmo com todos os nossos cuidados e prevenção era o jeito ir ao Oiapoque para podermos comprar mantimentos e produtos de higiene.

Depois disso os meus pais começaram a sentir os sintomas da covid-19, assim como outras pessoas da aldeia também. Minha mãe passou muito mal, chegou a desmaiar! Eu fiquei desesperada ao ver minha mãe naquele estado, fizeram tratamento nela tanto com remédio da farmácia como com os remédios tradicionais, graças a Deus que minha família se recuperou dessa doença.

Na minha família o único que não pegou, que não adoeceu com esse vírus, foi o meu irmão Jabson Nunes Monteiro, mas os meus dois avôs pegaram e passaram muito mal, os dois fazem parte do grupo de risco e estão se recuperando aos poucos. É melhor que todos tenham cuidado porque esse vírus não se pode ver nem tocar, mas estamos vendo que ele pode matar, por isso a gente precisa se prevenir, por que esse coronavírus não é brincadeira, ele mata! Devemos ficar distantes nesse momento para que possamos nos abraçar de novo.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 12 de julho de 2020



Muita gente ainda não quer se isolar

EMILIANO GABRIEL

Sou da etnia Galibi-Marworno, meu nome é Emiliano Gabriel, eu tenho 71 anos de idade, sou de 1948, sou da Aldeia Kumarumã mas hoje não moro mais em Kumarumã, eu moro na Aldeia Samaúma, na BR-156, no Km-83. Então, a respeito dessa doença, ela vem causando muita morte, tanto nas áreas indígenas quanto nas áreas urbanas, matou muita gente e continua matando. Mas só que nós, como indígenas, a gente usa muito remédio caseiro para ajudar a combater essa doença, junto com os medicamentos da farmácia que os médicos passam, inclusive eu, após sete dias que eu estava me sentindo ruim, fui ao médico e ele disse que já estava cessando, passou mais alguns remédios só para terminar de cessar e foi acabando. De lá pra cá, graças a Deus, não senti mais nada, e lá em casa já está todo mundo bem também, já se sentem bem, passou.

Hoje a gente torce para as pessoas que ainda estão com esse problema, essa doença, que elas consigam vencer. A gente pega o evangelho e a gente ora para que Deus abençoe, Deus liberte dessa doença e que eles possam alcançar a cura, tem que ter muita fé em Deus, porque sem Deus não somos ninguém. Essa doença veio para alertar o povo, né? Muita gente ainda não quer se isolar porque eles acham que os médicos e o governo estão impedindo eles de trabalhar, porque eles têm filhos, mulher para dar de comer, tem seus afazeres, mas não é bem assim. A gente tem que ver que essa doença veio com toda força, se a gente não se proteger ela pode causar mais mortes, em mais lugares, então é por isso que temos que nos proteger e concordar com o que os médicos falam, com o que o governo fala, porque vai ser muito bom para nós.

Muita gente que fez o isolamento está se dando bem, mas os que não fizeram estão se dando mal, porque eles não se isolaram, não querem acreditar no que os médicos falam, no que o governo fala. Eu já vi várias pessoas falando que acha que o governo quer que eles morram de fome, mas não é bem assim não, a gente tem que ter compreensão também, pensar em nós, na nossa saúde, no nosso povo, no nosso município, no nosso país, pensar nas áreas indígenas, pensar que todos precisamos dessa cura.

Precisamos de compreensão, de saber que é uma doença que leva mesmo a pessoa, se a pessoa não se cuidar ela mata, tem matado muita gente e está matando até hoje! Por causa disso nós temos que ter muito cuidado, não querer desfazer do que os médicos falam. Se o médico estudou 10 anos, 15 anos, porque o estudo nunca termina, a gente nunca aprende tudo, cada dia que se passa a gente vai aprendendo nos estudos, todo dia surge uma nova ciência, e são os médicos que estão fazendo, estão estudando cada dia mais para saber como lidar com essa doença. Eles têm conhecimento, a área deles é aquilo, quando eles falam para a gente tomar cuidado e se prevenir temos que concordar, temos que aceitar, temos que acreditar neles para termos uma saúde de qualidade.

Davi Marworno: E como foi lá na comunidade de Samaúma, como esse vírus atingiu a população? Como cada um foi fazendo tratamento?

Emiliano Gabriel: Olha, lá na Aldeia Samaúma toda a população foi atingida, não escapou ninguém, mas não foi tão forte, teve umas duas pessoas lá que ficaram bem ruim, que foi o seu Gilberto e o seu Germano, eles passaram muito ruim mesmo, à beira da morte, mas Deus deu o livramento para eles e eles conseguiram, graças a muitos remédios caseiros

que nós usamos para ajudar os remédios da farmácia que os médicos passavam, né? A gente tomava e tomava remédios caseiros para que a gente ficasse bom, e nós nos demos bem. Esse vírus ainda está por lá, mas não está mais afetando ninguém.

Davi Marworno: E isso atingiu o trabalho da comunidade também?

Emiliano Gabriel: Atingiu porque a gente não podia fazer nossas vendas né, por causa dessa doença. Muitos veículos passavam por lá, pela BR, mas ninguém sabia de onde o pessoal estava vindo, porque ali é uma passagem de quem vem de Macapá e de quem vai de Oiapoque à Macapá, ninguém sabe da onde esse pessoal veio, se foi de Caiena, se vieram de outros países. Lá do Suriname passa por Caiena, de lá vai para São Jorge e de lá passa para o Oiapoque, tem muitas pessoas que vêm da Europa por aqui, pela Guiana Francesa, tem gente indo para o Suriname, então a gente ficava com medo de trabalhar, de vender nossos produtos. Atingiu sim, e eu acho que não foi só o povo não indígena, o povo indígena também atingiu e muito, deu uma paralisação no trabalho.

Davi Marworno: E agora vocês esperam que volte aos poucos a rotina normal?

Emiliano Gabriel: A gente espera que a rotina volte ao normal aos poucos, a gente vai devagar, conforme a lei determina, a gente vai trabalhando aos poucos, vem aqui no Oiapoque, a gente vem rápido, vem de manhã e de tarde já volta, para não se contaminar mais, por isso a gente faz isso. É importante para a população indígena vir, chegar, fazer suas compras e voltar. Lá na aldeia já não tem mais aquela doença, mas a pessoa pode pegar uma recaída, como os médicos falam. Se a pessoa estiver no meio de muita gente que ainda está com essa doença pode ter uma recaída e levar para aldeia, e uma recaída pode ser fatal, não só para povos indígenas como para qualquer pessoa, por isso temos que ter muito cuidado, mas a gente espera que dê tudo certo e que daqui para a frente todo mundo possa conseguir trabalhar, possa conseguir fazer o que a gente fazia antes.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 14 de julho de 2020
Relato recebido em áudio, com participação de Davi Marworno
Transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



A gente ainda não consegue se sentir seguro

DAVI CASTRO GABRIEL

Meu nome é Davi Castro Gabriel, sou Galibi-Marworno, moro no Oiapoque e este é o meu segundo relato. Eu, hoje, gostaria de estar falando que nós estamos em uma situação melhor em relação a toda essa pandemia, em relação à covid-19. No Oiapoque a gente acreditava que isso iria passar, pelo menos no começo era no que nós queríamos acreditar. Mas, ao longo desse tempo, tenho percebido que o enfrentamento ao coronavírus tem sido seletivo, ao mesmo tempo em que têm pessoas preocupadas, buscando tomar todos os cuidados, tem gente que pouco tem dado atenção a isso.

Ao longo desses últimos meses várias aldeias foram afetadas, muitas pessoas tiveram contato com o vírus e ficaram doentes. Em algumas aldeias todos tiveram a doença, em outras, pessoas morreram por causa da covid-19. Durante todo esse tempo temos sofrido, de maneira coletiva, pois tanto parentes do meu povo como de outros povos morreram, isso causou uma comoção em todos os povos, em todos nós.

Tudo tem sido muito complicado, ainda hoje não conseguimos ver uma saída para toda essa situação causada pela covid-19. Fica um olhar de desconfiança em relação ao futuro, a gente ainda não consegue se sentir seguro, mas mesmo assim, aqui no Oiapoque, ao longo das últimas semanas, podemos notar o crescimento do movimento de pessoas nas ruas, o comércio abrindo parcialmente, isso causa uma preocupação em relação à propagação do vírus, pois nem todos estão tomando os cuidados necessários e, se aqui a situação já é difícil, imagina nas comunidades indígenas, onde o atendimento à saúde já é fragilizado.

Hoje foi um dia difícil para mim, estou bem cansado dessa rotina, fazer as coisas de forma remota é complicado para mim, pois parece que não me sinto obrigado a fazer as coisas. A gente se acostuma de um jeito e depois tem que se reinventar, é difícil, é preciso paciência e muito esforço para conseguir se concentrar. Eu acho que o fato de passar a maior parte do dia em casa está me deixando desse jeito. O pessoal na aldeia tem um pouco mais de liberdade, é claro que eles têm que tomar cuidado, mas eles estão junto da família... e isso ajuda.

Eu vejo que as pessoas estão em crise e por conta disso estão nas ruas, para conseguir amenizar suas vidas. Eu acredito que seja importante a gente se atentar à nossa saúde mental, eu tenho ficado horas do dia aqui, no meu quarto, trancado, sem ter contato com outras pessoas, isso me deixa um pouco angustiado, um pouco inseguro. Eu também fiquei pensando sobre os planos para esse ano, tudo foi adiado e minhas expectativas foram baixando, tudo está me desanimando e fico na dúvida em que direção ir.

Penso, principalmente, nos povos indígenas que vêm enfrentando, ainda com mais dificuldade, esse vírus. É claro que a gente fica pensando ainda mais por causa das mortes que estão ocorrendo nas comunidades, mortes de lideranças, de pessoas das comunidades. A gente tem se sentido bem ruim com tudo isso, são perdas muito significativas para nós e a gente não quer que isso aconteça a outros parentes. A gente tenta se apoiar um no outro, ainda que seja de forma remota, distante, tendo pouco contato, às vezes apenas pela internet, às vezes não, mas, de maneira geral, fazendo a nossa parte, acreditando que em algum momento a gente vai poder se ver, a gente vai poder se reconectar novamente. Temos que acreditar que, de certa forma, a gente vai conseguir melhorar e voltar as nossas rotinas, não que a gente vá voltar ao “normal”, mas a gente vai se adaptando e, com certeza, teremos uma outra possibilidade de continuar com nossas vidas.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 15 de julho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Elissandra Barros



É sufocante a sensação de não saber quando isto irá acabar

ANA MANOELA PRIMO DOS SANTOS

Me chamo Ana Manoela Primo dos Santos e sou indígena Karipuna, filha de Suzana Primo dos Santos, da aldeia Santa Izabel na Terra Indígena Uaçá. Atualmente eu e minha mãe não estamos em Oiapoque, mas na cidade de Belém, no estado do Pará, onde curso o Mestrado em Sociologia e Antropologia na UFPA (Universidade Federal do Amapá) e onde ela trabalha com a conservação da memória material

e imaterial dos povos indígenas, nossos parentes, no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

A primeira vez que tive notícias da covid-19 foi em janeiro de 2020, quando estava no Oiapoque, acompanhada de minha mãe, para visitar os parentes e estudar. Naquela época as informações sobre a doença chegaram até nós primeiro através dos telejornais. Todo dia se falava da covid-19 na TV. Durante esse período a impressão que tinha era que a doença estava muito distante das aldeias e igualmente distante da cidade de Belém, que ela nunca chegaria a nós. Os dias, por um tempo, seguiram seu fluxo normal. Mas em março, com a confirmação da doença no Brasil e nos estados da Amazônia em que transitamos (Pará e Amapá), os territórios pelos quais costumava estar se limitaram e de repente não podíamos nem sair de casa.

Antes da covid-19 eu tinha tantos medos, mas eles se tornaram pequenos até desaparecerem. Meu único medo passou a ser a covid-19 e suas consequências, pensava o tempo todo que ela poderia levar meus pais, meus parentes da aldeia e os que estão na cidade, além de outras pessoas queridas. E ela começou a levar. Desde março até julho perdemos muitas pessoas.

Em casa tivemos a doença em abril, primeiro meu pai, depois eu e por último minha mãe. Meu pai foi quem ficou pior, pensei que ele fosse morrer. Já nos recuperamos, mas até hoje sei que ele sente as consequências da doença, assim como eu e ela também sentimos.

Ver os dados da COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) sobre os parentes que contraem o coronavírus e vêm a óbito é algo que me entristece e me angustia. É sufocante a sensação de não saber quando isto irá acabar; de que de repente um parente pode ficar em estado grave e falecer distante de seu povo e de sua cultura; de não saber quando poderemos retornar à Aldeia Santa Izabel sem o receio de levarmos a doença para lá.

Minha mãe já está idosa, minha aldeia na cidade é ela. Mas nós temos nossos parentes no estado do Amapá. Quero muito que ela possa estar com os parentes em Oiapoque, na aldeia que seus pais fundaram, em que nasceu e cresceu. Sei que ela sente muita falta de lá. Todas as noites e de manhã cedo ela olha as estrelas, procura Warukamã e pensa em Oiapoque. Esse vírus além de levar nossos antigos com suas memórias e

conhecimentos, que muito ainda tinham a ensinar às crianças e jovens, também está nos separando. Adoecemos não só pela covid-19, mas também adoecemos pela saudade das pessoas, dos lugares, pelos medos e pelas incertezas. Ser indígena mulher na cidade é difícil e solitário, nesse momento ainda mais, mas eu e minha mãe sempre procuramos conversar sobre como era a aldeia antigamente, damos força uma a outra e pedimos forças aos nossos ancestrais e aos karuãnas para que este momento passe e que mais nenhum parente sofra com a doença.

Belém, Pará, Brasil | 16 de julho de 2020



O coronavírus está presente em todos os lugares

ANILSON MARCIAL SANTOS

Me chamo Anilson Marcial Santos, tenho 27 anos, sou do povo Galibi-Marworno, sou graduado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e atualmente estou cursando a Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, pela mesma universidade. Neste relato compartilho os momentos que vivenciamos com a covid-19 na minha Aldeia Tukay, situada às margens da BR-156, KM-90.

Como minha aldeia tem uma população de aproximadamente 130 pessoas posso aqui afirmar que a preocupação foi com todos! Tivemos palestras realizadas pelas equipes de saúde que estão à frente da Saúde Indígena; em reunião interna da comunidade decidimos adotar o isolamento, pois a aglomeração de pessoas contribui para o contágio por essa doença.

A questão do isolamento social – ficar dentro de casa e ficar sem se aglomerar em famílias – é algo impossível dentro de uma comunidade indígena. Claro que certas atividades pararam, como futebol, consumo de bebidas alcoólicas, reuniões internas, as idas frequentes à cidade... Nossa aldeia construiu todo um regimento para ser adotado, inclusive foi feito um portão na entrada da comunidade para a segurança, bloqueando

a entrada de pessoas. Mas nem todas as atividades pararam, continuamos a caçar, pescar e trabalhar nas roças, o que é fundamental para o sustento das famílias.

Contudo, todas as medidas adotadas não foram suficientes para que impedíssemos casos confirmados em nosso meio. A população já estava ciente de que o vírus iria chegar, pois a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) tem acesso livre às nossas aldeias, nós sabíamos que as equipes de saúde têm chances altas de contaminação pois têm contato direto com pacientes suspeitos e contaminados. Além disso, mesmo com as regras, aconteciam as idas ao município de Oiapoque e, por mais que íamos e voltávamos no mesmo dia, os riscos eram grandes! Outra coisa é que nem todos seguiam a orientação correta do uso de máscaras e álcool gel. Na nossa aldeia, como todos estavam preocupados com questões de saúde, já preparamos remédios tradicionais. Alguns desses remédios estavam esquecidos, eram de conhecimento apenas de algumas famílias, mas foram compartilhados e preparados por todos.

Em pouco tempo começou a aparecer casos suspeitos na aldeia, nessas alturas as informações que tínhamos eram que a maioria das comunidades indígenas já estariam infectadas. Em algumas pessoas a febre não passou de cinco dias, mais no técnico de enfermagem, no Agente Indígena de saúde (AIS), no Cacique e em algumas pessoas idosas mais vulneráveis este vírus foi forte e a febre durou mais de dez dias. Nessas situações ficamos sem saber o que fazer, mas fazíamos uso dos nossos remédios. Infelizmente, na minha aldeia, este vírus levou duas pessoas queridas da comunidade, sendo um idoso e uma criança.

Atualmente os doentes, aos poucos, vão se recuperando. A recuperação está ocorrendo de forma lenta, principalmente na respiração, a falta de ar ainda é presente em muitos, principalmente quando há esforço. Hoje, dia 17/07, aconteceu o segundo trabalho de testes rápidos realizado pela equipe de saúde da nossa comunidade. De acordo com os testes o vírus ainda está presente no sangue de muitos que já tinham pego a doença. Hoje o coronavírus está presente em todos os lugares. Para mim é preciso planejar um outro protocolo de trabalho, seguindo as orientações das Secretarias de Saúde voltadas para a saúde indígena, com apoio aos pólos básicos de saúde, aos pólos centrais e a CASAI (Casa de Saúde Indígena).

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil | 17 de julho de 2020



Estamos de luto por eles, por todos que se foram

LUCIETE DAMASCENO BATISTA

Eu me chamo Luciete Damasceno Batista, tenho 22 anos, sou da etnia Karipuna, moro atualmente na Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá. No começo da pandemia fiquei preocupada por ser a covid-19 uma doença muitas vezes fatal, meu medo era que chegasse ao Brasil e, principalmente, no Amapá. Eu já previa a falta de recursos para combater a doença, para poder ajudar as pessoas contaminadas com a covid-19.

Quando o vírus chegou ao Brasil se espalhou rapidamente, como nos outros países onde causou muitas mortes. Eu estava em Oiapoque e era muito preocupante ver o que estava acontecendo, todos os comércios estavam fechando as portas e os estrangeiros estavam proibidos de passar, porque na Guiana Francesa já tinham casos confirmados. Viemos para a Aldeia Manga onde ficamos isolados sem ir para a cidade, sem sair de casa. Não podíamos jogar futebol com as amigas, visitar os familiares, tomar banho no rio ou na cachoeira, foi difícil ficar em casa!

Para as crianças ficarem isoladas em casa era muito mais difícil, elas tinham uma rotina de sempre se encontrar com os amiguinhos para brincar, passear, visitar a casa dos avós, dos tios, brincar com os primos. Fiquei um período do isolamento na Aldeia Manga, depois fomos para a Aldeia Açaizal, onde passamos meses na casa da minha mãe, isolados em casa. Ficamos muito preocupados com meu irmão mais velho que trabalha no quartel, pois nos informaram que ele estava com a covid-19, minha mãe ficou preocupada demais com ele. O tenente falou que não era para ela ficar tão preocupada com ele, pois iriam cuidar dele no quartel e meu irmão ficaria bem, recuperado da covid-19.

Retornamos para a Aldeia Manga novamente, sempre isolados em casa. Já tínhamos adotado o uso obrigatório da máscara em casa, mas minha cunhada pegou a covid-19, junto com meu sobrinho. Antes deles, um homem da aldeia já estava doente, já tinha sido confirmado o caso dele. Todo mundo da aldeia acabou se contaminando, inclusive eu e meu esposo, passamos alguns dias de repouso em casa porque era muito difícil

fazer qualquer coisa devido a febre, a dor no corpo, mas não tive falta de ar, graças a Deus!

Na segunda semana depois que comecei a sentir os sintomas eu estava me recuperando, já era um começo. Nesse tempo, um fato muito triste aconteceu para mim, foi que o tio da minha mãe faleceu por conta da covid-19, a nossa família ficou triste pela perda de um parente. Não se passou nem uma semana e faleceu outro membro da nossa família, nos deixando muito mais tristes, perdi meu afilhado, mas ele não morreu com a covid-19. Depois, teve mais dois falecimentos na família: da irmã da minha bisavó, que também não foi de covid-19; e do tio da minha mãe, que morava na aldeia Espírito Santo e foi confirmado com covid-19. Minha família ficou desmoronada com tantas mortes na nossa família, estamos de luto por eles, por todos que se foram.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 17 de julho de 2020



Estamos passando por uma crise na Aldeia Palikur

AILTON BATISTA

Meu nome é Ailton Batista, sou do clã wakavuyene, da etnia Palikur-Arukwayene, tenho 48 anos, falo a língua do meu povo, denominada de Parikwaki “Maykyene”, moro na Terra Indígena Uaçá, Rio Urucaúá, Aldeia Kumenê, sou aluno do Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, ano de 2020.

Estamos passando por uma alta crise na nossa Aldeia Palikur, causada pela pandemia do coronavírus. No mês de maio um Agente Indígena de Saúde (AIS) apresentou sintomas desse vírus na nossa aldeia, naquele momento os profissionais de saúde - enfermeiro, técnicos de enfermagem e médico - saíram da aldeia, deixando o posto de atendimento à saúde fechado por mais de uma semana, e os casos de pessoas infectadas cada vez mais aumentando. O posto de saúde foi aberto depois da chegada de outra equipe de profissionais da saúde, que vieram para

o atendimento do povo arukwayene, mas mesmo assim não tem remédio para combater o pico do novo coronavírus.

A pandemia impactou a vida da comunidade, deixando uma total aflição no nosso modo de vida. O atendimento à saúde para meu povo Palikur-Arukwayene já tem condições precárias há muitos anos, por falta de fiscalização das políticas públicas que visam assegurar os direitos dos povos indígenas carentes e garantir o melhor atendimento à saúde das populações indígenas. Sentimos um profundo abandono do poder público no atendimento à saúde indígena. Então, tomamos uma medida essencial para combater essa doença: buscamos a prática dos saberes tradicionais do povo, utilizamos técnicas dos anciões no preparo de plantas medicinais para o tratamento contra a doença.

As práticas de preparo de medicamentos tradicionais apresentaram importantes resultados na recuperação das pessoas infectadas pelo coronavírus, mas duas pessoas da minha comunidade morreram vítimas da covid-19. Os que perderam entes queridos ficaram muito tristes, eles farão muita falta para suas famílias e a dor que as pessoas sentem é inesquecível.

Quando a pandemia do coronavírus chegou na nossa aldeia fiquei com muito medo de morrer e perder a família. Na minha família o primeiro a apresentar sintomas do coronavírus foi minha filha Makuk, de 4 anos de idade, depois foi meu neto Kariwa. Nós tivemos que deixar o medo e cuidar de Makuk e Kariwa até que os dois se recuperassem, mas poucos dias depois todos os meus filhos e minhas noras apresentaram os mesmos sintomas. Nós ficamos em casa cuidando dos que estavam doentes, usamos apenas remédios feitos com plantas medicinais no tratamento, fizemos banhos e chás para combater a covid-19, até que todos da minha família se recuperaram. Atravessamos o período da pandemia mais preocupante, graças a Uhokri tudo passou bem na minha família.

Aldeia Kumene, Oiapoque, Amapá, Brasil | 17 de julho de 2020.



Nossas aldeias não estavam preparadas

AGNALDO NARCISO MONTEIRO

Olá, meu nome é Agnaldo Narciso Monteiro, sou da etnia Galibi-Marworno, nasci na Aldeia Kumarumã e atualmente moro na Aldeia Tukay. Estou atuando como profissional de saúde, sou técnico em enfermagem na Casa de Saúde Indígena (CASAI), no município de Oiapoque. Bom, vou falar um pouquinho da situação do novo coronavírus, de como chegou aqui nas comunidades indígenas e também dos impactos na minha vida pessoal, de como enfrentei esse vírus.

Devido ao meu trabalho de técnico em enfermagem tive que atender pacientes com o coronavírus e acabei sendo contaminado, passei 14 dias afastado do trabalho, sentindo os mesmos sintomas que as pessoas que atendia costumam sentir, porém, graças a Deus, eu tive sintomas mais leves. Logo voltei a atuar novamente na saúde indígena e a nossa maior preocupação era com a população indígena, com o grupo de risco. Temos vários pacientes diabéticos e hipertensos nas comunidades, então tivemos muita preocupação, em especial com as aldeias maiores, como Kumênê, Kumarumã e Manga.

A gente conseguiu amenizar a situação dentro das comunidades, os próprios indígenas combateram os sintomas do coronavírus com ervas medicinais, com medicamentos caseiros, xaropes caseiros, banhos caseiros que eles faziam com ervas. Com isso a gente conseguiu reduzir a morte dos nossos parentes por causa do coronavírus. Não vou dizer que não tivemos perda de parentes, a gente teve sim, teve situações onde perdemos vários parentes, principalmente os mais idosos. Esse vírus pegou todo mundo de surpresa, não só a população indígena, mas a população não indígena também. Nossas aldeias não estavam preparadas para receber um vírus como o coronavírus. A gente viu quando surgiu na China, logo depois chegou ao Brasil e, quando chegou aqui, no estado do Amapá, a preocupação foi com os indígenas, e foi aí que as lideranças se uniram e tomaram a iniciativa de fazer o bloqueio das comunidades, fazer o fechamento das aldeias, não deixando que ninguém da cidade entrasse nas comunidades. Foi uma medida preventiva que deu certo um tempo, mas sabemos que o vírus acaba se espalhando muito rápido e acabou chegando dentro das aldeias.

Hoje estou recuperado e atuando como técnico de enfermagem, ajudando os parentes lá na CASA do Oiapoque. Creio que vai dar tudo certo, creio em Deus que a gente vai conseguir passar por mais essa e espero que a gente não perca mais nenhum parente para esse vírus que a gente está enfrentando. Obrigado!

Aldeia Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil | 19 de julho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



O coronavírus veio para destruir

FANI FELIPE

Olá! Me chamo Fani Felipe, tenho 24 anos, sou da etnia Karipuna, moro na Aldeia Bastião, região Curipi, na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque. Hoje vou falar como a pandemia vem afetando a minha vida e falar das consequências. Eu moro com a minha mãe, de 75 anos, tenho 2 irmãos. Eu perdi meu pai há uns 10 anos por causa de uma doença grave.

Quando iniciou a pandemia da covid-19 era tudo distante, um outro mundo, eu não fazia ideia que iria atingir as nossas aldeias. Quando atingiu o Brasil comecei a ficar preocupada, mesmo sabendo que estávamos distantes, em uma área indígena. Eu via na TV que esse vírus chegou com força em São Paulo matando, principalmente, os idosos. Com o decorrer do tempo deu para perceber que o novo coronavírus não escolhe os velhos, qualquer jovem pode vir a óbito, o coronavírus veio para destruir.

Quando fui contaminada senti muita dificuldade, continuo sentindo, fiquei doente, tive febre por quatro dias, sentia muita dor no corpo, principalmente na lombar, mas, provavelmente, me curei com os remédios tradicionais do nosso povo. Minhas duas primas ficaram doentes e isso deixou toda a família preocupada porque elas apresentavam mais sintomas do que eu. Graças a Deus minha mãezinha está super bem, ainda não apresentou nenhum sintoma, ela tem respeitando as orientações médicas.

O coronavírus trouxe muitas mudanças na nossa tradição, costumes, crenças, religião e na nossa cultura de modo geral, ele mudou a nossa rotina, nossa forma de comunicação com amigos e parentes. Eu mesma senti dificuldade em ter que usar máscara e álcool em gel, algo que não estava na minha rotina, mas é obrigatório na minha aldeia. Eu tomo todo o cuidado possível devido a minha mãe, que está na faixa de risco, é preciso muito cuidado porque esse vírus não contamina somente com um aperto de mão, ele também está presente nas coisas que a gente compra, até mesmo nas nossas roupas e cabelo. Aqui na nossa região já perdemos alguns membros muito importantes, que vão deixar muitas saudades.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 16 de julho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Nós fizemos o máximo possível

DANILO FIGUEIREDO NARCISO

Olá, meu nome é Danilo Figueiredo Narciso, da etnia Galibi-Marworno. Eu saí da Aldeia Kumarumã com uns 3 anos agora eu moro na cidade de Oiapoque. Sou técnico em enfermagem, estou lotado no Pólo Base Kumenê, e quero relatar um pouco sobre essa doença, o coronavírus. Desde quando eu nasci nunca tive um pânico desses, sei que existiu, lógico, com a peste negra e a gripe espanhola, mas isso foi há muitos anos atrás, mas com a covid-19 estou no enfrentamento. Eu vi na TV quando surgiu na China, depois estava na Europa, depois no Brasil. O povo pensou que não iria chegar no Brasil, na população indígena, mas se espalhou entre a população indígena em geral. Os indígenas tiveram um pouco de pânico, a doença é nova e ninguém tinha um estudo específico para saber como iria ser o tratamento.

Eu estava no Pólo Kumenê quando soubemos que o coronavírus chegou no Oiapoque, logo tivemos o primeiro caso na Aldeia Kumarumã. Os indígenas, os nossos antepassados da Amazônia brasileira, eles também têm os seus remédios, as ervas medicinais. O povo Galibi-Marworno descobriu

o chá de caferana, jambú e limão galego, fizeram um xarope e tomaram. Graças a Deus eles foram se recuperando, porque na saúde indígena, na SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), não posso dizer que eles tinham medicação, pois ainda está em estudo, mas posso dizer que a nossa equipe – o técnico, o enfermeiro, o médico –, nós fizemos o máximo possível para atender a população indígena.

Os indígenas entraram com a medicação – que era o remédio caseiro – e nós, lógico, auxiliamos com a azitromicina, ivermectina e dipirona, mas somente quando necessário. Graças a Deus isso foi combatendo, mas nós também ficamos tristes por alguns terem perdido seus familiares, principalmente aqueles com mais idade, nós ficamos tristes com isso.

Eu acho que nós demos um passo importante com os contratos de Técnicos de Enfermagem Indígenas, e se não temos esses remédios das farmácias, aqui temos os nossos remédios naturais. Os doentes estão se recuperando, outros voltaram as suas atividades, como a roça. A escola ainda não voltou, mas eu creio que vai voltar em breve.

Eu quero dizer para todos os seres humanos que nós somos pó e cinza, somos carne e sangue. A morte não escolhe se é branco, se é índio, se é negro, e entre nações se é francês, americano ou japonês. Nós temos que enfrentar esse coronavírus juntos, não devemos ser soberbos, hipócritas, egoístas.

Quando as pessoas descobriram o que era o coronavírus, isso afetou o psicológico das pessoas. Eu tenho o exemplo de uma enfermeira que estava trabalhando comigo, ela falou assim:

– Poxa, o coronavírus chegou aqui, a pessoa foi infectada, o psicológico dela ficou abatido, ela logo sentiu uma dor de cabeça, começou já a sentir mal, e isso abate muito, afetou com o psicológico.

Eu alerta não só o povo indígena, mas em geral. Os indígenas ficaram preocupados, uns desesperados, outros, como um colega falou, fugiram para o local mais distante, para as ilhas, e não deixavam que ninguém entrasse lá. Lógico que eu concordo com o distanciamento social, o uso de máscaras, mas eu creio que o coronavírus também se pega pelo ar. Tem um grupo de indígenas que estava morando longe e ninguém entrou na aldeia deles, mas eles acabaram pegando a doença. Eles não entenderam o porquê, e nem a gente entende o porquê também.

Lógico que a gente respeita todos os protocolos da saúde que vem do Ministério da Saúde e que passam para nós. Graças a Deus as pessoas

com quem eu tenho conversado, mesmo doentes, disseram que estavam tranquilos. Disseram assim: “eu melhorei, eu passei dessa e agora estou tranquilo, pensando na frente”. Eu percebo que as pessoas estão retornando com o psicológico forte, aqui está todo mundo ciente que isso está passando, e está todo mundo tranquilo nesse exato momento, mas eu não sei o que vai acontecer daqui para frente.

Aldeia Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil | 19 de julho de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Essa doença só me trouxe dificuldades, tristeza e medo

CLEUDIANE PIMENTEL FELIPE

Me chamo Cleudiane Pimentel Felipe, tenho 21 anos, sou indígena do povo Karipuna, moro na Aldeia Bastião, na margem direita do rio Curipi, Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque. Eu sou aluna do terceiro ano do ensino médio, eu estudo na Escola Indígena Estadual Jorge Laparrá, na Aldeia Manga. Hoje venho compartilhar um pouco da minha vivência desde quando iniciou a pandemia.

Essa doença, chamada de coronavírus, só me trouxe dificuldades, tristeza e medo. Fiquei doente quase duas semanas e apareceram vários sintomas em mim: senti muita dor de cabeça, dor no corpo, tive febre, fraqueza, não sentia nada de cheiro, perdi meu paladar. A minha irmã Taisa também ficou doente, eram meus pais que cuidavam de nós. Eu estava doente e, ao mesmo tempo, eu ficava preocupada, porque minha mãe sofre com pressão alta. Eu não podia ir à casa da minha avó Francisca porque tive medo que ela adoecesse também, ela é uma idosa de 75 anos, também sofre com pressão alta, ela faz parte do grupo de risco, por isso tivemos que ter todos os cuidados com ela.

Me curei com remédios caseiros da nossa região, tomei chá de uma plantinha chamada caferana, chá de boldo, chá de gengibre, mel de abelha e andiroba, assim fui me recuperando aos poucos. Não é só porque eu já peguei a covid-19 que vou falar que não vou pegar de novo, ela

pode voltar a qualquer momento, ainda não há vacina contra esse vírus. Essa doença está circulando pelo mundo, ela pode estar presente em qualquer parte, inclusive pode nos contaminar através das coisas que nós compramos, tocamos e compartilhamos, como nossos objetos pessoais, nossos artefatos, os alimentos industrializados que compramos. O vírus pode estar também no ambiente que frequentamos no dia-a-dia, por isso que precisamos ter todos os cuidados e evitar aglomeração de pessoas, sempre usando materiais de limpeza, máscara, álcool em gel, dentre outras proteções.

Nós, indígenas, temos nossos hábitos, costumes, tradições, crenças, modo de viver, mas, infelizmente, tivemos que mudar tudo isso, não por outros motivos, mas pelo bem da nossa saúde. Como é triste lembrar que nós já perdemos queridos parentes indígenas pela covid-19, que eram pessoas que conheciam a história do nosso povo, outros que eram nossas grandes lideranças, que lutavam por nossos direitos, que lutavam por nossa saúde, pela educação, pessoas que eram nosso braço direito no movimento indígena. É muito lamentável, mas elas nos deixaram. Eu deixo meu abraço, meus sentimentos às famílias que tiveram momentos difíceis, momentos de tristeza pela perda dos seus parentes pela covid-19.

Aldzia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 18 de julho de 2020



Estamos tentando nos recuperar do coronavírus

CAVIANO BENJAMIN

Eu sou Caviano Benjamin e sou do povo Galibi-Marworno, da Aldeia Kumarumã. Quando a pandemia começou tudo ficou parado, as escolas, os setores onde os profissionais trabalhavam, inclusive na Aldeia Kumarumã as aulas foram suspensas e as pessoas tiveram que parar de trabalhar. No momento que chegou a pandemia até nós, nós sentimos bastante medo, porque nós enxergávamos no Jornal Nacional muitas mortes que estavam acontecendo em outros lugares, muita gente morria ao mesmo tempo.

As pessoas da minha comunidade ficaram com tanto medo que alguns procuravam as localidades mais distantes, como seus sítios e terrenos, para se isolar, para não pegar a doença. Mas devido ao contato e acesso que temos fora da aldeia a doença conseguiu atingir até a nossa comunidade e muita gente foi infectada pela covid-19, alguns pegaram com sintomas leves, mas três pessoas vieram a óbito na minha aldeia.

Os idosos comentavam que o coronavírus não chegou na aldeia somente através de pessoas, para eles o vírus circulava no ambiente, pelo no ar, pois tinham pessoas que estavam isoladas bem longe, antes da chegada do coronavírus, eles não ficavam em contato com ninguém mas, mesmo assim, foram infectados. Nós não sabemos como surgiu essa doença, só Deus mesmo para saber, mas estamos tentando nos recuperar do coronavírus.

Na minha aldeia algumas pessoas já estão retornando ao seu trabalho nas suas roças novamente, porque já está tendo uma melhoria, mas durante todo esse período que passou, todas as pessoas estavam paradas, sem fazer os seus trabalhos. Eu acredito que não é a primeira doença que surgiu assim, meus pais contam que, no passado, também apareceu uma outra doença quase igual, eles disseram que acabaram fugindo da doença também. Hoje estamos aqui, lutando contra esse vírus, nós conhecemos bastante remédios caseiros, estamos sendo curados com nossos remédios tradicionais, eu peguei mas tomei remédios caseiros e melhorei.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 19 de julho de 2020
Relato recebido em áudio, transcrito e traduzido do Kheuól por Nadilson Felipe



Tivemos medo de levar pessoas doentes para o hospital

KEILA FELÍCIO IAPARRÁ

Olá a todos, me chamo Keila Felício Iaparrá, sou do povo Palikur-Arukwayene, tenho 20 anos. Este é meu segundo relato, no meu primeiro relato tinha dito sobre a minha preocupação e medo que a doença chegasse na minha aldeia, mas não sabia que já tinha chegado. Quando ocorreram vários casos de gripe na aldeia pensávamos que era uma

gripe diferente, pois queríamos acreditar que não fosse esse vírus que fez o mundo parar. Muitos Palikur não queriam acreditar que a tal gripe fosse o coronavírus, mas, infelizmente, era sim a covid-19. Quando anunciamos no Oiapoque que uma mulher Palikur tinha morrido vítima da covid-19 muitos do meu povo se recusaram a acreditar que ela tinha morrido por causa dessa doença, demorou para o povo cair em si.

Na minha casa as primeiras pessoas que apresentaram os sintomas foram as crianças, a filha da minha sogra ficou com febre, depois o filho do meu cunhado e, depois, ele também apresentou os primeiros sintomas. Ele acordou de manhã com febre e dor de cabeça e, mais tarde, perdeu o paladar e o olfato, também teve dores por todo o corpo. Estávamos desconfiando que poderia ser o coronavírus, pois as crianças tinham ficado com febre de repente, mas foi somente uma semana que apresentaram os sintomas, como se elas estivessem gripadas.

Depois foi meu marido... Ele tinha acordado mal pois estava com febre e com muita dor de cabeça, ainda bem que minha sogra preparava de manhã, a tarde e a noite o chá de folha de limão, tangerina, gengibre, alho e mel para eles tomarem todos os dias. Esse chá fez com que todos melhorassem, mas tínhamos vários outros cuidados, como não beber água gelada, tomar banho antes das 18 horas, porque não queríamos correr o risco que a gripe piorasse. Algumas pessoas disseram que quando a gente toma banho à noite a gripe piora, que não conseguimos respirar direito, além de sentir muita fraqueza, por isso tomamos muito cuidado.

Eu não tinha pegado a covid-19 ainda, fiquei feliz pois todos ficaram doentes menos eu e o meu sogro. Quando eu estava me preparando para apresentar um trabalho em um evento online, que era o II Encontro de Saberes Indígenas do Semiárido, amanheci muito mal, tinha fraqueza, além de ter muita dor de barriga, estava com diarreia, tive muitas náuseas. No primeiro dia pensei que era só diarreia, mas depois apresentei os mesmos sintomas dos outros, meu corpo ficava todo dolorido, parecia até que eu tinha saído de um trabalho bem duro, fiquei com febre e com muita dor de cabeça. Não podia tomar remédio para dor de cabeça pois tinha ibuprofeno, tinha medo que fosse a covid-19 e tinha visto no jornal que não podia tomar remédio com essa substância, pois agravava mais a doença. Tive que falar com minha Tutora do PET, pois não tinha condições de apresentar o trabalho, não podia ficar online até de noite, a minha garganta doía como se tivesse engolido uma espinha de peixe, ou como se tivesse com uma ferida enorme, doía demais quando ia tomar água e comer.

Tivemos que cancelar a apresentação que eu faria no evento, eu não podia ficar à noite no sereno, acessando a internet na escola da aldeia, que é longe de casa. Na aldeia a internet só fica melhor após as 21 horas, durante o dia não temos internet, e nem energia, somente quando liga o motor da aldeia. Demorou muito para eu melhorar, principalmente a dor de garganta e a febre, que ocorria todas as noites. Por vários dias tomei o chá caseiro, que me ajudou muito no tratamento, pois a nossa única arma para tratar essa doença era o chá, ele ajudou várias pessoas que ficaram muito doentes, mas que quando tomavam o chá diziam que começavam a melhorar.

Os mais velhos é que ficavam mais fracos, mas os filhos, netos e outras pessoas ajudavam fazendo chá para eles. Nós perdemos uma senhora vítima da covid-19 na minha aldeia, o estado dela tinha piorado muito, só recebi a notícia à noite. Depois da morte da senhora muitas famílias tiveram que tomar medidas para que os doentes não tomassem banho à noite, ainda mais os velhos, porque tinham mais risco de perder a vida para essa doença. Contudo, tivemos muita esperança que o vírus não matasse tantas pessoas na aldeia, confiamos nos conhecimentos tradicionais. Tivemos medo de levar pessoas doentes para o Hospital de Oiapoque, não tivemos confiança nos cuidados dos não indígenas pois não sabíamos como os doentes estavam sendo tratados, queríamos tratar na aldeia mesmo, porque por mais medo que tivéssemos do vírus e mais contagioso que fosse, não queríamos abandonar o próximo, por isso as famílias cuidavam dos seus doentes e, por conta disso, graças a Deus, ninguém morreu mais, com exceção das duas mulheres que faleceram por conta da covid-19. Desejo que tudo isso passe logo, vamos passar por esse desafio juntos, vamos seguir mantendo a nossa fé e não vamos abandonar o próximo.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 22 de julho de 2020



Nos víamos incapazes de proteger nossos filhos

ELIERSON IOIÔ BATISTA

Saudações a todos, me chamo Elierson Ioiô Batista, sou do povo Palikur-Arukwayene, tenho 30 anos, moro na Aldeia Kumenê, sou casado e tenho 6 filhos. Hoje minha família está em fase de recuperação da covid-19. Quando a doença chegou na região do Urukawa eu tive medo de perder alguém da minha família, meus amigos e, principalmente, minha mãe, que já tem uma idade avançada, eu já perdi meu pai, não suportaria outra perda.

A chegada da covid-19 fez com que eu ficasse preocupado, nas notícias da TV falavam que esse vírus é muito perigoso e não tinha vacina para combatê-lo. Vendo nos noticiários como o vírus vinha avançando, matando as pessoas, fiquei com medo, cheguei a pensar que iria sofrer tudo de novo, pois ainda não tinha superado a perda do meu pai e eu tinha medo de perder mais alguém. Mas graças aos conhecimentos dos nossos velhos sobre a nossa medicina tradicional e a Uhokri, que nos curou através dos remédios, fazendo com que essa doença não ficasse mais forte, eu e minha família estamos vencendo esse vírus.

Na minha família a primeira que pegou foi minha filha mais velha, Kettle, que mora com minha mãe. Como a casa da minha mãe fica no centro da aldeia, não tiveram como manter distanciamento das pessoas, minha filha pegou e acabou levando para nossa casa, que fica no outro lado da pista de pouso de avião. Minha filha ficou com febre dois dias, tendo dor de cabeça, dor na garganta e fraqueza. Vendo a filha doente, minha esposa procurou fazer chá para minha filha tomar, com o intuito de baixar a febre e evitar que ela ficasse pior. Graças a isso a doença não se agravou e minha filha começou a melhorar.

Quando minha filha estava se recuperando da doença o irmão dela, Kenadan, ficou doente também, e nós começamos a ficar preocupados, com medo, pois vimos que nossos filhos estavam ficando doentes, e temos um bebê pequeno, o Irimwi, que é o nome da árvore tawari em parikwaki, a nossa língua. Tivemos medo que o nosso filho não resistisse a esta doença, pois ele é tão pequeno e frágil ainda.

Eu e minha esposa estávamos em uma situação onde nos víamos incapazes de proteger nossos filhos e evitar que sofressem. Temíamos mais pelo pequeno Irimwi, que ainda não sabe falar como seus irmãos, ainda não pode dizer o que está sentindo, mas graças a Uhokri meu filho ainda não pegou o vírus, todos os irmãos dele ficaram doentes, menos ele! Eu fui o último da casa a pegar a covid-19, fiquei com febre durante vários dias, uma febre não muito forte, o que foi mais forte foi a tosse e a dor na garganta, até hoje ainda estou em tratamento, continuo tomando remédios para tosse e remédios caseiros e acredito que daqui a alguns dias eu, minha família, meus amigos e toda minha comunidade estaremos bem. Durante o tratamento meus filhos, minha esposa e eu não precisamos ir ao hospital, conseguimos melhorar usando apenas remédios caseiros e agradeço por isso. Foi difícil, mas com união estamos conseguindo vencer essa batalha contra o coronavírus.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 23 de julho de 2020



Nós acreditamos que as pessoas morrem muito no hospital

ALARCÍDIO FIGUEIREDO NARCISO

Bom dia, eu sou Alarcídio Figueiredo Narciso, sou Galibi-Marworno, sou mestrando em Antropologia na Universidade Federal do Pará e tenho 43 anos. Sou pai de família, tenho dois casais de filhos, resido na Aldeia Kumarumã, na Terra Indígena Uaçá. Nós, Galibi-Marworno, tivemos contato com o coronavírus no município de Oiapoque, quando fomos buscar nossos mantimentos, nós estávamos em isolamento, mas tínhamos que ir, não tinha jeito. A comunidade inteira foi contaminada, a Aldeia Kumarumã ficou deserta, não tinha ninguém na rua, três pessoas morreram: meu tio, minha tia e a outra foi a dona Edna.

Essa doença é muito terrível, ela dá tosse, febre, dores no corpo, falta de ar e diarreia, a pessoa tem que ter muita resistência para não ir à óbito. Eu tive muita resistência e Deus me salvou, mas eu passei muito mal, tive oito dias de febre. O coronavírus vai atacando os ossos, parece que vai moendo os ossos

da pessoa, a boca fica amarga, a urina fica amarelada, a dor de cabeça é muito forte, a pessoa não pega gosto nenhum de comida, tem falta de apetite, falta de força e de vontade, a pessoa só quer deitar, fica muito fraca.

Nós tomamos boldo, jambu com alho, com limão e mel, fizemos chá de caferana para minimizar a doença, fizemos chás com raiz de chicória e outras plantas. Uns três dias eu passei sem comer nada, era só mingau com farinha. É uma doença que, de um dia para o outro, ela vai acabando com você, ela é muito cruel! É lamentável, é muito triste isso que o coronavírus faz. Nós acreditamos que as pessoas morrem muito no hospital, eles te jogam lá dentro e já era, porque aqui, de acordo com a nossa cultura, nosso contexto, nós tomamos um chá, um leite, um mingau de farinha, tomamos banho de folhas do mato, tudo isso para minimizar os sintomas e acredito que ajudou muito!

Essa doença não brinca com ninguém não, tem que se cuidar o mais rápido possível, e é por isso que os idosos não têm muita resistência, principalmente os diabéticos e hipertensos, porque a energia deles já está fraca, e quando o coronavírus vem, ataca e derruba. Por isso a pessoa tem que estar preparada com remédios e com uma boa resistência. O vírus também não gosta de frio, nós descobrimos isso aqui na aldeia, eu passei quase um mês esquentando água para poder tomar banho. Eu não aguentava tomar banho na água normal porque eu ficava com muito frio, por isso os chás que a pessoa consumir e os banhos que ela for tomar, tudo tem que ser com água morna. O coronavírus é uma doença muito cruel, ela é forte, ela é tensa, é uma coisa muito triste.

Aldeia Kumarunã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 23 de julho de 2020
Texto recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Todos da minha família pegaram

DIEGO FELIPE ANIKÁ

Me chamo Diego Felipe Aniká, sou indígena do povo Karipuna, moro na Aldeia Manga, sou casado e tenho uma filha. Estávamos no Oiapoque quando tudo começou, quando saiu as primeiras notícias sobre o coronavírus, essa praga que dominou o mundo. Nesse período minha filha acabara de nascer e era muito arriscado ficar na cidade. Então achamos melhor ficar com a família da minha esposa na aldeia, assim fizemos, ficamos dois meses na Aldeia Kumenê, aldeia da minha esposa, que é Palikur. Quando fomos, o vírus ainda não tinha chegado no município, mas já se ouvia notícias que tinha chegado na Guiana Francesa. Sabíamos que não ia demorar para chegar no Oiapoque e, quando chegasse, tudo ficaria difícil e não íamos ter condição de enfrentar a doença longe da nossa família, porque se um de nós pegasse o vírus não saberíamos o que fazer, não teríamos a facilidade de buscar remédios como temos na aldeia.

Quando estávamos no Kumenê o vírus ainda não tinha chegado. Depois desses dois meses decidimos ir para o Manga, aldeia mais próxima da cidade, para ficar com minha família, pois vimos que era mais fácil ter acesso a algumas coisas, como ir para cidade caso precisasse. Quando chegamos no Manga ainda não tinha nenhum caso, mas com uma semana depois um homem foi diagnosticado com os sintomas do vírus, infelizmente a covid-19 já estava entre nós.

Todos se isolaram em suas casas, mas era tarde, toda aldeia já estava contaminada e eu sabia que cedo ou tarde nós pegaríamos. Eu já estava preocupado, não por mim, mas por minha filha, por minha mãe, que sofre de pressão alta e colesterol. Confesso que, por um momento, me senti frágil, com medo, sem saber o que fazer. Eu via o medo nos olhos da minha mãe e isso me deixava mais preocupado ainda. Quando minha irmã começou a ficar com febre minha mãe ficou desesperada e, no momento de desespero, ela pensou em isolar minha irmã, mas ela não teve coragem. Vendo isso eu e minha família resolvemos enfrentar a covid-19, minha mãe enxugou as lágrimas e começou a fazer remédios e chás para ajudar a amenizar as dores de cabeça e a febre.

Todos da minha família pegaram, até minha filha de quatro meses. Minha esposa, apesar de não demonstrar, estava com medo, pois nossa filha estava com os sintomas da doença. Para nossa sorte foram sintomas leves e, fazendo remédios caseiros, conseguimos curá-la. Fizemos de tudo para que a doença não se agravasse, pois não queríamos que ninguém da família fosse encaminhado para o hospital, porque se isso acontecesse seria pior. Foram dias de sofrimento, preocupação e medo causados pelo coronavírus, mas graças a Deus esses dias passaram e hoje estamos curados da covid-19, nenhum de nós precisou ir para o hospital.

Daqui em diante é se cuidar e evitar o máximo possível uma outra contaminação, já que ainda não há uma vacina para combater esse vírus. Eu penso que tudo que estamos vivendo seja apenas uma fase, logo tudo voltará ao normal ou quase normal. Espero que todas as famílias consigam vencer essa doença e, para as famílias que perderam alguém para essa doença, espero que consigam superar a perda.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 27 de julho de 2020



Hoje são os filhos dele que choram, amanhã serão vocês

JANINA DOS SANTOS FORTE

Me chamo Janina dos Santos Forte, sou do povo Karipuna, da Aldeia Espírito Santo, este é o meu segundo relato. Perdi meu pai no dia 7 deste mês, vítima da covid-19. Meu pai se chamava Fernando Forte, iria completar 57 anos no dia 07 de agosto, no mesmo dia em que ele completa um mês de morto. Há 34 anos ele era servidor federal e trabalhava na Saúde Indígena, ele nos contava que quando foram buscar ele pra trabalhar, ele fugiu para Saint-Georges-de-l'Oyapock porque ele não queria trabalhar na saúde, ele queria ser professor. Na época era a liderança quem escolhia a pessoa para trabalhar, conseguiram encontrá-lo e foi assim que ele começou a trabalhar como auxiliar de enfermagem. Meu pai foi cacique da Aldeia Espírito Santo, uma liderança ativa e presente até o último momento. Ele participou da demarcação das nossas terras, minha inspiração para me tornar liderança foi ele e minha avó Xandoca.

Meu pai veio trabalhar em Oiapoque no ano de 2018, quando assumiu a chefia da CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque. Ele decidiu lutar para melhorar a saúde do nosso povo, deste então deu o melhor de si para atender nosso povo indígena! Quando ele se mudou para a cidade sentimos muita falta dele, mas todo final de semana ele ia para a aldeia nos ver. Ele tinha diabetes, era hipertenso, tinha problema nos rins, mais se cuidava, tomava muito remédio caseiro. Em agosto do ano de 2017 ele sofreu um AVC (Acidente Vascular Cerebral) e quase que ele morreu. Pedimos que ele parasse de trabalhar para cuidar mais da saúde e ele se recusou, disse que se parasse de trabalhar iria ficar mais doente, e assim que ele ficou bom voltou à ativa. Ele amava trabalhar na CASAI, a mamãe dizia que a CASAI era a paixão dele.

Quando começou a pandemia da covid-19 ele foi imediatamente para a aldeia, por ele ser do grupo de risco não podia ficar na cidade. Desde então estava lá conosco, voltou a sua vida de 10 anos atrás: acordava, tomava café e ia para a casa da minha avó ver como ela estava. Na aldeia ele tem um carbê e ali ele viveu esses meses pescando, comendo e deitando na rede, com toda nossa família reunida. Estávamos tranquilos pelo fato dele estar por lá, longe da cidade e da doença.

Quando os primeiros casos foram confirmados nas aldeias fizemos uma reunião com a comunidade. Meu pai e a equipe de saúde da aldeia explicaram às pessoas como era essa doença. Em uma de suas falas meu pai disse: “se eu pegar essa doença eu vou morrer”, ele tinha total consciência do que essa doença era capaz.

Fizemos de tudo para nos proteger, usávamos máscara, não saímos para a cidade, usávamos álcool em gel, tudo para proteger nossos familiares e comunidade. Mas mesmo assim o vírus chegou em nossa comunidade e, conseqüentemente, chegou até o meu pai. No dia 18 de maio recebemos uma notícia que abalou nossa família: meu tio, irmão do meu pai, havia falecido de covid-19 em Oiapoque. Nossa! Foi muito triste! Meu pai ficou arrasado! Quando fui dar a notícia à ele, ele me disse: “hoje são os filhos dele que choram, amanhã ou depois serão vocês”. Me lembro disso com muita tristeza, já era o começo da despedida do meu pai.

No dia 21 de junho vieram para Oiapoque meu pai, minha mãe, meu irmão e meu filho mais velho. Meu pai estava preocupado com a nossa casa aqui em Oiapoque, pois não tinha ninguém ficando nela. Nesse tempo já estávamos com muitos casos na aldeia, assim, não contrariamos a vinda dele, e ele prometeu que não sairia de casa. Mal sabíamos nós

que já estávamos contaminados, minha mãe já estava com a doença. Assim que chegou no Oiapoque minha mãe começou a ter febre e dor no corpo, logo em seguida foi a vez do meu pai. Ele começou a ter febre em uma sexta-feira, eu estava na aldeia, mas falávamos com meus pais todos os dias pelo WhatsApp, foi assim que eu soube que ele estava doente.

Na terça-feira eu vim para cá, para o Oiapoque, cuidar deles. Quando cheguei aqui meu pai estava mal, com diarreia, febre e dor no corpo. Conversei com ele para irmos para o hospital, mas ele não queria, conversei até convencê-lo. Fomos neste mesmo dia, à tarde, para o hospital, ficamos até às 10 horas da noite e voltamos para casa. O médico tinha pedido alguns exames e fizemos no dia seguinte, assim que saiu o resultado dos exames voltamos ao hospital e o médico encaminhou meu pai com urgência para Macapá. No sábado, às 14 horas, ele foi transferido de aeronave para Macapá, na terça-feira ele morreu.

No dia em que enterramos meu pai perdemos mais um senhor da nossa comunidade, também vítima da covid-19. Não está sendo fácil para nós, pois essa doença está acabando conosco, fisicamente e mentalmente. Esta é uma história que eu não gostaria de estar contando para vocês, minha família está arrasada, perdemos nosso pilar e estamos tentando nos sustentar sem ele. Vivemos um dia de cada vez, com a ajuda e o companheirismo dos nossos amigos e familiares mas, principalmente, da nossa comunidade, que tem nos dado todo apoio, estamos seguindo...

Tento, assim como minha família, me lembrar só das coisas boas, o quão bom pai meu pai foi. Sempre amigo, companheiro e um homem de bom coração, nunca iremos esquecer tudo que ele nos proporcionou. Espero, assim como todos, que esse tempo ruim logo passe, que se ache logo a vacina ou a cura para esta doença, para que outras famílias não tenham que passar pelo que a minha família tá passando hoje.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 29 de julho de 2020



É horrível saber que você pode pegar essa doença e morrer

GISSEIA BATISTA GOMES

Me chamo Gisseia Batista Gomes, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene, tenho 25 anos, sou casada, tenho dois filhos e sou da Aldeia Kumenê, atualmente moro no município de Oiapoque. A primeira notícia que tive sobre o coronavírus foi através dos noticiários na TV e nos grupos de WhatsApp, comecei a acompanhar todos os noticiários sobre essa doença. No início não tive muito medo, porque a doença estava longe, mas depois que eu vi que o vírus se espalhava rápido em todos os países, matando muitas pessoas, eu fiquei com medo, eu sabia que ele chegaria ao Brasil e ao Oiapoque.

Algumas semanas depois eu vi nos grupos que o vírus já estava na Guiana Francesa. Meu esposo, pensando na saúde dos nossos filhos, resolveu ir para Macapá, porque lá podíamos nos isolar com os nossos filhos, pois aqui no Oiapoque moramos em uma pousada, onde se hospedam muitas pessoas, de vários lugares, seria difícil manter nossos filhos em segurança.

Quando os primeiros casos apareceram no Amapá ainda estávamos no Oiapoque, depois fomos para Macapá, onde ficamos três meses em isolamento. Durante esses três meses ficamos sem sair de casa para evitar o contato com outras pessoas, foi difícil, principalmente na cidade, onde você fica perto de tudo e ao mesmo tempo longe. É difícil ficar longe das pessoas que a gente ama, principalmente nesses momentos de pandemia.

Nesse tempo em Macapá eu ficava pensando na minha família que mora na aldeia, eu temi por eles, por pensar que seria mais difícil para eles se a doença fizesse como faz nas cidades. Mas, graças a Deus, não foi assim. A covid-19 não fez muitas vítimas na minha aldeia, agradeço pela minha família, meus amigos e pelos demais que estão conseguindo vencer essa doença. Agradeço também pelo fato de eu, meu esposo e meus filhos, não termos pegado a covid-19, espero que não peguemos, não gostaria de ver meus filhos sofrendo com essa doença.

Mesmo estando na cidade não esqueci os conhecimentos do meu povo sobre medicina tradicional, fiz os remédios que minha mãe me ensinou, dei banho nos meus filhos com algumas ervas que minha mãe me mandou da aldeia. Esses últimos meses foram tensos, eu não tinha passado por isso antes. Apesar de já ter perdido muitos entes queridos na minha vida, não se compara com o que estamos vivendo hoje. É diferente perder alguém para uma doença que chega sem se anunciar, e perder alguém para uma doença que você sabe que está chegando, que não tem remédio, como tem sido com o coronavírus, esse vírus que deixa as pessoas com medo antes mesmo dele chegar.

É horrível saber que qualquer hora você pode pegar essa doença e morrer, se não tiver a mesma sorte que os demais, isso faz você perder noites e noites de sono. Confesso que, logo no início, eu tive muito medo dessa doença, eu chorava de tanto pensar nessa doença! Eu via nos jornais como ela matava as pessoas, cheguei a pensar que isso iria acontecer comigo, como acontece nas grandes cidades. Mas graças a Deus que não aconteceu e acredito que tudo isso vai passar!

Oiapoque, Amapá, Brasil | 28 de julho de 2020



Uns apresentaram sintomas leves e outros graves

ARILSON DOS SANTOS

Olá! Me chamo Arilson dos Santos Narciso, sou da etnia Galibi-Marworno, moro na Aldeia Kumarumã, na Terra Indígena Uaçá, este é o meu segundo relato e nele vou contar como estamos vivendo esse momento da pandemia de covid-19 na minha aldeia. No meu primeiro relato eu contei das medidas que foram tomadas para evitar a covid-19 e como o coronavírus chegou a minha aldeia.

Bem, quando a primeira pessoa testou positivo para o novo coronavírus tivemos a confirmação de que o vírus chegou na minha comunidade. De um jeito ou de outro, eu sabia que o vírus ia chegar, por isso quando veio

a notícia não fiquei assustado. Além desse primeiro caso eu acredito que haviam muitos outros casos de coronavírus, porque as pessoas já vinham apresentando febre, dor de cabeça, dor no corpo e dor na garganta, só que ninguém sabia, porque não tinha teste para confirmar. Quando as pessoas da aldeia descobriram que era coronavírus ninguém mais pôde fugir para os seus sítios, como fazia o povo da aldeia. Então as pessoas começaram adoecendo uns após os outros. Têm pessoas que apresentaram sintomas leves e outras graves.

Os que apresentaram sintomas graves foram aquelas pessoas de grupo de risco, principalmente os diabéticos e hipertensos. Tinha um senhor, que é meu tio, que esteve com a covid-19 e o estado dele era muito grave, porque ele é diabético e tem pressão alta. Ele passou semanas doente, só piorava e piorava, deixava a família toda preocupada, pensavam que ele não iria resistir, mas graças a Deus conseguiu superar o vírus. Contudo, outras pessoas que estavam com sintomas graves não resistiram, foram três óbitos na minha aldeia. Foi muito triste e lamentável a perda dos nossos irmãos Galibi-Marworno, mas hoje penso que já superamos esse inimigo invisível, porque até o momento ninguém mais morreu.

A minha preocupação era com o meu filho, porque não sabia como o vírus ia reagir nele, caso fosse infectado, porque o vírus faz mutação. Meu filho pegou, teve três dias de febre e me deixou mais preocupado ainda, quase chorei com ele. Sabe como é, criança quando está doente fica toda enjoada. Nós demos remédios farmacêuticos e caseiros para ele tomar, além de um banho tradicional para expulsar o vírus. Depois de alguns dias a febre baixou e ele se recuperou direitinho. Passou uns dias, depois que meu filho se recuperou, e eu adoeci, tive febre, dor de cabeça, dor na garganta e dor nos meus ossos. Tomei remédios caseiros e medicamentos farmacêuticos dias e dias para me recuperar. Quando a febre baixou perdi totalmente meu paladar, não sentia gosto nem cheiro de comida. Na verdade, toda a minha família esteve com coronavírus e todos passaram pelo mesmo processo que eu, inclusive a minha mulher, que pegou primeiro, mas todos tiveram sintomas leves.

O vírus só não nos deixou com dificuldades de respirar porque tomamos remédios antes que chegasse em nossos pulmões. Agora tudo já voltou a funcionar como antes, as pessoas já estão passeando, visitando seus familiares, as igrejas reabriram, as reuniões acontecendo, o futebol retornou e outras coisas, porque o vírus já está passando, quase não tem mais pessoas infectadas na comunidade. Acreditamos que isso é graças as

plantas que tiramos da natureza para fazer nossos remédios caseiros, por isso, quando dizemos que a natureza é a nossa mãe é porque necessitamos dela, não só nessa ocasião, mas em todos os momentos.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 31 de julho de 2020



Buscamos nossa própria medicina

MELISSA FELÍCIO BATISTA

Olá, me chamo Melissa Felício Batista, tenho 19 anos, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene e moro na Aldeia Kumenê. Eu estava na cidade quando tudo aconteceu, quando saiu a notícia de que surgiu essa doença. Toda minha família estava na cidade nesse tempo, pois era período de estudo, de aulas. Devido a esse problema de saúde pública que o mundo todo está enfrentando as escolas e instituições tiveram que parar as aulas, o que foi bom para minha família, assim pudemos voltar para nossa aldeia, apesar de saber que isso não ia evitar que pegássemos a covid-19, cedo ou tarde o vírus iria chegar até nós, pelo fato de que nós, indígenas, também dependemos das mercadorias da cidade, de uma forma ou outra o vírus iria chegar.

No mês de maio as pessoas da Aldeia Kamuywa, aldeia vizinha, estavam em uma crise de gripe, os pacientes apresentavam sintomas da covid-19. Alguns dias depois um agente de saúde indígena daqui da Aldeia Kumenê apresentou os mesmos sintomas, logo apareceram outras pessoas com os mesmos sintomas e isso foi se espalhando tão rapidamente que, em uma semana, a aldeia inteira estava com a doença, principalmente aqueles com mais idade.

E agora, o que fazer? Como ainda não tem vacina ou medicamentos para a covid-19 buscamos nossa própria medicina para tratar nossos doentes, as pessoas que conheciam alguma erva, uma fruta ou uma planta que fosse boa para tratar dor de cabeça, febre e disenteria faziam e compartilhavam com os outros as receitas que ajudavam a amenizar os sintomas, receitas que apresentaram bons resultados na recuperação

dos infectados pela covid-19, graças a isso não tivemos muitas perdas dentro da comunidade.

Hoje muitos ainda estão em fase de recuperação e, graças aos remédios, isso está acontecendo de forma rápida. Dentro da minha família fui a primeira a contrair o vírus, sentindo apenas dor de cabeça, dores no corpo e febre, depois de mim foi minha cunhada e, em poucos dias, meu pai e meus dois irmãos apresentaram os mesmos sintomas. Nosso tratamento foi feito com alguns medicamentos farmacêuticos, como paracetamol, para ajudar a baixar a febre e o resto era só de plantas medicinais, assim, conseguimos nos curar do coronavírus. Hoje, a única que ainda não foi infectada da minha família é minha mãe, de 42 anos. Mesmo sendo diabética e tendo cuidado de todos nós, ela não contraiu o vírus e agradeço muito a Deus por isso. Corremos risco ainda, mas acredito que conseguiremos passar por tudo isso, temos que continuar a seguir as regras de proteção e evitar o máximo possível uma nova contaminação.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 31 de julho de 2020



Ainda não temos vacina para estarmos seguros

NADILSON FELIPE

Olá! Me chamo Nadilson Felipe, sou indígena da etnia Karipuna, tenho 25 anos, participo do Programa de Educação Tutorial (PET-INDÍGENA) da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá) e esse é meu segundo relato. A pandemia trouxe muitas mudanças para dentro do nosso território, afetou muito a nossa vida na aldeia. Sabemos quando começou a surgir os primeiros casos na cidade de Oiapoque, mas não fazemos ideia do dia em que a doença chegou nas comunidades indígenas da região do Uaçá. Digo isso porque não temos testes para saber se a pessoa está com a covid-19 ou não!

Quando confirmou o primeiro caso na Aldeia Manga muita gente já estava doente, com sintomas da covid-19, mas não sabiam se era essa

doença, alguns não procuravam o Pólo Base de Saúde e também não tinha teste rápido na aldeia. O vírus espalhou rapidamente por toda a aldeia, ao mesmo tempo a gente via nos jornais como a doença aumentava no Brasil e o número de óbitos subindo em cada 24 horas. Nossa preocupação em relação aos nossos idosos também aumentou: para nós eles são nossos livros, dicionários, memórias das nossas histórias, bibliotecas as quais sempre recorremos...

Eu fiquei muito preocupado porque moro junto com minha vovozinha, tive muito medo que ela adoecesse, porque às vezes tive que sair de casa para comprar nossos alimentos, também saí em busca de informações e comunicação. Na aldeia não temos internet em casa, aliás, tem muitas aldeias que não tem acesso à internet nem energia elétrica. Eu procurava saber notícias da minha família que mora longe, como minha outra avó, Emídia, de 80 e poucos anos. Minha avó Emídia foi para Cayenne antes da pandemia em busca de tratamento de uma outra doença e continua na Guiana Francesa porque o vírus fez com que as fronteiras fechassem, por esse motivo minha avó ainda não retornou para a aldeia dela, sentimos muitas saudades.

Minhas duas irmãs ficaram doentes e quem cuidava delas eram meus pais. Elas sentiam vários sintomas, tiveram febre, dor de cabeça, dor no corpo, diarreia, tontura, fraqueza, febre, perderam o paladar. Elas tomaram bastante remédio caseiro, beberam chá de folhas de plantas, xarope de limão, mel de abelha, óleo de andiroba, suco de frutas, banho de ervas medicinais. Assim, elas foram melhorando, com a graça de Deus meus pais e minha avó até agora estão bem, mas todos nós estamos tomando remédios caseiros para controlar e nos prevenir da covid-19 e também das outras doenças, como malária, gripe comum e diarreia.

Continuamos usando máscara para proteção, além de álcool em gel e de lavar as mãos com água e sabão. Evitamos usar os mesmos objetos ou materiais e evitamos aglomeração. Nós, indígenas, temos nossos costumes, hábitos, crenças, rituais, cultura, modo de se relacionar uns com os outros e esse coronavírus veio interferir, modificar, desorganizar nosso modo de vida. Nem com o coronavírus nós vamos deixar de cuidar e visitar nossos parentes, nós temos sempre uma união, um modo de agir juntos.

Daqui para a frente creio que vai melhorando devagar, por isso deixo uma mensagem aos meus parentes e amigos, vamos nos cuidar porque a covid-19 ainda está circulando pelo mundo, ainda não temos vacina para nós podermos nos sentirmos seguros.



Os indígenas são mais vulneráveis ao coronavírus

DIEIMISOM SFAIR

Olá, me chamo Dieimisom Sfair, sou indígena Karipuna, moro na Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque. Sou professor indígena e Pós-Graduando no Curso de Estudos Culturais e Políticas Públicas pela UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), venho aqui relatar um pouco sobre minha experiência de vida durante essa pandemia que parou o mundo. No início, quando esse vírus ainda estava tão longe de todos nós, parecia que nunca iria chegar até aqui na aldeia. Mas, como em um passe de mágica, chegou no Brasil e, infelizmente, também nas comunidades indígenas.

A situação da assistência às comunidades indígenas sempre foi muito difícil diante das políticas públicas que, a todo momento, atropelam os direitos dos indígenas e não respeitam seu modo de viver e lidar com o meio ambiente. O sistema de saúde voltado aos indígenas também é e sempre foi muito precário, assim, os indígenas tornam-se mais vulneráveis a contrair essa doença.

Aqui na minha comunidade todos nós acompanhamos as etapas dessa doença e tivemos que tomar medidas drásticas de isolamento, mas não conseguimos evitar o contágio. Moro com meus pais, que são do grupo de risco, e fiquei muito preocupado com eles. Na minha família o caso da minha irmã, grávida de 8 meses, me deixou muito assustado mas, graças a Deus e as nossas plantas medicinais, conseguimos minimizar os sintomas que, na maioria dos casos, foram leves.

Contudo, fico muito triste em ver grandes perdas de lideranças e guerreiros, com elas foram conhecimentos e também uma grande força na luta a favor dos direitos indígenas. Também quero trazer nesse relato todo meu repúdio a esses governantes corruptos que se aproveitam dessa pandemia para se dar bem com interesses próprios e não têm um olhar humano para todos. Diante de tudo isso quero dizer aos meus parentes indígenas que temos que continuar unidos e sempre na luta por dias melhores. Se resistimos até aqui é porque somos povos originários dessa terra e, juntos, sempre seremos mais fortes. Desejo a todos muita saúde e dias melhores.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 01 de agosto de 2020



Continua o medo de que algum parente pegue e não resista

Maiara Iaparrá Muré

Me chamo Maiara Iaparra Muré, sou indígena do povo Palikur-Arukwaye-ne, esse é meu segundo relato. As primeiras pessoas da minha família que pegaram o coronavírus foram meus parentes na aldeia, tios, tias e primos. Eles sempre se comunicam conosco via Whatsapp, estavam em quarentena em suas aldeias mas, um dia, pararam de entrar em contato, ficamos sem receber mensagens deles por vários dias. Minha mãe sempre dizia:

- Filha, seus tios já mandaram mensagem? Veja se tem alguém online!

Não tínhamos notícias e veio a preocupação pois se passaram semanas. Buscamos notícias com outros parentes na aldeia, foi quando nos disseram que todos tinham pegado o coronavírus e estavam em repouso. Minha mãe, Florinda Iaparrá (44 anos), mesmo sabendo de suas condições de saúde e sendo do grupo de risco, arrumou sua bagagem e disse:

- Vou cuidar de meus irmãos na aldeia! Vou fazer remédios caseiros, banhos, chás de ervas para ajudar a combater a doença. Eles precisam de ajuda e eu vou!

Minha mãe foi para a Aldeia Kumenê e nós ficamos no Oiapoque. Em minha casa meu irmão, Emanuel Vidal Nunes Iaparrá (14 anos), foi o único que pegou o vírus. Ele começou a passar mal no dia 05 de junho, teve muita febre, dor de cabeça, apresentou vômito e diarreia. Quando meu irmão começou a ter febre, logo no início, ele se isolou e começou a usar máscara em casa. Ele separou um prato, colher e copo para fazer uso somente dele. No dia 06 de junho levamos meu irmão até o Posto de Saúde, o médico solicitou o exame de escarro e ele fez, o médico receitou medicamentos para a covid-19, mas ficamos sem saber se ele tinha mesmo covid-19, o resultado do exame dele saiu somente no dia 27 de junho.

Quando peguei o resultado, que foi positivo, meu irmão já estava bem, graças a Deus ele foi o único de nós que pegou covid-19 e não apresentou sintomas graves. Ainda continua o medo de que algum parente pegue e não resista, como tantos outros parentes indígenas da nossa re-

gião, que adoeceram e não resistiram a covid-19. Quando ouço que tem algum parente indígena acometido com covid-19 rezo para que esta pessoa fique bem logo. Tenho acompanhado nos jornais o andamento para a vacina. Peço a Deus que ela logo fique disponível!

Oiapoque, Amapá, Brasil | 01 de julho de 2020



Na minha família adoeceu todo mundo no mesmo dia

CLEISY NARCISO SILVA

Olá, me chamo Cleisy Narciso Silva, tenho 22 anos de idade, sou indígena da etnia Calibi-Marworno, morador da Aldeia Tukay, que fica localizada às margens da BR-156, sou integrante do grupo PET-Indígena da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), este é meu segundo relato sobre a pandemia da covid-19. Meu primeiro relato foi em maio, na época não tinham casos de covid-19 confirmados na nossa aldeia, não sabíamos que, na verdade, a covid-19 já estava no meio de nós, mesmo que estivéssemos nos prevenindo quando estávamos indo para a cidade. Nós evitamos aglomerações, adotamos certas medidas para nos prevenir, mas não vemos a covid-19, esse vírus se transmite muito rápido!

Em minha aldeia o primeiro caso de covid-19 foi uma mulher que estava em Oiapoque, ela havia feito uma cesariana no hospital do município de Oiapoque, após sua recuperação da cirurgia ela voltou para a aldeia, sem saber que estava com a covid-19. Na aldeia essa mulher sentiu alguns sintomas e foi atendida pelo técnico de enfermagem, todos achavam que eram dores por causa da cesária. O técnico de enfermagem passou a atender a paciente com cuidados possíveis para não contrair a covid-19, mas nada adiantou, ele contraiu a doença e, ao atender outras pessoas, foi contaminando, sem saber que estava com o coronavírus.

Após algumas semanas o técnico de enfermagem adoeceu e sua família também começou a sentir alguns sintomas leves. Começamos a ficar preocupados e logo fizemos nossos chás caseiros, em mais algumas semanas meus pais adoeceram, assim como outras pessoas da aldeia, uma

atrás da outra iam adoecendo. Na minha família adoeceu todo mundo no mesmo dia! Primeiro meu pai, que teve sintomas um pouco mais fortes, depois minha mãe, com sintomas leves, algumas horas mais tarde foi meu irmãozinho, de 7 anos. Ele falou para a mamãe:

– Mãe, minha cabeça está doendo, parece que está quente, está fazendo meus olhos lagrimarem, eu estou doente mãe! Será que estou com o coronavírus, mãe?

Meu irmãozinho só ficou adoecido por um dia, mas no outro dia adoeceu meu outro irmão, de 16 anos, também com sintomas leves. Todos eles tiveram sintomas de dor de cabeça, febre, perda de paladar, mas foram sintomas leves.

Eu não moro com meus pais e irmãos, eu moro na casa dos meus sogros. Lá nos adoecemos também, todos com sintomas leves. Meu filho também adoeceu, mas logo ele melhorou, graças a Deus ou aos Karuanãs. Em nossa aldeia perdemos um senhor de 72 anos de idade, ele sofria de outras doenças e a covid-19 agravou, levando a sua morte.

Fico aliviado porque na minha família só tivemos sintomas leves do vírus, mas ainda há risco de nos contaminar de novo, por isso nos prevenimos, para não contrairmos a doença de novo. Hoje é agosto, nem mais um caso de covid-19 foi registrado na aldeia após o surto que ocorreu no mês de junho. Em agosto faz praticamente quatro semanas que não temos mais casos de covid-19. Espero que continue sem casos de covid-19 até que os cientistas descubram a vacina para esse maldito vírus...

Aldeia Tukay, Terra Indígena Uaçá, Oipoque, Amapá, Brasil | 01 de agosto de 2020



Quando morre um parente, parte da gente morre junto

Suzana Primo dos Santos

Sou Suzana Primo dos Santos, do povo Karipuna. Trabalho no Museu Paraense Emílio Goeldi, no Acervo de Etnografia, por isso, atualmente, estou morando em Belém, no estado do Pará. Quando a pandemia começou na China não achei que ela fosse chegar nas aldeias, percebi que ela chegaria até nós quando aconteceu o primeiro caso no estado de São Paulo, no sudeste do Brasil. Desde então os momentos estão sendo muito difíceis. Passamos mal, tive a covid-19, minha filha e meu marido também tiveram. Pensei que um de nós fosse morrer. Tive dor de cabeça, na garganta e no corpo por mais de vinte dias. Pensava como seria se ficássemos com falta de ar e também se minhas irmãs no estado do Amapá ficassem doentes.

A covid-19 está nas áreas indígenas, já morreram parentes Karipuna nas aldeias e parentes de outras etnias em todo o Brasil. Nas aldeias em Oiapoque muitos parentes ficaram doentes, também sabemos que muitos se trataram tomando remédios caseiros, chás. Não sabemos o que pode vir depois dessa doença, quais são suas consequências. Morreu um cunhado meu, Fernando Forte, uma grande liderança e guerreiro que lutava pela causa dos povos indígenas de Oiapoque. É muito triste quando você vai perdendo seus parentes para esta doença, pois, quando morre um parente, parte da gente morre junto, é um pedaço que vai embora e não volta nunca mais. É triste ver as lideranças e os idosos indo embora, vejo que quem mais morre de covid-19 são os antigos e com eles morrem muitas histórias.

Durante este tempo de pandemia venho pensando muito em minha Aldeia Santa Izabel, no Uaçá. Rezo para Deus, para os karuãnas, para a Cobra Grande Aramari, para a Estrela Dalva que é Arukamã, para socorrerem os povos de Oiapoque.

Belém, Pará, Brasil | 02 de agosto de 2020



Passou um tempo e veio essa flexibilidade do isolamento

Diogo Monteiro dos Santos

Olá, eu me chamo Diogo Monteiro dos Santos, tenho 18 anos, sou da etnia Karipuna, moro na Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, região do rio Curipí e atualmente eu estou cursando o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), este é meu segundo relato.

Na aldeia, de um tempo para cá, as coisas foram ficando mais leves, porque antes muitas pessoas passeavam de máscara, na verdade, não tinha passeio, só saiam de máscara e para comprar alguma coisa nos comércios, tudo de máscara. Agora a gente sai, joga futebol, toma banho de rio, de cachoeira, nos igarapés, joga vôlei e não está tendo mais aquele impedimento que tinha antes, as pessoas já saem sem máscara.

Teve um surto na aldeia né, muitos casos e tal, teve pessoas que morreram aqui nos Karipuna, três Karipuna morreram com a doença, mas depois de um tempo esse surto foi se amenizando e então eles (lideranças) acharam melhor flexibilizar a questão do isolamento social. A questão do acesso da internet também foi flexibilizada, eles tinham proibido muitas pessoas de acessar, por causa da aglomeração no local de acesso à internet, que é perto da Escola Jorge Iaparrá, então não estava podendo acessar. As pessoas iam e tinha poucas pessoas, o que era mais importante de fazer na internet eles faziam, que era para saber notícias da família, conversar com os seus professores e enviar seus trabalhos, que são online, porque uns estão tendo aulas online.

Passou um tempo e veio essa flexibilidade do isolamento social, então as pessoas voltaram a frequentar os comércios, já passaram a ir comprar coisas sem máscara, antes eles iam de máscara e sempre com o álcool em gel, muitas pessoas fazem a exigência do álcool em gel, mas agora não está sendo mais assim.

O acesso à internet voltou a funcionar normalmente, muitas pessoas voltaram a acessar, só que o acesso à internet está sendo um pouco difícil, porque tem tanta gente que quer saber notícias dos seus familiares que a internet não está dando conta de sustentar tantos celulares, então a pessoa tem que marcar sua vez, seu dia. As pessoas responsáveis vão lá e colocam o nome, passa um dia e, no máximo, o outro dia, e eles mudam os dados de acesso, tem que refazer o cadastro de novo, é através de cadastro que é controlado o número de celulares.

No auge dos casos na aldeia as reuniões eram realizadas com poucas pessoas, era mais o Conselho, agora já está tendo reuniões da comunidade, os trabalhos comunitários já voltaram, os aniversários voltaram a acontecer novamente, os encontros das igrejas e os cultos voltaram, os trabalhos da roça também. Tinham proibido os mutirões para a roçagem, derrubada e plantio das roças. Ainda não está liberado totalmente os mutirões, mas já podemos reunir para fazer a farinha e já está podendo ir mais pessoas para o Oiapoque, mas estão controlando quem sai e quem entra na aldeia para não haver confusão. Os carros de frete voltaram a funcionar normalmente, as pessoas voltaram a passear, a faz festas nas suas casas, claro que com poucas pessoas e em determinado horário.

As festas juninas não aconteceram por causa das limitações do isolamento social, as festas de dezembro, principalmente a festa de Nossa Senhora de Guadalupe, ainda não foram confirmadas e pelo que nos informaram não vão acontecer. As pessoas ficam passeando, as medidas estão mais livres. O pessoal já está voltando a sua rotina, normalmente, só que as festas ainda não foram liberadas.

O trabalho comunitário está sendo realizado em dois sábados, que é o normal, no segundo e no terceiro sábado, e o número de pessoas já não é mais controlado, vai quem quiser, tudo está voltando a normalidade, não sei até quando.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 03 de agosto de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Tivemos bons resultados dos tratamentos feitos em casa

Lenise Felício Batista

Olá, me chamo Lenise Felício Batista, sou do povo Palikur-Arukwayene, sou integrante do grupo PET- Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e este é meu segundo relato sobre os impactos da pandemia na minha vida, na minha família e na minha comunidade. É difícil descrever neste relato a angústia e o medo que senti no momento que a covid-19 chegou na minha aldeia, principalmente na minha família. O que senti ao ver as pessoas que amo sofrerem com essa doença é algo inexplicável, só digo que, naquele momento, me senti tão incompetente diante do sofrimento que minha família estava passando, minha filha então, tão pequena e frágil.

Quando a covid-19 chegou nas aldeias indígenas eu estava na Aldeia Manga, aldeia do meu esposo, que é Karipuna. Assim que o cacique da Aldeia Manga foi comunicado que já havia um caso de covid-19 na comunidade soubemos que já tinham casos nas outras aldeias, já havia casos confirmados na Aldeia Kumenê, minha aldeia. Quando soube que o vírus havia chegado lá, na nossa aldeia, minha preocupação, naquele momento, foi com minha mãe que é diabética e faz parte do grupo de risco. Como eu estava longe da minha família, eu não tinha como ter notícias, não sabia se eles estavam passando bem ou não e isso me deixava mais angustiada ainda. Para meu alívio meus irmãos tiveram sintomas leves e minha mãe não pegou o vírus até hoje.

Confesso que é diferente viver uma situação e presenciar o sofrimento de pessoas que a gente ama. Eu, pessoalmente, não perdi alguém próximo para esta doença, mas eu vi o sofrimento da minha filha, que chorava por causa da febre e posso dizer que é horrível o sentimento de ver ela sofrendo com essa doença, uma bebê de três meses, é muito angustiante. Eu, como mãe, sofri muito vendo minha filha chorar a noite por causa da doença, eu queria que minha filha não tivesse passado por isso, mas graças a Deus que esse sofrimento passou e minha filha está recuperada. Apesar de ter contaminado toda aldeia não tivemos muitas perdas, tivemos bons resultados dos tratamentos feitos em casa, com nossa própria

medicina tradicional, tanto minha família quanto meu povo reagiram bem contra o coronavírus e hoje quase todos estão recuperados da doença. Na Aldeia Kumenê tivemos apenas duas perdas.

Poder contar nossa história nestes relatos tem sido uma forma de compartilhar com outras pessoas nossas angústias e como estamos enfrentando a covid-19 em nossas aldeias. E também tem sido uma forma de compartilhar a vida do nosso povo durante essa pandemia. Os relatos se tornaram um ato de manifestação para muitos que estavam inconformados com a situação que vivemos dentro das nossas aldeias, com a falta de apoio por parte do governo. Divulgar esses relatos tem promovido visibilidade às manifestações do nosso povo, compartilhamos nossa indignação contra os órgãos responsáveis pela saúde indígena e pela situação em que o Brasil vive hoje. Esses relatos foram muito importantes para muitas pessoas, pois eles falavam que essa seria uma mensagem para o mundo, que apesar das dificuldades nós estamos conseguindo vencer essa batalha contra a covid-19. A mensagem que passamos através dos nossos relatos é que somos povos resistentes.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 07 de agosto de 2020



Como cacique tive que tomar medidas de prevenção

Gedael Labontê Martins

Me chamo Gedael Labontê Martins, sou indígena da etnia Palikur, tenho 30 anos e moro na Aldeia Kumenê, sou casado e tenho 4 filhos. Atualmente sou o cacique da Aldeia Kumenê, do meu povo Palikur. Quando ouvimos falar do vírus fiquei preocupado com o meu povo, pois nós não tínhamos conhecimento sobre o tratamento da nova doença, o que acabou me deixando profundamente triste, os profissionais de saúde indígena do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) não nos deram orientação de prevenção contra o novo vírus.

Quando o coronavírus chegou ao Brasil ficamos esperando as orientações das políticas públicas responsáveis pela saúde indígena. Eu, Gedael,

como cacique, teria que encontrar uma forma e ter decisão para tomar medidas de prevenção contra a covid-19, mas a comunidade teria que contribuir, para juntos, controlarmos a chegada do vírus na nossa aldeia.

Naquele período nós sabíamos que o povo Karipuna da Aldeia Manga já tinha tomado as primeiras decisões de fechar o ramal do Km-18, foi a primeira medida que eles pensaram para proteger as aldeias indígenas, inclusive essa decisão tomada pelos Karipuna não foi avisada aos caciques das aldeias que ficam mais longe. Então a mim, como cacique, coube aceitar a decisão tomada pelo povo Karipuna de fechar o ramal por um tempo indeterminado, porque pensamos em proteger a vida do nosso povo, mas mesmo com o ramal fechado, os responsáveis pelo portão do ramal buscariam uma forma de abrir o portão para os indígenas irem até o município de Oiapoque para receber bolsa, o auxílio emergencial e comprar seus mantimentos. Tivemos que tomar umas medidas para que cada família mandasse um membro da família para comprar mantimentos de sustento. As consequências disso foram preocupantes, as pessoas que saíram para o Oiapoque voltaram infectadas pelo coronavírus.

Quando soubemos que a pandemia chegou na nossa aldeia já havia espalhado o vírus dentro da aldeia. A gente já tinha tomado providência para ninguém entrar e sair da aldeia, mas essa decisão não foi cumprida, então tivemos que enfrentar o vírus dentro da aldeia, tivemos que buscar os conhecimentos dos anciões do meu povo no preparo de medicamentos tradicionais para combater o vírus, porque o meu povo ainda não estava preparado para enfrentar o coronavírus. Eu fiquei com muito medo do vírus quando chegou na nossa aldeia. O coronavírus tirou de nós a paz e a tranquilidade que vivemos no nosso território. Todo dia fico preocupado com o aumento das pessoas infectadas pelo novo vírus, esse é o pior período que passamos nas nossas vidas.

Quando a doença chegou na nossa aldeia nós não tínhamos remédio no Posto de Saúde para o tratamento das pessoas doentes, duas pessoas do povo Palikur morreram vítimas do coronavírus por falta de atendimento à saúde indígena. Depois disso o Iepé (Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena) apoiou o povo Palikur e enviou cestas básicas, cada família recebeu uma cesta básica e uma ajuda para evitar a saída das pessoas para a cidade. A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) também mandou cestas básicas para apoiar a comunidade na crise causada pelo coronavírus. Dias depois a equipe de saúde veio fazer testes rápidos da covid-19 e também recebemos

novos equipamentos para o Posto de Saúde, mas ainda não funcionam para atender os pacientes.

Fiquei honrado pelo conhecimento do meu povo, pois já conseguimos importantes resultados dos nossos remédios tradicionais, que nos ajudaram muito na nossa luta contra a covid-19. Desejo paz, alegria, união e força a todo mundo na luta contra o coronavírus. Agradeço aos meus antepassados que deixaram a herança do conhecimento e de plantas medicinais.

Aldzia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 07 de agosto de 2020



Nós seguimos o isolamento na aldeia

LEANDSON ANIKÁ BATISTA

Eu me chamo Leandson Aniká Batista, sou indígena da etnia Karipuna, tenho 25 anos, moro na Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque. Sou acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), Campus Binacional de Oiapoque. Venho aqui, através deste relato, falar um pouco sobre a covid-19 e de como ela afetou toda a população da nossa aldeia. No início, quando o vírus surgiu na China, não me preocupei de imediato, pois o Brasil fica do outro lado do mundo, mas não demorou muito e a covid-19 chegou ao Brasil, não duvido nada que tenha chegado primeiro no Amapá, devido a Fronteira com a Guiana Francesa.

Quando os primeiros casos apareceram no Amapá, de imediato os líderes das comunidades indígenas se mobilizaram para alertar os membros das comunidades a não saírem das suas aldeias. As lideranças, junto com as comunidades, optaram por fechar o ramal do Manga, que dá acesso à cidade. É importante lembrar que muitos parentes indígenas se mobilizaram para divulgar vídeos de prevenção contra a covid-19.

Nesse momento de grande incerteza, eu, junto com minha família e os demais membros da comunidade do Manga, acompanhamos e segui-

mos as etapas de isolamento na aldeia. No dia 12 de maio, após o dia das mães, o meu querido tio, Manoel Aldo, que tinha diabetes, começou a passar mal, com falta de ar, teve que ser encaminhado para o Hospital de Oiapoque. Eu e o genro dele, Edson Martins, acompanhamos sua transferência para a cidade. Lá tivemos que nos revezar no hospital para cuidar do meu tio, foi um momento de muito sofrimento e tristeza, meu tio estava muito doente e eu não podia fazer muita coisa, apenas cuidar dele.

No dia 17 de maio o meu amado tio veio a óbito com suspeita de covid-19, eu fiquei sem chão, chorando muito e lembrando dos bons momentos que passamos do seu lado. Após tudo isso o coronavírus passou a circular na Aldeia Manga, muitas pessoas começaram a adoecer. Diante disso que ocorreu em minha família trago hoje um alerta para toda a população indígena e não indígena se prevenir e cuidar dos seus entes queridos, pois essa doença não veio para brincar, mas sim acabar com a vida das pessoas.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 06 de agosto de 2020



A gente continua se protegendo

PEDRO DOS SANTOS

Olá, eu me chamo Pedro dos Santos, tenho 43 anos, moro na Aldeia Manga e pertencço a etnia Karipuna. Eu moro aqui há mais de 30 anos, nessa aldeia. Eu cheguei a fazer o Curso de Agente Ambiental e eu também acabei o meu Ensino Médio completo e o meu Ensino Fundamental também, e hoje eu continuo fazendo o Curso de Agente Ambiental porque falta a gente receber a nossa certificação ainda, e é uma área que eu gosto muito de estudar, sobre a questão ambiental e a preservação da natureza.

Bom, então, esse ano de 2020, quando deu na rádio e nos jornais sobre a doença do coronavírus, a gente ouviu pela televisão, pelo rádio, ouviu que era uma doença muito perigosa e, principalmente, que não tinha

remédio. Isso trouxe uma preocupação muito grande para mim, e quando teve o primeiro caso aqui no Manga, que foi quando o teste do Wagner deu positivo, logo vieram as medidas do nosso cacique. Foi feita reunião para a orientação sobre a doença, eu tinha uma preocupação muito grande porque sou um pai de família, eu tenho meus filhos, eu tenho minha família, mas tenho certeza que a preocupação era de toda a comunidade do Manga.

Quando adoeci eu não tive muitos sintomas, ela não chegou com aqueles sintomas fortes, como em outras pessoas, que costumam ter febre, dor de cabeça, vômito, mas eu não senti esses sintomas. Primeiro foi a minha esposa que sentiu os sintomas, deu uma pressão alta de uma hora para outra, ela foi sentindo aquela pressão subindo. Depois desse dia que ela sentiu essa pressão alta ela já sabia, ela me disse:

- Olha, eu estou infectada! Eu tenho certeza que eu tenho essa doença!

A gente não tinha mais dúvida que essa doença poderia chegar até a gente, então eu me preocupei muito, mas eu não senti aquele medo, como outras pessoas sentiam aquele medo, porque o coronavírus é uma doença que não tem remédio. Ouvi muita gente dizer:

- Olha, agora eu vou morrer! Eu vou morrer!

Mas quando essa doença me pegou eu não senti aquele medo, porque eu também sou uma pessoa que confia muito em Deus, e eu coloquei a minha vida diante de Deus, eu sempre disse:

- Temos que confiar em Deus que tudo vai dar certo!

Minha mulher até brincava comigo dizendo:

- Olha, se eu peguei, tu também vai pegar!

E eu sempre dizia para ela:

- Não, eu não vou pegar não! - mas eu peguei.

Eu fui no mato e tirei caferana, que é uma resina da mata que contém um grau muito alto de amargor, é uma planta que a gente usa muito contra a malária, quando dá aquela malária na gente, a gente usa muito esse remédio contra essa doença. Então eu fui logo pegar o caferana, cozinhei ele, algumas pessoas cozinham a folha, mas eu não, eu cozinho é o tronco dele mesmo! A casca eu peguei e cozinhei, fiz daquela resina um chá para tomar, e eu tomava o chá na parte da manhã e na parte da tarde, a quantidade que eu tomava era 5ml, porque é bem forte, então

eu tomava 5ml por dia, 2 vezes ao dia, era assim que eu tomava. Eu acredito que isso também que me protegeu dessa doença.

Depois de um mês e meio, quase dois meses é que eu vim a sentir uma pressão alta, uma palpitação de coração forte, e isso era umas sete horas da noite, eu senti que minha pressão subiu, meu corpo tremia todo e o coração com palpitação, esse foi o sintoma que eu senti, nesse momento eu já sabia que eu estava infectado com essa doença perigosa. Eu continuei tomando o remédio, que era o chá de caferana, também um outro remédio que eu tomei foi um que desinflama, porque em alguns momentos eu sentia o meu estômago como se estivesse ficando inchado, e então eu fazia o chá da erva para desinflamar e eu tomava. Depois que eu tomava parecia que acalmava aquele inchaço que eu sentia. Então, basicamente, foi esse remédio que eu usei, lá em casa utilizamos mais esse remédio, essas duas plantas.

Agora, em relação as crianças, somente alguns dos meus filhos sentiram sintomas. A Franceli não sentiu nenhum sintoma, não deu gripe, não deu febre, não deu essas coisas, não sentiu nenhum sintoma. O outro meu filho, que é o Simão, ele não sentiu nenhum sintoma, já os outros três sentiram sintomas. As minhas duas filhas sentiram sintomas de vômito, tiveram um dia de vômito, e isso foi só. O Alessandro sentiu três dias de dor de cabeça, deu náuseas, ficava querendo vomitar, mas ele não chegou a vomitar, só aquela dor de cabeça que deu nele. Então, eu acredito que já era a doença também né, porque nós já estávamos infectados. Eu também acredito que eu não senti muito os sintomas por causa do remédio que a gente começou a tomar. A gente sabe que a natureza oferece muitos remédios fortes para a gente e a gente foi se protegendo dessa forma.

Agora tem os cuidados que a gente teve em relação aos produtos da dispensa que a gente consumia em casa. Quando a gente comprava na cidade trazia para casa, antes de entrar com os produtos dentro da casa a gente lavava com sabão. Na verdade, eu não usei o álcool em gel, eu não cheguei a usar o álcool em gel, sei que tinha a recomendação de usar o álcool em gel, passar em cima, para passar na mão e em tudo aquilo que tu ia pegar tinha que passar álcool em gel, mas eu não usei o álcool em gel, eu usei diretamente o sabão, eu pegava todos os produtos e lavava com sabão, lavava bem com sabão.

A máscara também né, a gente utilizou bastante, mesmo depois que já estava com a doença. A gente utilizou sem querer, porque a gente não estava acostumado, mas a gente teve que usar a máscara e eu acredito

também que tudo isso era uma proteção. A máscara a gente utilizava em um dia e quando chegava à tarde a gente lavava nê, para que pudesse secar e no outro dia utilizar novamente, porque a gente sabe que isso é um vírus, que ele permanece onde você pega e é um vírus perigoso, mas foi dessa forma que a gente foi se protegendo e é dessa forma que continuamos também, a gente continua se protegendo.

Agora, como já minimizou um pouco, a gente já não está mais usando a máscara, mas assim mesmo a gente tem o cuidado de quando chega uma coisa lá da cidade a gente sempre tem aquele cuidado de não deixar as crianças pegarem. Eu até hoje não deixo meus filhos pegar em nada, a gente vai fazer uma compra na cidade e quando chega, às vezes eles correm para cima do biscoito, das coisas, mas a gente diz:

- Não peguem ainda, tem que lavar primeiro tudinho para que vocês possam utilizar.

Então foi dessa forma, até hoje a gente continua se protegendo, a gente não sabe o grau que essa doença tem, a gente não tem o conhecimento sobre ela, mas eu deixo aqui também um recado para todos, que não deixem de se prevenir, não é só porque talvez ela minimizou um pouco que a gente vai ter o descuido e não ter o cuidado de usar também a máscara, de lavar as mãos e usar o próprio álcool em gel, porque essa é uma doença perigosa e a gente não tem o conhecimento do grau de perigo dela, ainda não foi descoberta uma vacina, algum remédio que possa trazer uma cura para a gente, não só aqui no Brasil, mas também em todo o mundo.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil | 07 de agosto de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Bateu um temor pela gravidade

LUCIANA SANTA ROSA

Olá, meu nome é Luciana Santa Rosa, sou indígena da etnia Galibý Marworno, enfermeira pelo DSEI (Departamento Sanitário Especial Indígena) Amapá e Norte do Pará, Pólo Base Kumenê, e atendo mais 11 aldeias adjacentes: Flexa, Typoka, Massyká, Tawary, Urubu, Mangue, Amommi, Puwtykety, Kwykwyty, Kamuywá e Yanawá. Faço parte de uma equipe de 5 pessoas composta por médico, técnicos de enfermagem e agente de endemias, atualmente atendemos uma população de 2.194 pessoas, uma média de 15 a 20 atendimentos por dia em uma escala de 20 dias, podendo variar conforme a coordenação.

O período de pico da covid-19 ocorreu, na área em que atuo, do fim de maio à junho. Confesso que, logo no primeiro momento, bateu um temor pela gravidade da doença e que chegaria aos povos indígenas. Fiquei com medo do índice de mortalidade, que não ocorreu como eu temia, graças à Deus. Já tenho um carinho muito grande pela comunidade e parentes da etnia Palikur.

Ocorreram muitas ações de controle e combate à doença nas comunidades, vinculadas ao Governo do Estado do Amapá, município do Oiapoque, SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) e ao Iepé (Instituto de Pesquisa e Formação Indígena), ações essas que impediram o índice de mortalidade que eu tanto temia. Foram utilizados durante esse período os conhecimentos da medicina tradicional, com a preparação pelos indígenas de chá e xarope de ervas, acredito que isso foi crucial para o controle e não agravamento de muitos pacientes. Ao todo, foram 187 notificados com covid-19 no pólo que atuo, todos tiveram acesso ao tratamento e suporte para a recuperação, o que ocorreu até o momento. Me sinto realizada profissionalmente por estar em um lugar tão lindo e rico culturalmente, e que ainda mantêm memórias dos antepassados, como os artesanatos característicos da etnia Palikur, além de poder ter contato tão próximo com a natureza.

Fui acometida pela covid-19 em junho. Como a maioria dos profissionais de saúde do país fui afastada das minhas funções por 20 dias, realizei

todo tratamento em isolamento domiciliar no Oiapoque, utilizei da medicina tradicional, e o amor de minha mãe me recuperou e curou também. Senti, por dois dias, uma febre muito forte que chegou aos 40 C°, cefaleia, fraqueza, mialgia, tive que fazer uso de anticoagulantes, pois desenvolvi início de trombose. Ficaram sequelas, ainda tenho muita fadiga e algumas dores, porém estou bem, espero me recuperar com o tempo. Fiquei preocupada com a minha família, mas nenhum membro apresentou sintomas da covid-19 até agora, tive o carinho de muitos amigos e colegas de trabalho que me ajudaram muito na recuperação.

Hoje estou no trabalho novamente e agradeço muito a Deus pela oportunidade de poder voltar aqui e continuar meu ofício que tanto amo. Minha meta é somente ajudar o próximo, cuidar de outro ser humano não é uma obrigação para mim, pelo contrário, quero fazer isto até o fim da minha vida. “Cuidar é quando você não me vê apenas como um doente, e assim me ajuda a viver”. “Cuidar é quando você me faz sentir especial, embora eu seja como as outras pessoas que também são” (Manual de Atenção à Saúde da Criança Indígena Brasileira, 2004).

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 11 de agosto de 2020



Meu pai não resistiu à agressão desse vírus

EDERVAN FORTE DOS SANTOS

Eu me chamo Edervan Forte dos Santos, sou Karipuna. Quando ouvi as notícias sobre a covid-19 imaginava que isso nunca iria chegar aqui, que era uma realidade muito distante da nossa, foi então que os jornais começaram a mostrar os casos que estavam aumentando muito na França e os números de mortes diariamente por lá, era inacreditável. Como moro na Aldeia Galibi e fica muito próxima da cidade de Saint-Georges-de-l'Oyapock, na Guiana Francesa, e tínhamos muito contato com esta cidade, o cacique começou a chamar atenção para que tomássemos muito cuidado, ele estava pensando em proibir a ida para Saint-Georges-de-l'Oyapock. Meus filhos estavam em Oiapoque por causa da mãe

deles, que estava estudando na UNIFAP (Universidade Federal do Amapá). Eu ia e vinha quase que diariamente entre a aldeia, Saint-Georges-de-l'Oyapock e Oiapoque, decidimos então ir para a aldeia, achamos que lá vamos ficar mais protegidos e proteger mais nossos filhos.

Estávamos tomando todos os cuidados, minha família já não vinha mais em Oiapoque, apenas eu, por causa do trabalho. Quando fazíamos nossas compras passávamos álcool em tudo, quando eu chegava de Oiapoque já tomava logo banho no rio, antes de subir para casa. Quando chegava na aldeia deixava logo as roupas, máscaras e mochila que levava para a cidade no sabão. Fizemos todo o possível para, principalmente, que nossos dois filhos nunca tivessem contato com esse vírus, os casos no Oiapoque só aumentavam e as notícias eram cada vez mais preocupantes, porque já eram nossos conhecidos os infectados. Chegamos a conversar que, quando eu viesse para Oiapoque, ia ficar isolado em um dos alojamentos da comunidade para não pôr em risco meus filhos, foi quando, no dia seguinte, o cacique chegou em casa e falou que o filho dele e outro rapaz da aldeia atestaram positivo para a covid-19.

Eu fiquei com muito medo e nervoso porque eu estava em contato direto com esses dois rapazes, um deles, meu primo, não apresentou sintomas graves, apenas como uma gripe. Eu logo imaginei que estávamos doentes e que iríamos morrer, eu pensava muito no meu pai, que tinha vários problemas de saúde e que nunca poderia contrair esse vírus, porque era um grande risco para a saúde dele, ele estava na Aldeia Espírito Santo e eu sempre falava com ele pelo rádio. Mas, infelizmente, o vírus chegou até meu pai e o meu maior medo aconteceu, meu pai não resistiu à agressão desse vírus e perdemos ele na luta contra esse maldito vírus. Esse vírus encheu a nossa vida de medo, de um vazio inexplicável, nossa vida mudou muito, parece que perdemos a liberdade, quando penso no meu pai me dá um grande vazio, porque não poderei nunca mais ver ele e não pude cumprir todo nosso ritual no funeral dele, não tive a oportunidade de pedir minha última benção dele.

Recebemos um caixão lacrado e não pudemos olhar para ele pela última vez, nossas vidas ficaram mais vazias e agora mais tristes, assim como nosso espírito. Esse vírus não é uma gripezinha, não é um resfriadinho, é muito sério, é uma doença grave e vemos isso todos os dias nas mídias. Continuamos nos cuidando para que a gente continue cuidando das pessoas que estão perto da gente, peço a todos que também continuem com os cuidados para não perdermos mais ninguém.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 12 de agosto de 2020



Essa pandemia ainda não passou

ALDIERE ORLANDO

Meu nome é Aldiere Orlando, sou nativo da região amazônica e pertença ao povo Palikur (Parikwene, na língua Palikur), ao clã Wayveyne, um dos seis clãs originais do povo Palikur. Nossa organização social é em diferentes clãs, como nossos antepassados que viveram há muitos anos – e que vivem ainda em nós, que continuamos as nossas tradições na região do Oiapoque, no Estado do Amapá, no Brasil. Tenho 43 anos. Eu, a minha esposa e as minhas duas filhas – uma com 11 anos e a outra com 9 anos de idade – fomos morar na cidade de Macapá já há alguns anos e ainda continuamos morando na cidade. Estamos em Macapá desde 2005, antes do nascimento de nossas filhas, porém sempre mantemos constante diálogo e contato com o nosso povo até os dias de hoje. Atualmente sou mestrandando da turma de 2019 na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), no Programa de Pós-Graduação em Letras, com ênfase em Linguagens da Amazônia.

Este ano de 2020, precisamente no início do ano, ficamos sabendo por meio de noticiários e outros meios de comunicação a respeito do surgimento de um novo vírus chamado coronavírus (covid-19), que se espalhou rapidamente em muitos países ao redor do mundo, iniciando pela China, onde surgiu, e chegando até aqui no Brasil. Esse vírus apresenta todos os sintomas de uma gripe, mas é mais forte e mais perigoso ainda, causou a morte de milhares de pessoas no mundo todo desde que surgiu, principalmente aquelas pessoas com doenças pré-existentes e também as pessoas idosas. Vimos que no mundo todo as pessoas começaram a ficar amedrontadas.

Os governos de diversos países decretaram medidas de isolamento social e suspenderam os trabalhos para evitar a aglomeração de pessoas e contaminação pelo novo coronavírus, pois não existe ainda o tratamento específico para esse tipo de vírus. No Brasil os hospitais públicos e também privados ficaram lotados, com muitas pessoas doentes que chegavam a todo momento. As pessoas tiveram que ficar isoladas em suas próprias casas, não iam mais visitar seus familiares, evitavam também cumprimentos com abraços e apertos de mãos, as máscaras então se

tornaram obrigatórias em qualquer ambiente social. E quando alguém dava um espirro não se dizia mais “saúde”, como de costume, em vez disso, todos ficavam distantes.

Ficamos sabendo que nossas lideranças indígenas do Oiapoque – ao saberem do perigo que esse vírus vem causando nas pessoas –, reuniram-se e tomaram uma decisão para impedir que essa doença chegasse até às comunidades indígenas. Tanto a saída quanto a entrada dos indígenas para as aldeias foram limitadas. Entravam ou saíam somente as pessoas autorizadas e, mesmo assim, o coronavírus chegou até as aldeias, isso porque nos dias de hoje a realidade das comunidades indígenas – no modos de se alimentar, por exemplo – é bem diferente da realidade de anos atrás, o que obriga as pessoas a irem até a cidade atrás de suas provisões.

Assim, em pouco tempo, após o retorno de suas viagens para fazer compras, as pessoas começaram a ficar com febre nas aldeias; uns apresentavam sintomas bem graves, outros apresentavam sintomas bem leves e, graças ao conhecimento e confiança nas ervas medicinais tradicionais, muitos se curaram em pouco tempo.

Na cidade vimos por um tempo que o dinheiro parecia perder o seu valor. As máscaras pareciam ter mais valor que o próprio dinheiro, pois agora já não se fazia mais compras nos comércios sem o uso de máscaras, devido ao medo de as pessoas se contaminarem. E para nós, da minha família, essa pandemia chegou justamente no momento em que não estávamos mais empregados na cidade. O contrato da educação do Estado, que a minha esposa aguardava ser renovado para este ano, infelizmente, não havia sido renovado por causa da pandemia. Isso nos deixou mais apreensivos, pois esperávamos por isso. Resumindo: o recurso agora é a fé.

Entregamos nossas preocupações nas mãos de Deus para que, se ainda merecermos sua bondade, ele cuidasse de nós nesse momento de dificuldade, e Ele, em resposta, nos surpreendeu com muitas bênçãos: o governo do Estado resolveu pagar automaticamente, em parcelas, a indenização trabalhista do pessoal do contrato temporário do qual a minha esposa fazia parte, eu também fui contemplado com o auxílio emergencial que o Governo Federal liberou para ajudar as pessoas nesse momento de dificuldade, recebemos ainda a alimentação (kit de merenda escolar) das nossas filhas e ainda fui convocado para trabalhar, por contrato temporário, no órgão responsável pela saúde indígena. Tudo foi uma bênção divina para nós e foi possível compartilhar com o nosso próximo essas bênçãos recebidas.

Mas também não escapamos de contrair o coronavírus. Nós temos certeza que a gente contraiu esse vírus, pois sentimos todos os sintomas dessa doença. Felizmente, não foi nada grave o quadro da doença em nós e passou bem rápido. Tomamos muito chá de limão com mel, o que nos ajudou muito. E não passamos dificuldades como havíamos imaginado, graças a Deus.

Creio que todos nós, de alguma forma, passamos por esse momento difícil em nossas vidas durante esse período forte da pandemia do coronavírus, pois alguns de nós, nossos parentes indígenas, não resistiram e morreram lutando contra essa doença, não podendo assim contar também suas histórias que enfrentaram durante esse meio ano que já se passou. Esse surto de covid-19 só nos deixou saudades pelos nossos entes queridos que não podem ser esquecidos tão facilmente. Mas seguimos firmes, sem esmorecermos.

Aprendamos com as nossas dificuldades e fraquezas e sempre busquemos viver em amor, uns com os outros, quando em vida, pois esse amor, cujo Deus é o autor, é que nos dá forças para enfrentarmos as adversidades da vida. E lembrando que essa pandemia ainda não passou. Vamos nos cuidar para evitarmos o pior, seguindo as recomendações das autoridades e profissionais da saúde quanto às aglomerações de pessoas e uso de máscaras todas às vezes que sairmos de casa. Deus abençoe a todos. O Senhor confortará os corações de vocês das angústias que nesta época passamos. E que essa pandemia não venha impedir de continuarmos sonhando e lutando para melhores dias para os nossos familiares, nossos povos aqui e em todo o mundo.

Macapá, Amapá, Brasil \ 10 de agosto de 2020



Tenho fé que esse susto e terror vão passar

MARQUILINE NARCISO FELÍCIO

Olá, eu me chamo Marquiline Narciso Felício, tenho 38 anos de idade e sou do povo Palikur-Arukwayene. Eu morava na Aldeia Kumenê, hoje moro aqui em Saint-Georges-de-l'Oyapock, que fica no rio Oiapoque, que faz fronteira com a Guiana Francesa. Antigamente eu era professora na Aldeia Kumenê, hoje eu trabalho com artesanato, sou membro da Associação Matap Esperance.

Foi muito difícil para mim quando o vírus chegou, soube logo pelas publicações no Facebook que tinha uma doença forte, que saiu da China e que matou muitas pessoas. Continuei pesquisando na Internet para saber qual tipo de doença, era esse vírus que chamaram de novo coronavírus. Comecei a assistir jornal aqui na minha casa todos os dias às 19:30 da noite. Fico direto na frente da televisão, vi várias reportagens sobre a nova doença, comecei ficando com medo, porque disseram que essa doença se espalhou muito rápido no mundo inteiro, e realmente aconteceu, o vírus contaminou o mundo inteiro.

Fiquei com medo, pensei logo na minha família, sou mãe de 4 filhos, sou avó de uma neta. Também pensei na minha mãe, pois ela já tem 63 anos e também é diabética, meu pai também já tem uma certa idade, fiquei e ainda fico muito preocupada com eles. Depois, quando soube pelos noticiários que o coronavírus chegou em Cayenna, fiquei com mais medo ainda, fiquei angustiada e preocupada, queria sair daqui da minha casa com meus filhos, queria ir para minha aldeia. Comecei a falar com meus filhos para ir embora, aconselhei eles, mas logo depois ouvi outras notícias, o vírus já tinha chegado no Oiapoque, não tinha mais como fugir!

Pensei na minha mãe, comecei a mandar mensagens para minha sobrinha, para saber como minha família estava, se estavam doentes ou não. Quando avisaram que a covid-19 já estava na Aldeia Kumarumã, a primeira aldeia indígena contaminada no Oiapoque, a preocupação tomou conta de mim, comecei a tentar a me comunicar com a minha família de novo, para avisar que o vírus já estava na Aldeia Kumarumã, já estava perto da nossa Aldeia Kumenê. Passou mais duas semanas, foi

quando mandaram a notícia para mim – pelo whatsapp – que o vírus já tinha chegado no Kumenê. Eu chorei, comecei a implorar:

– Meu Deus, não faça essa maldita doença levar a minha mãe de mim!

Fiquei direto na internet para saber notícias dos meus pais. Fiquei em casa, de vez quando eu ia na roça, mas fizeram uma barreira para não irmos mais lá. Comecei a chorar, ficamos isolados em casa, preocupados com minha mãe, não sabia como ela estava. Não foi fácil, não para mim, ficar tão longe da família, mas foi preciso manter esse distanciamento, eu sabia que na aldeia ela estava no meio da nossa gente, sabia que tinham seus remédios tradicionais, sabia que ela não estaria abandonada lá.

Graças a Deus os meus pais estão bem e a minha família também, tenho fé que esse susto e terror vão passar, desejo que todos fiquem bem, estou aguardando para poder reencontrar meus pais de novo e sentir o calor dos seus abraços.

Saint-Georges-de-l'Oyapock, Guiana Francesa | 13 de agosto de 2020



Sem os profissionais da saúde seria pior

NAIR BATISTA FELÍCIO

Meu nome é Nair Batista Felício, tenho 34 anos, sou indígena Palikur-Arukwayene, da Aldeia Kumenê, Terra Indígena Uaçá. Atualmente moro no município de Oiapoque, mas toda minha família mora na Aldeia Kumenê. Entre 2011 e 2016 cursei a Licenciatura Intercultural Indígena, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional do Oiapoque. No ano de 2018 passei a cursar Enfermagem, ainda estou cursando, mas com o surgimento do novo vírus o nosso curso está com as atividades suspensas, para que não haja aglomeração nas salas e também para nos protegermos do coronavírus.

A primeira notícia, a primeira vez que ouvi falar sobre o coronavírus (covid-19) foi através da TV, Facebook e grupos de Whatsapp. As notícias

mostravam tantas mortes causadas pelo coronavírus que fiquei assustada, porque não eram poucas pessoas que já tinham morrido. Acompanhando as notícias vi que o vírus vinha se aproximando. E o vírus estava se espalhando rapidamente em todos os países, nem demorou muito tempo e chegou ao Brasil, foi passando pelos estados e municípios.

Comecei a ficar mais preocupada ao pensar que a nossa população Palikur-Arukwayene é pouca, então, se esse vírus chegasse no município de Oiapoque seríamos prejudicados. Sabemos que o nosso município de Oiapoque tem uma situação precária em relação à saúde.

Quando o vírus chegou no município de Oiapoque a minha preocupação foi aumentando cada vez mais, pensando em nós, indígenas, porque somos acostumados a viver em coletivo, junto a família e amigos. Trabalhamos sempre em mutirão, viajamos no barco com a família e parentes, não temos costume de usar máscaras e álcool gel. Sem orientações dos profissionais da saúde para nos ensinar a se prevenir do vírus seríamos mais prejudicados e contaminados por esse vírus.

Algumas pessoas são hipertensas, diabéticas e do grupo de risco, uma delas é a minha mãe. Falei com minha família, orientei sobre como se proteger do vírus, pedi para conversarem com a nossa mãe, para ela ficar na aldeia em isolamento. Eu não podia ficar na aldeia porque no município de Oiapoque o vírus já havia se espalhado, tive que me manter isolada em casa, no Oiapoque, mas me comunicava com a minha família através da internet. Depois soube que o vírus já tinha chegado na Aldeia Kumenê, fiquei preocupada com a minha mãe, e quando a minha irmã falou que ela estava doente o desespero veio, mas já tinha ouvido falar do chá que fez muitas pessoas melhorarem dessa doença, planta que não tinha mais na aldeia. Comprei aqui no Oiapoque, mesmo sem ter dinheiro, mas para comprar dei um jeito, comprei e mandei para ela, assim ela melhorou.

Hoje a minha mãe está bem e também estamos bem. Agradeço hoje a Deus por ter nos dado sabedoria para termos esse conhecimento, para fazermos remédios de chá e curar as pessoas. Sinto falta da família, dos amigos e também dos estudos, quero terminar o meu curso e trabalhar com o meu povo Palikur, orientado eles a como se proteger de várias doenças.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 13 de agosto de 2020



Ficou difícil lidar com os parentes indígenas

DALSON DOS SANTOS

Meu nome é Dalson dos Santos, tenho 35 anos, sou da etnia Karipuna, sou graduado pela Universidade Federal do Amapá no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, agora eu estou fazendo a pós-graduação, também pela Universidade Federal do Amapá, no Curso de Estudos Culturais e Políticas Públicas. Vou falar um pouco dessa doença que hoje atingiu o mundo todo e a gente tem um pouco de dó de falar. Nós, como liderança indígena, representando 57 aldeias, a gente fica um pouco triste sobre o que aconteceu, mas estamos aqui para dialogar, conversar, falar um pouco da nossa história.

Enfrentar essa pandemia, para nós, lideranças, foi um pouco difícil, principalmente eu, que fiz uma cirurgia no mês de março, cirurgia da vista, do olho do lado direito. Logo que cheguei ouvi no jornal a situação dessa doença, que muita gente estava morrendo. A gente logo pensou em organizar a nossa comunidade, a gente tem um ramal de 6 Km, da BR-156 até a Aldeia Manga. No início do ramal é o Km-18, lá tem um Centro de Formação, no Km-18 tem uma guarita e um portão que dá acesso a nossa Terra Indígena Uaçá. No Centro de Formação do Km-18 a gente trabalha com o CCPIO, eu sou Vice-Coordenador do CCPIO, que quer dizer Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque. Eu também sou coordenador da AIKA, que é a Associação do Povo Indígena Karipuna.

Com essa doença a gente sofreu muito, o impacto foi muito grande dentro da terra indígena, principalmente da minha Aldeia Manga, que fica apenas 24 Km da cidade do Oiapoque. Então, quando o coronavírus chegou na minha comunidade todo mundo ficou desesperado, montamos logo regras rígidas dentro da nossa comunidade, só podia ir uma família para fazer compras nos comércios que tem dentro da aldeia, tudo de máscara... Todo dia a gente ia para o Km-18, eu e o Cacique Gilberto laparrá, junto com o professor Rosinaldo, Josieldo, Eudely, Priscila, nós tínhamos uma equipe para atuar contra o coronavírus.

Da nossa equipe o primeiro que adoeceu fui eu. A gente estava em casa e comecei a sentir uma gripe, uma gripe forte, aquela dor no peito, dor de cabeça, febre, mas eu não desanimei, eu fiquei firme e forte olhando a

minha família. Eu moro com os meus avós e eles são idosos, eu fiquei com muito medo porque eu estava todo dia no Km-18, na barreira sanitária que a gente montou, todos os dias a gente estava lá, recebia as pessoas, com isso a gente estava cada vez mais ficando doente...

A doença chegou assim, meio crítica na nossa comunidade. Eu posso dizer que quando eu peguei essa doença, o coronavírus, eu fiquei muito acabado mesmo, eu senti muita dor na cabeça, no peito, eu senti falta de ar, pensei até que iria morrer. Quando eu ia dormir não conseguia dormir, ficava sentado na cama, rezava para Deus me livrar dessa doença. Eu sentia os sintomas, mas eu não fiz o teste logo, eu tomava remédios, tomava paracetamol e nimesulida para ver se eu melhorava mais... Ai, nisso, foi cada vez agravando em mim a doença, e eu todo dia indo de máscara para o Km-18, começava a tossir perto dos parceiros, mas sempre de máscara, aí foi que eu não aguentei e falei para o Cacique Gilberto:

- Eu não aguento mais, eu vou me retirar do grupo e permanecer em casa que eu estou com muita falta de ar!

Teve um dia que eu cheguei em casa a tarde e falei para a minha esposa que eu não estava aguentando mais a falta de ar, já estava muito forte, que eu precisava ir ao hospital. Ai eu fui, o doutor Rafael me atendeu, junto com a enfermeira Jô. Ele logo me colocou como suspeita de coronavírus, não fiz o teste, eu fui fazer o teste em Macapá. Quando eu cheguei em Macapá eu fiz o teste, e testou a doença já depois de 15 dias que já tinha passado os sintomas, mas aí eu sofri muito, minha família toda pegou. Meu avô e minha avó, graças a Deus, não pegou forte neles e a gente foi se tratando com chá, caferana, alho, limão, mel e tudo que eles ensinavam. A gente se cuidava mas a gente já não sentia nem gosto da comida, nem cheiro, perdi o paladar, perdi o olfato, tudo isso foi acontecendo comigo dentro da minha aldeia, então a gente sofreu muito.

Logo depois o Cacique Gilberto passou ruim também. Eu ficava sempre orientando o meu avô, minha avó, minha esposa, meus filhos, dizendo que essa doença iria passar, que era para tomar nossos remédios. Esses remédios são ruins, muito amargos, mas assim mesmo a gente tomava. Com isso foi tudo melhorando, eu sempre falando para a gente não desistir e se alimentar, porque a doença não queria que a gente se alimentasse, mas se não se alimentar fica cada vez mais fraco. A gente tentava comer o pouco que a gente podia, sem sentir gosto, sem sentir cheiro, era difícil. Meu avô doente, minha avó doente, minha esposa doente, isso foi aumentando a preocupação em casa, o desespero.

No meio disso tudo ficou difícil lidar com os parentes, com os nossos parentes indígenas que não aceitavam e queriam voltar para a cidade. A gente controlava o portão, regulava os horários, regulava a saída e a entrada, para ninguém sair, mas vinham as críticas em cima da gente, e a gente lá, aguentando, até hoje né, ainda é assim. Agora, graças a Deus, estamos melhor, mas foi difícil, muito difícil para a gente que é liderança ficar lá na frente, e todas as aldeias queriam ir para a cidade. Fizemos vários projetos pelo lepê, AMIM (Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão) e AIKA, conseguimos várias ajudas de parceiros, da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) também. Assim a gente conseguiu minimizar um pouco a questão da saída do Km-18.

Mas foi ficando difícil, cada vez mais difícil, cada pessoa da nossa equipe foi adoecendo, e a nossa equipe foi diminuindo, até que, no final, ficou só o Eldely e o professor Rosinaldo, vice cacique da Aldeia Manga. Eles ficaram até o final e a gente teve que se afastar, mas sempre orientando nosso povo, nossa comunidade, dizendo que a covid-19 não é uma doença que se brinca, ela veio para acabar com todo mundo, porque ela não escolhe classe, se é rico, pobre, classe média, classe baixa, índio, preto, branco. Ela veio para destruir mesmo e, graças a Deus, nós, da Aldeia Manga, conseguimos minimizar os efeitos dessa doença.

Foi difícil, para nós lideranças, enfrentar essa covid-19. Logo nos primeiros casos que surgiram, nossa comunidade ficou preocupada, encaminhamos vários documentos pedindo apoio dos bombeiros, pedindo apoio da Secretária dos Povos Indígenas, que é a professora Eclêmilda, da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), na pessoa do João Vilhena e da Maria Alice, que sempre nós representaram muito bem e conseguiram mandar medicamentos para a gente, mandar fazer uma limpeza geral nos locais públicos da comunidade.

Perdemos três pessoas da nossa comunidade, mas graças a Deus conseguimos minimizar essa doença dentro da nossa comunidade. A gente trabalha com 57 aldeias e não é fácil um cacique chegar em todas. Quando uma pessoa chegava pedindo autorização para sair, para ir na cidade, a gente não autorizava, infelizmente a gente não podia fazer isso. A gente conseguiu aguentar 60 dias sem a doença entrar na aldeia, mas quando entrou, entrou para destruir tudo e foi muito difícil para nós, principalmente essa falta de ar que dava na gente, quando ela me pegava, ela só faltava me sufocar muito, pedia a Deus que me ajudasse para que eu superasse e conduzisse o meu povo para superar essa

doença, e eu me cuidei muito, fiquei em repouso mais de 15 dias, fiquei isolado na minha casa, só eu e meus familiares, só saíamos para comprar alguma coisa no comércio.

Na minha aldeia o Cacique implementou uma lei que a gente só poderia sair se fosse de máscara, então foi ruim esse tempo que passamos doentes, março e abril foram tempos difíceis mesmo, mas maio foi ainda mais ruim, a gente sofreu muito, principalmente nós, lideranças, porque tinha a doença e também tinha a pressão dos parentes. Mas nós estávamos com a cabeça fria, erguida, nós não desistimos de proteger o nosso povo. A gente tinha que tomar essa decisão de bloquear a saída para a cidade, era uma forma de defender e proteger o nosso povo da doença.

Graças a Deus deu tudo certo, agradeço os projetos, os apoios, as parcerias para proteger o povo. Nós, lideranças, estamos para isso, para lutar pelo nosso povo, defender no que for possível para a melhoria dos povos indígenas do Oiapoque. Nesse momento estamos tentando organizar a casa, como diz o não indígena, tentando articular as nossas reuniões para ajudar o nosso povo, para a gente melhorar e ter uma boa educação, uma saúde de qualidade. Costaria de agradecer a todos os caciques que contribuíram com a gente na barreira sanitária do Km-18, ao meu Cacique Joselito gostaria de dizer que ele foi um guerreiro, ficou com a gente até o fim, ele e a família adoeceram e ele se afastou.

Então é isso, deixo aqui meu relato, foi essa situação que nós passamos nesses meses de pandemia e agora estamos tentando organizar. O CCPIO está ali, no Km-18, para o diálogo. Eu e o Cacique Gilberto estamos à disposição para todos que chegarem, continuamos fechados, não permitimos a entrada de ninguém, só os indígenas que vão lá na cidade rapidinho, com aquela regra de chegar e voltar. Eu, como CCPIO, só tenho a agradecer aos caciques que conseguiram controlar na sua aldeia, mesmo com tanta dificuldade, o meu muito obrigado e um grande abraço a todos!

Aldeia Manga, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil | 13 de agosto de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Internei, transferi, tratei, dei alta e perdi pacientes

YARA AYLLYN DOS SANTOS

Me chamo Yara Ayllyn dos Santos, sou indígena da etnia Karipuna, 32 anos, atualmente moro em Oiapoque e trabalho como médica no Hospital Estadual de Oiapoque. Hoje somos a única porta de entrada para pacientes de média e alta complexidade do município, que atende – além da cidade de Oiapoque – as vilas próximas, populações oriundas da Guiana Francesa e uma população indígena local de aproximadamente 8 mil indígenas.

A pandemia teve início aqui em março, porém, como médica, já acompanhava desde o início o percurso da epidemia do novo vírus em outros países, seus tratamentos, seus acometimentos, até a mesma tornar-se pandemia. Era um vírus novo, com muitas perguntas na medicina para serem respondidas e estudadas.

A chegada do vírus no município era algo preocupante para nós, profissionais da saúde, porque sabíamos da nossa realidade. Mais preocupante do que a chegada da doença na região era a entrada do coronavírus nas áreas indígenas. Fui criada desde recém nascida na Aldeia Santa Izabel, conhecia a realidade das aldeias e da saúde indígena no Estado, sabia que ninguém estava preparado.

Sou mãe de três meninas e passo muitas horas e dias no hospital, precisava mantê-las em segurança. Decidi deixá-las aos cuidados dos meus pais, na aldeia, durante os meses que se mantivesse o pico da doença. E assim ocorreu.

Apesar de ser cardiopata e estar no grupo de risco decidi me manter na linha de frente para o suporte médico no hospital, pois alguns colegas afastaram-se. A decisão era pelos meus pais, que poderiam precisar de mim, meus familiares e meus parentes indígenas. Foi a melhor decisão. Solicitei desligamento de outros vínculos para me dedicar somente a região de Oiapoque.

A pandemia chegou no município e nas áreas indígenas e lá eu estava para dar o suporte dos idosos, gestantes e crianças. Os dias se passaram e quando me dei conta passava dias e dias dormindo no máximo 3

horas por noite, muitas vezes ficava sem dormir, usava a hora do almoço para cochilar e, assim, continuar os plantões.

Chegaram no hospital tios, primos, familiares, rostos conhecidos e desconhecidos, preocupados com sua vida ou com a vida de seus entes queridos. Assim como muitos profissionais da saúde iniciei os trabalhos na telemedicina, prestando suporte médico de forma virtual aos acometidos pelo vírus. E assim, além dos plantões, tinham as infinitas mensagens no celular de pacientes precisando de ajuda.

A pandemia me deu momentos únicos que me revigoravam em meio ao caos, desde os pacientes desconhecidos até os colegas médicos, enfermeiros e funcionários do hospital, assim como indígenas que eram acometidos pelo vírus e vinham de todas as aldeias. Em certo momento nossa maior demanda no hospital era das populações indígenas, chegavam em estado muito grave, após dias de doença, com muito comprometimento cardiopulmonar ou renal. Internei, transferi, tratei, dei alta e perdi pacientes, sempre dando o melhor de mim como ser humano e médica. Me dei ao trabalho de sempre cobrar do Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena (DSEI) medidas preventivas e de suporte básico para que assim pudéssemos ter um controle do vírus dentro das aldeias.

Em certo momento fui acometida pelo vírus, sintomas leves, meu organismo reagiu melhor do que eu esperava, apesar da cardiopatia. Os meses se passaram e muita coisa mudou, muito aprendizado adquirido depois de dias e meses de uma luta travada para salvar vidas, muitas lágrimas derramadas, um sorriso em cada alta hospitalar, uma sensação única de estar no lugar certo e no momento oportuno.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 18 de agosto de 2020



A resiliência do Movimento Indígena

KLEBER LUIZ SANTOS DOS SANTOS

Olá, meu nome é Kleber Luiz Santos dos Santos, mais conhecido como Kleber Karipuna, sou indígena do povo Karipuna, lá da Aldeia Santa Izabel, na Terra Indígena Uaçá, que fica localizada ali no extremo norte do Brasil, na Fronteira com a Guiana Francesa, no município do Oiapoque, no estado do Amapá. Hoje tenho 42 anos de idade e graças a Deus, e com muito orgulho, desses 42 anos, 21 anos foram dedicados ao Movimento Indígena, desde a minha região local, no Oiapoque, participando do Movimento Indígena localmente, depois a nível Amazônico, a nível nacional e também contribuindo no debate indígena a nível internacional.

Hoje estou morando na cidade de Brasília, estou morando em Brasília por questões de estudo, fazendo Mestrado na Universidade de Brasília (UNB), e também trabalhos do Movimento Indígena, estou atuando na COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e também na APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), que são duas instituições que estão fazendo um trabalho muito significativo nessa questão da pandemia.

Falar dessa questão da pandemia é doloroso por conta da perda de muitos parentes indígenas, conhecidos, lideranças e, enfim, pela perda também de familiares próximos. Mas, também, falar dessa pandemia é falar de um processo de resiliência, tanto pessoal como do próprio Movimento Indígena. A gente tem essa característica de conseguir se reinventar nesses processos de luta e de batalha, e nesse contexto não é diferente. A COIAB e a APIB estão atuando muito, estão atuando firmes com suas movimentações de base e de lideranças indígenas para tentar, de alguma forma, combater esse coronavírus.

Nessa situação que estamos vivendo, logo no começo, o trabalho era para evitar que esse vírus chegasse nas aldeias, nas comunidades. Infelizmente chegou, e agora é um trabalho de dar continuidade para que essa chegada não seja com um número grande de indígenas infectados, e que Deus nos livre também de ter tantas pessoas e indígenas mortos nesse processo da pandemia. Agora também é um trabalho de tentar

ajudar na cura, tentar ajudar nos processos junto com o Estado, seja o Município, o Estado ou o Governo Federal. Nosso trabalho é tentar ajudar o máximo de povos, pessoas e comunidades a combater esse vírus nas comunidades indígenas.

Como disse, o trabalho do Movimento Indígena está sendo importante, e a gente faz parte desse processo, estamos fazendo parte desse processo de combate e também de ajudar os parceiros, pessoas, instituições nacionais e internacionais que estão trazendo todo o conforto e apoio, seja financeiro, seja pessoal ou humanitário, mas apoio para ajudar os povos indígenas no Brasil, especialmente na Amazônia, que é minha região, e também no estado do Amapá, norte do Pará, e ali na minha região do Oiapoque. Então nosso trabalho é, de alguma forma, trazer algum apoio para as comunidades nessa situação, e a gente está, de alguma forma, conseguindo contribuir nesse processo. Então, o trabalho nosso mais a nível nacional está se dando nesse contexto relacionado à pandemia do coronavírus.

Falar sobre a pandemia, como eu disse, é um processo doloroso também, apesar de que, logo lá no começo, eu estava muito preocupado com esse vírus chegar nas aldeias, mas até então estava controlado, até então estávamos conseguindo, dando um tempo ainda para evitar isso, junto com as lideranças de base. Mas, infelizmente, o vírus chegou!

Eu fui me dar conta em relação a carga de letalidade desse vírus quando o meu sogro foi contaminado e, quase um mês após ele ter sido infectado, ele veio a óbito. Ele esteve hospitalizado por 27 dias, foi internado na UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), passou por todo um processo de intubação e de sedação, de tratamento. Era uma angústia diária, e isso tocou na minha esposa, era mais dolorido ainda para ela. A gente não se concentra para trabalhar, você não se concentra para fazer nada! Tinha todo um esforço que eu estava fazendo em conjunto com os colegas dos movimentos, das organizações, fazendo um trabalho de buscar o máximo para os povos indígenas e você é pego de surpresa, tendo uma pessoa muito próxima sua, da família, sendo infectado e vindo a óbito.

Foi aí que me dei conta da periculosidade desse vírus, passamos por dias difíceis junto com minha esposa, nesse processo de tentar entender e, enfim, de tentar, de alguma forma, saber o que fazer, tentar aceitar a perda... Depois a notícia de vários outros indígenas contaminados, a chegada de notícias de lideranças indígenas de expressão nacional e internacional vindo a óbito também: Paulinho Paiaká, uma grande liderança

do povo Kaiapó, dos povos indígenas do Brasil, que foi infectado e veio a óbito; a professora, dona Bernardina, lá de Roraima, também morreu. Lá no nosso Amapá mesmo, perdemos o meu tio, uma grande liderança do movimento indígena no município, no Estado do Amapá, Fernando Forte, servidor da Saúde Indígena, lutador, guerreiro, infelizmente veio a óbito nesse processo da pandemia.

As coisas parecem meio que desabar nesse contexto, e você fica, às vezes, meio sem rumo, sem chão para enfrentar tudo isso. Graças a muita força familiar, muita força de colegas do trabalho, do movimento, das lutas, graças a ter amigos e amigas que viveram o processo e estão vivendo o processo de depressão... tem a história da resiliência... que é você, pessoalmente, tentar ao máximo se manter sereno e buscar força para ajudar outras pessoas do seu próprio trabalho, pessoas que estão fazendo o processo junto com você ali, de luta diária, tentando ajudar de alguma forma.

É muito triste, muito doloroso, mas o tempo chega e a gente tenta se reinventar e tirar forças para continuar com essa luta, continuar esse processo de ajuda, de defesa, de ajuda humanitária junto aos povos indígenas. Eu queria dar esse depoimento mostrando que estávamos sob liderança de movimentos indígenas, temos todo um processo de luta no movimento, de resistência, mas também sofremos muito nessa pandemia e estamos ainda sofrendo por não saber quando isso vai parar e o quanto que nós vamos ainda perder. Deus queira que não muito, mas o quanto que vamos perder ainda de pessoas indígenas, homens, mulheres, grandes lideranças?

Que Deus proteja todos nós e que nos dê forças para continuar essa luta e sair de mais esse momento de batalha, de luta, de resistência, juntos, firmes e fortes, com todos os nossos aliados e parceiros. Espero que lá na frente a gente possa fazer jus as pessoas que se foram, que possamos dizer que vencemos mais essa batalha juntos e que vamos dar continuidade a essa luta do Movimento Indígena. Eu queria agradecer muito a oportunidade de estar falando nesse momento, de estar colocando para fora esse sentimento. Quero chamar todos os povos para que a gente continue firme nessa batalha, conjuntamente, pois acredito que lá na frente sairemos todos vencedores. Obrigadol!

Brasília, Brasil | 20 de agosto de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Das 19 mortes no Oiapoque 14 são de indígenas

PRISCILA BARBOSA DE FREITAS

Saudações a todos, eu me chamo Priscila Barbosa de Freitas, sou do povo Karipuna, da região do Rio Oiapoque, graduanda no Curso de Direito na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque. Minhas afetuosas condolências a todas as famílias que perderam seus entes queridos nesse período de pandemia. Meus sinceros agradecimentos a todos os parceiros que contribuíram de forma direta e indireta para o atendimento básico à saúde nas comunidades indígenas.

O PET-Indígena foi um desses parceiros, muitas vezes eu recorri aos relatos dos parentes que foram publicados pelo PET-Indígena para justificar os pedidos para as instituições governamentais e não governamentais, para que levassem o atendimento às comunidades indígenas. Quando eles falavam que as comunidades estavam sendo assistidas com medicamentos, que tinha profissional de saúde, que nós estávamos bem, que o que estávamos pedindo eles já tinham mandando, nesses momentos nós recorremos ao PET-Indígena através dos relatos, nós recorriamos às lideranças de base, aos caciques, aos relatos deles, nós mostrávamos as cartas que eram encaminhadas para a gente. O PET-Indígena contribuiu muito nisso, na visibilidade da situação nas aldeias, muito mesmo!

Das 19 mortes no município do Oiapoque 14 são de indígenas, e isso nos assusta. Nós, como Movimento Indígena, buscamos o melhor para os atendimentos de saúde, com medicamentos, com recursos humanos, com profissionais de saúde, cestas básicas, entre outros. Solicitávamos, fazíamos pedidos, justificávamos, cobrávamos do Estado. É dever dele, do Estado, atender às comunidade indígenas! Fizemos tudo da melhor forma que poderíamos, mas mesmo assim não foi suficiente, muitos morreram!

Nós também tivemos perdas próximas, de quem estava na linha de frente, perdemos muito, mas mesmo assim, com as dores do luto de nossos familiares, nós continuamos lutando. É como se a nossa tristeza se transformasse em força, pedimos muita ajuda dos nossos Karuãnas e de Deus para continuar, sabedoria para ajudar as comunidades. Quando o pico da

covid-19 diminuiu nas nossas comunidades fomos notando as sequelas, muitas delas são psicológicas, e também o agravamento de outras doenças. Está nítido que o Estado não oferece condições adequadas a esse atendimento à saúde, nem para os povos indígenas e nem para a comunidade local aqui do município de Oiapoque, o caos é geral.

No meio desse caos nós buscamos a nossa medicina tradicional, nossos conhecimentos medicinais. Eles contribuíram muito para que não tivéssemos mais perdas e a covid-19 não se agravasse mais dentro das comunidades. Quando adoeci, eu recebi os remédios vindo das comunidades e eu agradeço a quem mandou, as pessoas que mandaram para eu tomar. Sou do grupo de risco, passei muito mal quando fui contaminada com a covid-19, tive que ser internada, mas usava muito a medicina tradicional, meus amigos mandavam receitas e eu fazia. Mesmo assim, pós covid-19, ainda sinto sequelas ao respirar, tenho dificuldades com a comunicação e com a fala, eu me sinto muito cansada, e até hoje continuo fazendo uso dos chás, também comecei a plantar algumas espécies dessas plantas para que eu faça chá para eu tomar, eu aprendi muito nessa pandemia, nessa troca de conhecimentos da medicina tradicional.

Os problemas psicológicos pós covid-19 são bastante comuns, principalmente na nossa região do rio Oiapoque, onde nós tivemos 4 óbitos da covid-19. Lá, as aldeias são pequenas e há vários casos de pessoas com problemas psicológicos, com depressão. Nos preocupamos ainda mais porque o Distrito Sanitário Especial Indígena do Amapá e Norte do Pará não tem profissionais disponíveis. A covid-19, para a gente, ainda é uma preocupação, apesar de ter diminuído nas comunidades, porém ainda é uma doença muito desconhecida. As pessoas estão voltando as suas vidas "normais", como se a doença não oferecesse mais perigo para as suas vidas, mas nós sabemos que ainda existe perigo, e nós temos que tomar todos os cuidados, seguindo os protocolos e medidas de prevenção, precisamos continuar com as nossas normas de prevenção da covid-19, porque se tiver uma segunda onda nós não estamos preparados para isso, nem um pouco!

Sentimos na pele que o Sistema de Saúde é muito fragilizado, principalmente nos atendimentos das comunidades indígenas. Então, se houver uma segunda onda, nós vamos perder mais vidas para a covid-19. Por isso os cuidados têm que ser retomados dentro das comunidades, para ajudar nessas medidas de prevenção. Eu peço a todos que estão lendo

esse relato que continuem tendo os cuidados necessários para a prevenção da covid-19 dentro e fora das comunidades indígenas.

Essa pandemia nos deixou com muitas saudades das pessoas que nós amávamos, que nós amamos, eu sou uma que sente saudades. Aqui no Oiapoque quem me ajudava com as crianças, quem todo dia ligava para saber como a gente estava, era a avó dos meus filhos. Eu acompanhei quando ela estava doente, levava as coisas para as comunidades indígenas e, quando retornava, ia vê-la, olhar ela. Até que um dia ela me ligou em um domingo, ela me mandou mensagem me pedindo que eu fosse lá, na casa dela, porque ela queria conversar comigo. Eu tinha que levar materiais de ajuda para a Aldeia Kunanã, avisei a ela que voltaria no mesmo dia e passaria em sua casa. Mas quando eu voltei, não consegui ir vê-la porque a minha avó estava doente, eu cuidava dos meus avós e dela, eram três, isso porque não tinha ninguém aqui no Oiapoque, era só eu, e eu me desdobrava. Eu fui vê-la às 11 horas da noite, foi só quando consegui ir em sua casa.

Quando cheguei e fui medir a pressão dela tomei um susto tão grande, eu vi que ela estava com falta de ar e a levei para o hospital. Chegando lá vimos que a saturação dela estava 80, levaram direto para a sala de oxigênio. Passamos dois dias para pedir a transferência dela e, depois de muita luta, conseguimos sua ida para Macapá, já intubada. Eu fui junto, eu acompanhei ela porque nós éramos muito amigas, muito mesmo! Todo momento eu dizia que iria trazer ela com vida, dizia para que ela não se preocupasse, que eu iria fazer tudo que eu podia para trazer ela com vida! Ela tinha muito medo de ser intubada, mas em Macapá, após quatro dias, ela não resistiu...

Para mim foi um choque muito grande, mesmo sabendo que o estado dela era muito grave. Eu tinha visto nos exames dela que o seu pulmão já estava 75% comprometido, ela era uma senhora, estava com diabetes, estava com a pressão descontrolada, os rins comprometidos... Mas eu não me conformava... Como eu iria falar isso com meus filhos? Quem me ajudava com as crianças era ela, sempre foi ela!

Hoje eu estou me readaptando, estou me reeducando sem ela, mas é muito difícil. Eu não apago as nossas mensagens pelo whatsapp, eu escuto, às vezes, as mensagens dela, os conselhos... mas é muito difícil... Também perdemos tios, meu pai esteve em estado grave também, aí é bem complicado, mas a gente segue. Quando eu vim fazer esse relato fazia tempo que eu não falava isso com ninguém, veio toda aquela tristeza de não

poder fazer nada. Tu te doa para ajudar todo mundo, fazer pelas pessoas que tu não conhece, mas quando chega com a tua família, tu não consegue, por mais que tu faça, tu acha que nunca fez o possível... Eu me culpo muito ainda pela perda dos meus familiares, pela perda do meu tio, da minha sogra, que era minha amiga, eu me culpo todos os dias... Eu fico pensando, meu Deus, se eu tivesse feito isso, tivesse feito aquilo, talvez eles não teriam ido... a gente fica se culpando... Obrigado por escutar meu relato, hoje consegui desabafar com o meu celular, parece uma terapia, o PET também é uma terapia...

Oiapoque, Amapá, Brasil | 20 de agosto de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Eu estava ciente que o primeiro contato seria conosco

CLEBESOM GABRIEL SILVA

Meu nome é Clebesom Gabriel Silva, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, da Aldeia Samaúma, que fica na BR-156, KM 83, na Terra Indígena Uaçá. Atualmente moro em Oiapoque e sou formado no Curso de Análises Clínicas pela Escola Técnica Graziela Reis de Souza, em 2011. Também sou graduando no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, pela Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional do Oiapoque.

Aqui no município de Oiapoque desenvolvo minha função como técnico em laboratório no Hospital Estadual do Oiapoque (HEO). Eu contribuo na realização de exames para a população local e, principalmente, para os indígenas desta região. Minha rotina é na modalidade de escala, trabalhando 12 horas, às vezes de dia, outras à noite.

Quando surgiram as notícias dessa pandemia de covid-19 eu não imaginava que chegaria na minha cidade, muito menos nas aldeias. Acompanhei os noticiários e vi muitas vidas serem ceifadas mundo afora. Só então percebi que seria questão de tempo até essa doença chegar em nosso país e aqui no estado.

Como profissional da área da saúde eu estava ciente que o primeiro contato seria conosco. Sabendo que o laboratório em que trabalho é de apoio e diagnóstico, e que temos apenas esse em nosso município, eu sabia que o nosso trabalho seria mais que essencial para a população local e indígena. Tive medo, não apenas por mim, mas pelos meus familiares, pais e sobrinhos, pois uma doença nova estava em nossa cidade, e não sabia qual seria o efeito dela em cada indivíduo.

Fazer coletas de sangue faz parte da minha função, no HEO passamos a ofertar também o teste rápido para o diagnóstico da covid-19. Como havia pensado, a doença chegou em nosso município e atingiu os quatro povos indígenas que aqui vivem: Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayene, Galibi Kalin'a e Karipuna.

Trabalhar no hospital da minha cidade é muito gratificante, os indígenas que moram na cidade e nas aldeias se sentem muito mais à vontade ao serem atendidos por outro indígena. Eu sempre me identifico para os indígenas que dão entrada no hospital. Assim, o atendimento se torna mais confortável e, sempre que possível, me comunico na minha língua, o Kheuól Galibi-Marworno.

Nesse período de pandemia que estamos vivendo vi muitos indígenas internados. A doença não fez distinção entre nós. Alguns tiveram alta, outros foram vencidos pela doença. É muito triste passar por essa experiência, eu entrei muito em contato com pessoas doentes e acabei pegando o coronavírus, mas tive sintomas leve.

Atualmente as internações tem caído muito em relação aos indígenas, ainda é possível ver que, na cidade de Oiapoque, os casos não pararam de aparecer. Ainda existe um grande número de pessoas que não têm tomado os devidos cuidados, a cidade reabriu o comércio e é possível ver um grande número de gente andando sem máscara nas ruas. Acredito que nesse momento as pessoas devem ter mais cuidado e atenção para isso, pois o vírus continua circulando entre nós, seja na cidade ou aldeia, todos devemos nos proteger nesse momento.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 22 de agosto de 2020



Tive que orientar muito meu povo

JEILSO ORLANDO BATISTA

Me chamo Jeilso Orlando Batista, sou indígena, meu povo é o povo Palikur-Arukwayene, meu clã é wakavuyene, tenho 25 anos, moro na Aldeia Kumenê, atualmente sou Agente Indígena de Saúde (AIS). Eu fui capacitado como microscopista do DSEI-Norte do Pará para examinar lâmina e dar diagnóstico de malária vivax ou falciparum, entre outras doenças. Eu fui capacitado para ajudar meu povo Palikur. Em 2020 ouvimos falar de uma doença mais perigosa, ouvimos falar pelas notícias da TV, do WhatsApp e Facebook.

Eu fiquei muito assustado com o meu povo Palikur, porque é muita dificuldade para ele usar máscara. Nós, do Pólo Base Kumenê, pensamos em como orientar nosso povo Palikur sobre essa doença, o coronavírus. Vieram profissionais para me orientar, enquanto Agente de Saúde, e também os outros que trabalham no Pólo Base Kumenê.

Eu tive que orientar muito meu povo Palikur, orientar como se proteger, orientar a usar máscaras e a lavar bem as mãos. Orientei a não sair da aldeia, disse para ficar em isolamento na aldeia. Eu tenho muita preocupação com as crianças, os idosos, hipertensos e diabéticos. Eu fui falar com o cacique para ele fazer reunião com a comunidade, para todos ficarem em isolamento um mês. Como meu povo Palikur é resistente, eles foram reclamar com o cacique, eles queriam ir comprar alimentos para a família deles na cidade. Assim, quando percebemos, o vírus já estava na comunidade.

Eu me preocupei muito com minha família! Depois de uma semana minha mãe pegou o coronavírus, meu pai também pegou coronavírus. Eu conversei muito com minha família, meu irmão e minha irmã para usar as máscaras e lavar as mãos. Eu fiz remédios caseiros para meus pais e deu certo, minha mãe e meu pai melhoraram muito.

Ai as pessoas de fora vieram ajudar a gente por causa do coronavírus, médico e enfermeiros vieram aqui na aldeia fazer uma ação. Eram quinze pessoas, pessoas brancas que vieram ajudar a gente por causa do coronavírus. Ficamos alertas na aldeia, ficamos alertas para identificar

os pacientes, quem estava com o vírus. Andamos pela Aldeia Kumenê um mês, dois meses, nós andamos sem parar para atender os doentes. Junto com os outros profissionais do Pólo Base Kumenê, nós descobrimos que mais de 90% das pessoas da Aldeia Kumenê foram infectadas. São muitas pessoas! Aqui nós ficamos com o enfermeiro, o médico e os agentes de saúde em alerta, principalmente em relação aos idosos, diabéticos, gestantes e crianças.

Eu e meus parceiros de trabalho reforçamos muito o atendimento à comunidade, passamos a fazer mais visitas nas casas. Visitamos mais idosos, diabéticos e hipertensos, também visitamos as aldeias próximas, que também foram infectadas pelo coronavírus. Meu povo Palikur fez remédios caseiros, também usamos no Pólo Base Kumenê dipirona, paracetamol e azitromicina. Agradeço a Deus porque não tivemos muitas mortes, Deus abençoou o povo Palikur e estamos conseguindo vencer essa doença. Essa é a minha palavra que deixo para vocês.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil | 23 de agosto de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Elissandra Barros



Passei a dar valor para a medicação natural

NILTON ROBERTO

Meu nome é Nilton Roberto, sou da etnia Galibi-Marworno e moro aqui na Aldeia Kumarumã, trabalho também aqui, no Pólo Base de Kumarumã, vou falar um pouco de como chegou a pandemia aqui na Aldeia Kumarumã. Eu tenho assistido muito as notícias de jornais, muita gente pensou que a covid-19 nunca iria chegar aqui no Brasil, e muito menos aqui na Aldeia Kumarumã. A notícia começou a circular mais nas redes sociais e na televisão quando o coronavírus chegou ao Brasil e começou a se espalhar pelos estados brasileiros. Quando percebemos chegou ao estado do Amapá e ao município de Oiapoque.

As autoridades fizeram o decreto da quarentena, impedindo a entrada e saída de pessoas de suas cidades ou aldeias para outras localidades. Aqui na Aldeia Kumarumã muita gente viu que a notícia era muito séria, mas muitos se aproveitaram para sair para a cidade de Oiapoque e fazer suas compras. O Cacique e os conselheiros aqui da aldeia fizeram reunião com todo o povo aqui da comunidade, falaram sobre a importância da quarentena, do distanciamento social e do uso de máscaras, só que devido a quantidade de gente que reside aqui na aldeia foi difícil fazer o controle...

No final de abril para início de maio surgiu um caso suspeito aqui na aldeia, era o paciente Gilberto Narciso, que veio até o Pólo Básico de Kumarumã se queixando de insuficiência respiratória, febre e muita tosse. O Pólo Base o encaminhou imediatamente para a CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque para fazer exames. Lá o paciente fez o exame e deu positivo para covid-19!

A notícia do exame positivo chegou rápido aqui na Aldeia Kumarumã e a comunidade toda ficou em alerta. Daí para frente começaram a aparecer outros casos suspeitos, muita gente saiu para a mata buscando remédios naturais, outros foram até a montanha Tipoca e foi acionada a equipe do DSEI (Departamento Sanitário Especial Indígena) para fazer uma busca ativa aqui na aldeia, afim de identificar os casos. Veio a equipe coordenada pelo enfermeiro Flávio Nolasco, foi feito um trabalho em toda a comunidade, identificados novos casos positivos.

A comunidade passou a praticar a quarentena... Eu contrai a doença, passei por momentos difíceis em minha vida, passei a sentir insuficiência respiratória à noite, muitas dores no corpo e fiquei muito debilitado, mas eu consegui vencer, graças a Deus. Não tomei remédio da farmácia, eu fiz o tratamento com remédio caseiro, eu melhorei muito e passei a dar valor para a medicação natural. Tivemos três casos de óbito, mas foram pessoas idosas que já tiveram outras complicações, como diabetes e hipertensão, mas a maioria da comunidade conseguiu vencer essa pandemia.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil | 23 de agosto de 2020
Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza



Temos que contar a grande turbulência que passamos

SÉRGIO DOS SANTOS SILVA

Olá, sou Sérgio dos Santos Silva, do povo Galibi-Marworno, tenho 49 anos, nasci e me criei na Aldeia Kumarumã, município de Oiapoque, estado do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa, Terra Indígena Uaçá, onde comecei os meus estudos nos anos 1980, com a primeira série primária na época. Hoje sou graduado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional de Oiapoque, também faço Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas, também na UNIFAP. Atualmente moro na Aldeia Anawerá, BR-156, Km-102. Trabalho no Museu Kuahi dos Povos Indígenas do Oiapoque, sou militante do movimento indígena desde 1996 até a presente data, fui cacique na Aldeia Kumarumã em 2005, hoje sou conselheiro da Aldeia Anawerá. Fui presidente do CONDISI (Conselho Distrital de Saúde Indígena) e também secretário do CCPIO (Conselho de Caciques dos Povos Indígenas de Oiapoque), e atualmente sou missionário da religião evangélica, graças a Deus.

Então, vou relatar um pouco sobre a pandemia da covid-19, dessa grande tempestade que se iniciou na China em novembro de 2019, mas que ninguém percebeu a gravidade, já viemos perceber esse ano! Em março

as mídias do mundo inteiro estavam divulgando na TV, internet, rádios, entre outros meios de comunicação, o vírus que estava atacando a China e matando muitas pessoas, e que também se expandiu para outros países do mundo. Quando o vírus estava no exterior ainda não era preocupante para nós, indígenas, mas quando chegou no nosso Brasil, com alguns casos suspeitos, aí começou a ficar preocupante para nós. Quando vimos que todos os canais de televisão só falavam dessa pandemia do novo coronavírus e no Brasil já haviam casos positivos em São Paulo e no Rio de Janeiro, começou a vir o desespero do povo amapaense, principalmente os oiapoquenses e, muito mais, os povos indígenas dessa região de fronteira, das Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi.

Nem deu tempo de nós nos reunirmos e parou tudo, já vieram os decretos dos governos federal, estadual e municipal. Todos os indígenas que trabalhavam e estudavam na cidade de Oiapoque tiveram que voltar para suas respectivas aldeias de origem, para o cumprimento da quarentena. Aqui em Oiapoque o vírus chegou, a primeira vítima da covid-19 foi o empresário Miranda, da CRS Miranda. Foi aí que veio o grande desespero das comunidades indígenas, cada povo ficou em suas comunidades, em quarentena.

Mas não teve jeito! As famílias tiveram que vir para a cidade para comprar seus alimentos e receber seus vencimentos. Foi aí que o vírus chegou nas aldeias! Nós, indígenas, começamos a fazer os chás de ervas de vários tipos de medicamentos tradicionais, inclusive o limão com o alho, e com o jambu e o boldo, foi um grande remédio para combater a pandemia. Nas comunidades, as igrejas evangélicas – mesmo com a proibição dos decretos para que não houvesse aglomeração entre as pessoas – se organizaram pra orar, pedindo proteção para Deus, para quebrar a velocidade que o vírus vinha em direção dos povos indígenas.

Nós, da Aldeia Anawerá, oramos quase 24 horas durante todo tempo até hoje, pedindo proteção para Deus, a gente sabe que Deus é tudo nas nossas vidas. Quando nós soubemos a notícia que a doença tinha chegado na Aldeia Kumarumã, aí que veio o desespero, as mulheres, crianças e jovens correram para um lado e para o outro, chorando, dizendo que todos nós íamos morrer. E nós, homens, acalmando, dizendo:

– Calma gente, nós não vamos morrer em nome de Jesus, vamos ter fé em Deus que vai dar tudo certo!

Nós quase não comíamos, não dava essa vontade de comer e nem dava quase fome, e o nosso trabalho era orar, fazendo campanha nas casas das

familias, pedindo proteção para Deus, para ele repreender esse vírus, para não atacar com muita velocidade as pessoas, e assim, com a graça de Deus, não atacou nós, indígenas, com muita força. Morreram poucas pessoas das comunidades do Oiapoque. Sim, essa maldita doença matou gente que estava com problemas de saúde. Eu comparo como uma grande tempestade, com muito vento forte, que passa em uma floresta e consegue derrubar algumas árvores que já estavam com problemas de saúde ou podres, mas esse vírus não pegou muito forte as demais pessoas das comunidades.

Eu e a minha esposa só tivemos três dias de febre e dor de cabeça, garganta seca e a perda do paladar, foi só! Graças a Deus, quando nos pegou, nós viemos da aldeia, chegamos em casa, no Oiapoque, já de tardinha. Aí eu senti meu corpo ruim, falei para minha esposa, disse que estava com meu corpo febril. Aí minha esposa disse que devia ser do cansaço da viagem. Aí ela disse:

- Você veio dirigindo, deve ser cansaço!

Aí eu disse:

-Não, todo tempo eu dirijo, não fico assim!

Aí não teve jeito, a febre me derrubou na cama, peguei o lençol, me embrulhei, já tomei um remédio para febre. Aí eu suei, quando deu duas horas da manhã a minha esposa caiu com febre. Aí eu disse:

- Meu Deus, só o senhor mesmo agora, não temos ninguém para nos socorrer, para dar pelo menos uma água.

Assim foi que tivemos a covid-19, mas não deu muito forte, com três dias não deu mais febre, só mesmo a garganta seca, a tosse e a perda do paladar e dor de cabeça, e nós continuamos com as nossas orações, pedindo proteção para Deus, para todo o Brasil, para o mundo e, principalmente, para as comunidades indígenas do Brasil e do Amapá. Teve gente que nem deu febre, só uma dor de cabeça, a perda do paladar e diarreia, mas foi um grande susto para nós indígenas.

Durante essa pandemia da covid-19 fiquei muito triste de ver os grandes centros desertos, tipo as cidades grandes, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre outras. O nosso Oiapoque ficou triste e deserto, sem circulação de pessoas e veículos, todo mundo usando máscara, foi um sufoco, ninguém era acostumado de usar máscara, mas vivenciamos e atravessamos esse grande obstáculo nas nossas vidas. Temos que contar para os nossos filhos e netos a grande turbulência que passamos e hoje,

graça a Deus, já está diminuindo esta maldita praga que nos atacou, Deus em primeiro lugar, já está passando. É por isso que fizemos uma grande festa de agradecimento ao papai do céu, na Aldeia Kumarumã, no período de 14 a 16 do corrente mês, com o tema “Grandes coisas o SENHOR fez para nós; por isso estamos alegres” (Salmos CP. 126 Verso 03). Finalizo meu relato por aqui e quero agradecer a todos.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 23 de agosto de 2020



Os profissionais de saúde foram os que mais sofreram

ROSINEIDE NARCISO

Me chamo Rosineide Narciso, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, tenho 50 anos, sou acadêmica do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, na Área de Ciências Exatas, pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Há 31 anos moro em Oiapoque, trabalho na área da saúde, sou Agente Comunitária de Saúde (ACS). No final de fevereiro, quando encerrou as aulas na UNIFAP, voltei para minha rotina de trabalho. Em março trabalhei apenas duas semanas, tive que parar pois logo a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez a recomendação do isolamento social.

Março foi o preparação para a chegada da covid-19 em nosso município, fizemos um preparação em Clevelândia do Norte para o enfrentamento da covid-19 com palestras e ações. Tivemos a orientação de como trabalhar com essa doença, uma doença que se alastrava pelo mundo a fora, mas já haviam casos no Brasil e não ia demorar muito para chegar no Amapá e em nosso município. Os ACS aprenderam a lidar com o seu público, a fazer as visitas não mais como antigamente, quando chegávamos com toda a liberdade, entrávamos nas casas e conversávamos, não temos mais esse contato! Agora é somente “Bom dia! Como você está? Você está bem?”, passei a trabalhar assim.

Trabalhei duas semanas orientando meus pacientes hipertensos, diabéticos e grávidas a ficarem em casa, em quarentena, para não ter contato com o

vírus. Comecei a fazer a orientação dentro de casa para meus filhos, dizia para quando saírem sempre usarem máscaras, não lanchar fora de casa, chegar em casa e lavar as mãos... Logo depois fiquei de quarentena!

Fiquei em quarentena e não saí de casa, só quando foi necessário para fazer as compras, comprava muito para não precisar ir mais ao mercantil. Ia na padaria uma vez por semana e comprava muito pão, deixava na geladeira para conservar, coisa que eu nunca tinha feito! Um dos meus filhos, que já é casado, foi com sua esposa para a Aldeia Kumaramã. Minha outra filha foi para o terreno junto com o seu pai, a outra filha ficou em sua casa, isolada, e eu fiquei isolada em minha casa.

Depois de um tempo com tudo isso acontecendo tive ansiedade, insônia e quase um início de depressão. Aprendi a me reinventar na minha própria casa. No mês de junho fiquei sabendo que meu filho tinha pegado o vírus na aldeia, fiquei muito preocupada. Ele apresentou sete dias de febre e tosse, ele tomava remédios farmacêuticos e chás caseiros que ajudaram bastante em sua recuperação. Depois que meu filho adoeceu fiquei com o psicológico mexido, então pensei em voltar a trabalhar, mas como faço parte do grupo de risco, sou hipertensa, fiquei com medo, porque a maioria das minhas colegas de trabalho pegaram covid-19.

Os parentes na aldeia são acostumados a se preocuparem uns com os outros, porém, nesse tempo de pandemia, não conseguiram muito ter um isolamento adequado. Acho que foi por causa da união uns com os outros: os parentes adoecem e os outros vão visitá-los, os parentes morrem e todos vão ao velório. Então não teve aquela restrição, aquele isolamento. Talvez, não sei, se tivesse feito o isolamento não tivesse muitas mortes de parentes na nossa região, mas só Deus mesmo!

Fico muito triste pelos parentes que perderam os entes queridos, essa pandemia me fez ter vagas lembranças de quando surgiu o sarampo e de como chegou nas aldeias, muitos parentes naquela época se isolaram, se refugiaram, também perdemos muitos parentes naquele tempo.

Tive contato com pessoas que contrairam o vírus, fizeram teste e deu positivo. Eu sempre fiz o teste e sempre deu negativo, mas aqui em Oiapoque, a cada oito casas que eu faço visitas, duas casas ou mais contrairam o vírus ou estão com o vírus. Faço teste a cada sete dias para saber se estou bem, sem o vírus.

Nós, povos indígenas, tivemos impactos com o isolamento social, muitos são produtores de farinha e trazem para vender na cidade, mas não podiam

fazer isso. Outros indígenas que moram em Oiapoque, seja por trabalho ou outro motivo, tiveram que voltar para sua aldeia, seja para ficar em isolamento ou por não ter condições financeiras de se manter na cidade. Esse impacto afetou toda a sociedade brasileira, não só nós indígenas.

Os profissionais de saúde foram os que mais sofreram e ainda sofrem nessa pandemia. Perdemos médicos, enfermeiros, agentes de saúde, técnicos... mas eu estou aqui firme e forte! Eu acredito em dias melhores.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 25 de Agosto de 2020



Estamos fazendo de tudo para ajudar nosso povo

HOSANDINHO CHARLES DOS SANTOS

Eu me chamo Hosandinho Charles dos Santos, tenho 34 anos, sou indígena da etnia Galibi-Marworno, atualmente eu moro na Aldeia Tukay, no KM-92 da BR-156, na Terra Indígena Uaçá, estado do Amapá. Sou formado na área da saúde, no Curso Técnico em Enfermagem, e sou graduando do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), no Campus Binacional de Oiapoque. Hoje eu estou trabalhando como técnico em enfermagem na minha própria comunidade, onde fica o posto central de saúde que dá atendimento a mais quatro comunidades que também se localizam na BR-156 e fazem parte da minha área de trabalho.

Como técnico de enfermagem, diante dessa pandemia da covid-19, eu posso dizer que a gente sentiu muita dificuldade. A gente estava triste, pensando como seria a chegada desse vírus na nossa comunidade. Eu fiz o máximo como técnico para estar sempre orientando e sensibilizando as comunidades em que eu trabalho sobre a utilização de máscara e a utilização de álcool em gel. Como eu trabalho com cinco aldeias, acredito que a visita foi essencial nesses tempos de pandemia, a gente não podia ficar de mãos, de braços cruzados... Era preciso orientar, passar as informações para a comunidade, orientações de prevenção da covid-19.

A gente sentiu muita dificuldade na questão do isolamento social, na quarentena nas aldeias. Eu observei muito isso, tinha entrada e saída de pessoas nas aldeias, e isso dificultou muito o nosso trabalho como técnico e facilitou, com certeza, a entrada do vírus nas nossas comunidades. Foi muito difícil sensibilizar as pessoas a usar máscaras, álcool em gel, a estarem nas suas comunidades, é uma das maiores dificuldades que eu ainda estou sentindo como profissional.

A contaminação chegou aqui na BR primeiro pela Aldeia Samaúma, que é uma comunidade que fica no KM-83. Quando chegou nessa aldeia teve um surto de febre de uns 14 a 15 dias. Não foi durante a minha escala, eu não tinha como visitar, essa comunidade passou por momentos muito difíceis. Depois chegou na Aldeia Tukay, no mês de maio, através de uma senhora que veio do município de Oiapoque e que tinha realizado uma cirurgia cesariana. Entrei em contato com ela diretamente por causa dos curativos, por causa da limpeza que eu precisava fazer na cirurgia. Então eu peguei o vírus e, com certeza, eu coloquei a minha família em risco, todas as pessoas que vivem comigo na minha casa, esse foi um momento muito triste para mim como profissional.

Quando o coronavírus chegou na minha aldeia disseminou muito rápido na comunidade e todo mundo, praticamente, ficou sem saber o que fazer, porque eu sou o técnico e estava doente, estava com febre constante, eu não podia atender o meu pessoal da comunidade e também as pessoas das outras comunidades. Logo depois o vírus apareceu na Aldeia Anawerá, também com um surto de febre muito grande nessa comunidade. Eu estava de escala nesse momento e a gente tinha que fazer o máximo para tentar ajudar as pessoas, graças a Deus na Aldeia Samaúma e na aldeia Anawerá os pacientes não evoluíram para um quadro mais grave de covid-19.

Na Aldeia Tukay a situação foi mais difícil para as pessoas que sofriam de problemas pulmonares e doenças crônicas, como a hipertensão e diabetes. Nossa preocupação era maior com essas pessoas de risco, minha preocupação era como iria ficar o estado clínico dessas pessoas se pegassem covid-19. A gente sabe que isso não depende tanto da pessoa, mas depende muito do sistema imunológico da pessoa, foi o que eu percebi durante esses casos de febre que deu nas pessoas.

O meu pai foi uma pessoa que não conseguiu resistir ao coronavírus porque já sofria problemas pulmonares antes, então, quando ele pegou a covid-19, a situação dele ficou mais grave ainda, eu tive que

referenciar ele para o Oiapoque, para o atendimento mais adequado, mas ele não resistiu. Assim como também uma criança, que é daqui da Aldeia Tukay, uma criança de 4 anos que estava com o diagnóstico de leucemia. Ela saiu daqui com o diagnóstico, quer dizer, com uma impressão diagnóstica, mas foram feitos os exames em Belém e deu positivo para leucemia, mas quando a criança pegou a covid-19 não conseguiu resistir, são esses pacientes que fazem parte da minha área que não conseguiram resistir.

Hoje, graças a Deus, está tudo um pouco calmo, as comunidades, praticamente, já estão se recuperando. As vezes alguém apresenta dificuldades para respirar, mas a gente já tem uma prática de como lidar com esses pacientes, e é muito importante o nosso trabalho como profissional de saúde, fazendo o máximo possível para as comunidades indígenas.

O vírus ainda circula nas nossas comunidades e a gente está ciente disso, então a gente sempre tem que continuar a usar máscaras diariamente, higienizar as mãos e se prevenir da melhor forma possível. Isso é uma das orientações que eu passo para as comunidades nas quais eu trabalho. É esse o relato do meu trabalho como técnico e é muito importante o nosso papel diante dessa pandemia. Nós, profissionais de saúde, estamos fazendo de tudo para ajudar as nossas comunidades.

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil | 25 de agosto de 2020



Ainda existe medo, nada voltou ao “normal”

ODAIR JEANJACQUE

Me chamo Odair Jeanjacque, indígena da etnia Galibi Kalin'ã e Karipuna. Enfermeiro, desenvolvendo, nos dias de hoje, a função de responsável técnico do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) do Amapá e Norte do Pará, no município de Oiapoque. Nesses meses da pandemia pude vivenciar os dois lados, o do paciente e o do profissional de saúde. Como já havia dito no meu relato anterior, fui o primeiro indígena contaminado pela covid-19 no Estado do Amapá e, após minha recuperação, passei a trabalhar diretamente na equipe de intervenção a covid-19. Como paciente pude ver que, por se tratar de algo novo, poucos profissionais de saúde estavam preparados para o que estava por vir. Uns por achar que o vírus não chegaria aqui, outros por insegurança diante da situação ou até mesmo por não buscar o mínimo de informação.

Como profissional fui em quase todas as aldeias da região de Oiapoque e algumas da região do Parque do Tumucumaque. Pude ver de perto a realidade de cada uma. Implantar as medidas de distanciamento social foi quase impossível e, muitas vezes, desnecessárias, pois na maioria dos locais quando a equipe chegava nas aldeias detectava um cenário de transmissão comunitária. Confesso que pensei que o vírus iria ser devastador no nosso povo, pois somos do grupo de risco por apresentarmos baixa imunidade, mas a realidade era outra. O vírus chegou de uma forma branda na maioria dos casos, em algumas aldeias tiveram casos mais graves, porém em pessoas que já apresentavam histórico de outras doenças, principalmente hipertensão e diabetes. Doenças essas com grande incidência na nossa população por nossos hábitos alimentares e hereditariedade.

Eram vários questionamentos por parte dos parentes e muitos que pegaram a doença nem sabiam do que se tratava, diziam ter tido uma gripe forte. Em uma aldeia do alto rio Uaçá, próximo à Aldeia Kumarumã, a agente de saúde indígena local relatou à equipe que uma pessoa da aldeia ficou doente e, por serem evangélicos, um grupo se reuniu para orar (pensavam que era coisa de espírito) mas observaram que, com o passar dos dias, essas mesmas pessoas começaram a apresentar sintomas

parecidos, quanto mais se reuniam mais pessoas ficavam doentes, e logo todos da aldeia ficaram assim. Queixavam-se “que a comida não pegava gosto, que sentiam calafrios, moleza no corpo e dor na cabeça e na costa”. No decorrer do tempo começaram a ter ideia do que se tratava, pois alguns ouviram falar no “tal” vírus e os seus sintomas. E a cada aldeia que chegávamos as histórias eram bem parecidas.

Nas aldeias do Parque do Tumucumaque o cenário era de medo. Por viverem em uma região isolada e de difícil acesso não acreditavam que o vírus pudesse chegar lá. A situação era mais delicada por não terem nem o básico, como sabão para lavar as mãos, já que o único meio de chegar nesse local é por avião e é bem caro o frete, lá também não há comércio para fazer compras. No Tumucumaque suspenderam todas as atividades realizadas em grupo para que, de alguma forma, pudessem conter o avanço da doença, mas de nada adiantou. O vírus já estava circulando em quase todas as aldeias da região. Nas duas regiões ouvimos falar com unanimidade sobre o uso de chás e banhos que estavam sendo utilizados como remédio para combater os sintomas da doença. Todos, de criança a ancião, estavam tomando o chá. E, aparentemente, estava dando certo, porque a doença não evoluía para a maioria das pessoas.

No entanto, ainda tivemos algumas perdas de pacientes que já tinham histórico de comorbidades. Eu, particularmente, perdi meu tio Fernando, que estava como chefe da CASAI (Casa de Saúde Indígena) de Oiapoque por muitos anos. Foi uma perda irreparável para a saúde indígena do Estado, pois o mesmo já trabalhava há décadas prestando serviço à população indígena, sendo conhecido por todos. Foi um sentimento de impotência diante da situação. Mesmo fazendo tudo que estava ao nosso alcance não obtivemos êxito. Quando ele partiu era eu quem estava em Macapá acompanhando, tive que dar a notícia para o meu primo, o óbito de seu pai. E mesmo com a dor da perda tive que ser “o enfermeiro” naquele momento...

Em meio a toda essa situação de crise a saúde indígena e a população puderam contar com grandes parceiros, governo, prefeituras e entidades não governamentais que fizeram doações para que pudéssemos fazer acontecer.

Todos os dias temos pacientes novos e pacientes que ficaram com sequelas do vírus, como dor no peito, dificuldade de respirar, cansaço fácil, dor nas costas e nas articulações. Continuamos dando toda a atenção

e cuidado necessário, explicando que esses são sintomas decorrentes do novo coronavírus. Continuamos orientando as equipes da saúde indígena a ter um olhar diferenciado com todos, principalmente as grávidas e os pacientes com comorbidades, que em sua maioria são idosos.

Hoje, o cotidiano da área indígena mudou muito. Ainda existe medo, nada voltou ao “normal”, as aulas ainda não foram retomadas, evita-se ao máximo aglomeração e é preciso o uso de máscaras para ter contato com outras pessoas de fora. As festas tradicionais e religiosas ainda continuam suspensas.

Muitas vezes os indígenas não querem que pessoas de fora entrem nas aldeias, mas como a maioria da população já teve contato com o vírus os cuidados diminuíram, porém, já é do conhecimento de todos o primeiro caso de reinfecção por covid-19, que foi confirmado em Hong Kong, então, não podemos relaxar. Todos estamos ansiosos pela vacina, mas até que ela seja uma realidade temos que continuar com todas as medidas de prevenção.

Oiapoque, Amapá, Brasil | 27 de agosto de 2020



Iepé Oiapoque

Rua Lelio Silva, 91 - Centro
68980-000 - Oiapoque-AP
Tel. 96-3521-3228

www.institutoiepe.org.br
sede-sp@institutoiepe.org.br

Editora da Universidade Federal do Amapá

Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n,
Universidade - Campus Marco Zero do
Equador - 68.903-419 - Macapá-AP

www2.unifap.br/editora
editora@unifap.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Editora da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Maria do Carmo Lima Marques - CRB-2/989

F177f

Fala parente! A covid-19 chegou entre nós / Elissandra Barros
(organizadora). - Oiapoque : lepé - UNIFAP, 2021.

196 p. il.

ISBN: 978-65-89517-11-5

I. Grupos indígenas. 2. covid-19-relatos. 3. Povos indígenas-histórias.
4. Pandemia-Amazônia. 5. Isolamento social-covid. I. Barros, Elissandra.
II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

306.089
CDD: 22.ed.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem permissão da organizadora.
É permitida a reprodução parcial dos textos desta obra desde que seja citada a fonte.
As imagens, ilustrações, opiniões, ideias e textos emitidos nesta obra são de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores dos respectivos textos.

bater as mentiras de cunho político e religioso, que relativizam a doença e ignoram a ciência. A pandemia pode ser reversível por meio da vacina. Mas é preciso também que mudemos as nossas ações.

Para salvar a humanidade é preciso primeiro salvar a Mãe Terra. É preciso impedir o avanço da monocultura, a exploração dos minérios, a destruição da floresta e a poluição dos nossos rios. É preciso parar de agredir nossos territórios. É preciso combater as mudanças climáticas. A salvação da Terra, e de todos nós, indígenas e não-indígenas, depende urgente da compreensão de que precisamos nos reconectar com a Mãe Terra.

Se essa compreensão não acontecer, “como será o nosso amanhã?” “É sufocante não saber quando isso vai acabar”.

Sonia Guajajara,
Coordenadora executiva da APIB

